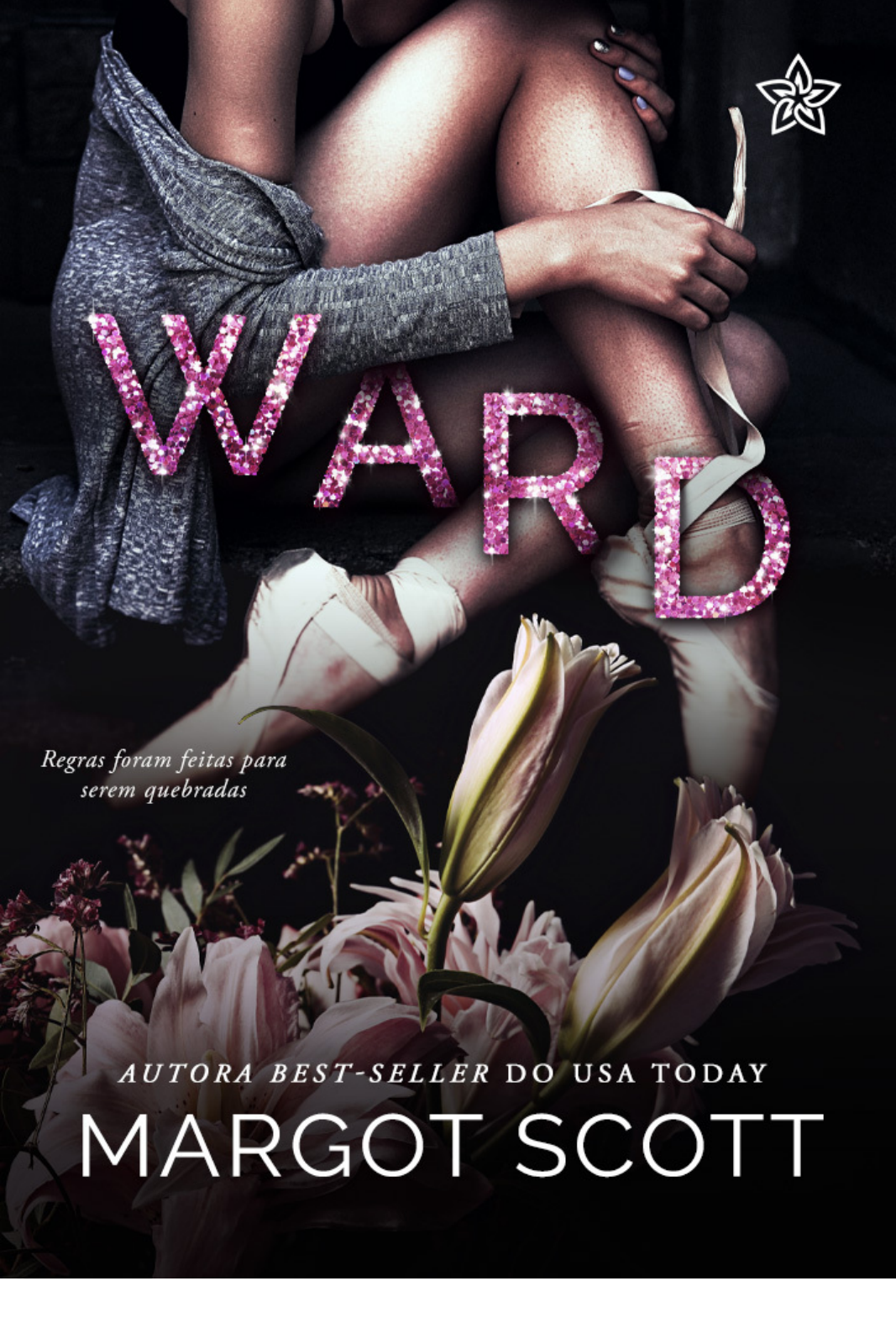




WARD

*Regras foram feitas para
serem quebradas*

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

MARGOT SCOTT

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



WARD

*Regras foram feitas para
serem quebradas*

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

MARGOT SCOTT

MARGOT SCOTT

WARD

Tradução: Mariel Westphal & Sara Lima

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Ward: Regras Foram Feitas Para Serem Quebradas

Copyright © 2022 Margot Scott

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Margot Scott

Adaptação de Capa: Joy Designer Editorial

Tradução: Mariel Westphal & Sara Lima

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: macrovector e IgorLineHome/Freeepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S425

Scott, Margot
Ward / Margot Scott [livro eletrônico] ; tradução
Mariel Westphal, Sara Lima — 1. ed. — Porto Alegre, RS
: Grupo Editorial Five, 2024.
epub

Título original: Ward
ISBN 978-65-85185-91-2

1. Romance norte-americano I. Título.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início

Aviso de gatilhos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Five

AVISO DE GATILHOS



Este romance dark contém aspectos e temas tabus que alguns leitores podem achar questionáveis, incluindo desequilíbrios de poder, relacionamentos com diferenças de idade, sexo grupal, BDSM, discussões sobre abuso sexual do passado, não consentimento consensual, suicídio e abuso doméstico.

Este NÃO é um romance leve.

CAPÍTULO 1



Grace

É difícil entender como uma casa coberta de neve pode virar cinzas ou como uma única vela esquecida poderia se transformar em um inferno capaz de destruir minha casa de infância.

Mas aconteceu, e embora períodos de calor extremo não sejam inéditos no final de janeiro, a tempestade tropical que assolou Nova Inglaterra apenas uma semana após o incêndio pareceu de alguma forma pessoal. Pensamento bobo, eu sei. Nem mesmo a chuva poderia ter salvado meus pais de serem queimados vivos naquela noite fatídica.

— Estamos quase chegando — Jen diz, com o elegante sotaque inglês. Ela agarra meu punho fechado com firmeza no banco de trás.

Sorrio, grata por sua presença tranquilizadora, e permito que meus dedos relaxem em sua palma.

O Porsche preto derrapa quando viramos à direita na floresta. Na noite passada, a temperatura finalmente caiu, transformando chuva em granizo e estradas molhadas em pistas de patinação.

— Por favor, tenha cuidado, Benjamin. — Jen aumenta o aperto na minha mão.

— Sou sempre cuidadoso, srta. Yang — nosso motorista diz com uma risada. — Prometo levar você e a srta. Whittaker para a casa do tio dela inteiras.

O homem que vou encontrar não é meu tio de verdade. Não mais. Enquanto crescia, eu tinha uma vaga consciência de que meu pai teve um irmão postiço em algum momento de sua vida. Lembro-me do grunhido feroz que dava sempre que falava do outro homem. Ele o chamou de perdedor, disse que a mãe do irmão postiço era uma vadia interesseira e que o próprio pai estava desesperado quando se casou com aquela mulher.

Meu pai contou que os dois se separaram depois que o irmão postiço se formou no ensino médio. Tenho certeza de que há muito mais na história do que tive conhecimento, mas não posso dizer que

conheci muitos perdedores que podem se dar ao luxo de empregar um motorista e uma assistente pessoal em tempo integral.

O céu nublado paira pesado sobre a paisagem, escurecendo com a chegada da noite. Não tenho dúvidas de que Benjamin está fazendo o seu melhor para nos levar pelas estradas escorregadias e sinuosas, mas a viagem é tediosa e lenta. Eu me viro no assento, respirando fundo para diminuir a pontada de desconforto. Não gosto de espaços escuros e confinados. Eles me deixam ansiosa, e estou sempre convencida de que vou ficar sem ar. A única razão pela qual consigo andar de carro é porque eles têm janelas.

— Pedi ao cozinheiro que servisse o jantar às sete horas — Jen diz, olhando para o celular. — Fica tarde demais para você, Grace? Quer que eu peça para ele mudar o horário?

Balanço a cabeça.

— Não, pode ser às sete.

— Vou pedir que ele prepare um prato de frutas para você quando a gente chegar.

— Obrigada — digo, sentindo um calor no peito com sua preocupação.

Conheço Jen há apenas alguns dias, mas ela logo se tornou uma fonte de apoio desde que soube do incêndio que consumiu meus pais e nossa casa em Massachusetts. Eu estava no internato em Connecticut, quando aconteceu, havia acabado de voltar das férias de inverno. Tinha dado um beijo de despedida na minha mãe apenas uma semana antes.

Agora o que sobrou dela poderia caber entre as minhas mãos.

Minha melhor amiga, Jasmine, ligou para os pais assim que recebi a notícia. Amigos de longa data da família, os Hill correram para me oferecer orientação e um lugar para ficar enquanto eu lutava com minha dolorosa nova realidade. Alguns dias depois, uma mulher asiática de aparência elegante com sotaque britânico apareceu na porta da família Hill.

“Olá, Grace” a mulher chique disse. “Sou Jennifer Yang. Por favor, me chame de Jen. Trabalho para seu tio, Aidan O’Rourke. Ele me enviou para ajudá-la a passar por esse momento difícil.”

O que ela não mencionou naquele momento foi que também foi enviada para me buscar.

Como não tenho outros parentes vivos, o advogado da minha família havia decidido entrar em contato com o irmão posticho do meu pai para assumir minha guarda. Por razões desconhecidas, meu tio distante, um completo estranho, concordou em me acolher.

Eu poderia ter lutado contra a decisão do tribunal. Aos dezessete anos, tenho direito de argumentar minha própria tutela. Sei que os pais de Jasmine teriam entrado em cena de bom grado para

cuidar de mim até meu aniversário de dezoito anos em junho, quando acabaria recebendo a propriedade de meus pais.

Mas Jen não estava mentindo quando disse que estava lá para ajudar. Ela lidou com tudo com a delicadeza de um maestro, dos tribunais à polícia e ao inspetor de incêndios. Garantiu que os bens da minha família fossem mantidos seguros em um fundo fiduciário. Ela me abraçou enquanto eu chorava e me contou histórias da sua família no Japão, como sua mãe a trouxe para a Inglaterra quando ela era bebê e o trabalho que um dia a levou aos Estados Unidos.

Quando perguntei por que meu tio iria querer se dar ao trabalho de cuidar de mim, Jen me disse que a mãe dele havia falecido quando meu tio tinha 16 anos. Ela pintou um retrato vívido de um garoto que perdeu o pai quando tinha 7 anos, que sabia em primeira mão o que significava estar sozinho. Ela me convenceu a encontrá-lo, não com palavras, mas com ações. Eu não conseguia imaginar uma pessoa tão adorável quanto Jen trabalhando para um vilão.

Por outro lado, as pessoas provavelmente disseram a mesma coisa da minha mãe. Uma mulher tão bonita e gentil como Evelyn Whittaker sem dúvida tem um marido que adora o chão em que pisa.

Meu pai, Calvin, era bonito e tinha um sorriso fácil, mas seu sorriso era uma isca. Uma armadilha para te manter parada até que sua bochecha encontrasse as costas da mão dele. Foi um truque, entre muitos, que ele reservava para mim e minha mãe. Para o resto do mundo, ele era um homem de negócios bem-sucedido e educado.

Esse é o lance dos vilões da vida real: os inteligentes sabem como se misturar.

— Finalmente — Jen comenta, suspirando.

Paramos em um portão de entrada que se abre no automático quando a gente se aproxima. Depois de uns quatrocentos metros passando por árvores, a floresta dá lugar a um quintal deslumbrante e uma enorme casa de pedra. A casa dos meus pais estava longe de ser modesta, mas esta propriedade faz com que o lugar onde passei a infância pareça um galpão chique em comparação.

Benjamin para o carro em frente à entrada e sai às pressas para abrir minha porta. Desço e me deparo com o frio do inverno, puxando as lapelas do casaco de lã com mais força ao redor do pescoço. Jen desce depois de mim e faz um gesto para que eu a siga pelos degraus da frente.

As portas duplas se abrem, revelando uma mulher ruiva e rechonchuda com covinhas muito adoráveis.

— Grace — Jen diz, me conduzindo para dentro —, essa é a sra. Cline, governanta-chefe.

— É um prazer te conhecer, Grace — a sra. Cline me

cumprimenta, apertando minha mão. — Coloquei você em nosso quarto mais confortável.

Enquanto agradeço, meu olhar é atraído para o teto impossivelmente alto do saguão.

— Eu diria que você se acostuma — a sra. Cline diz —, mas isso nunca acontece.

Benjamin nos contorna com as malas e desaparece em um corredor. A sra. Cline pega meu casaco e sigo Jen por um amplo corredor, parando para espiar as salas de estar e os escritórios com móveis elegantes. Entramos na impressionante cozinha enorme e supermoderna para pedir a Paolo, o cozinheiro, um prato de frutas, e depois subimos as escadas.

— Esse é o seu quarto. — Jen abre a porta para uma linda suíte, com uma lareira e uma área de estar inclusas, decorada em tons creme e dourado. Vejo minhas malas dispostas no banco almofadado ao pé da cama. — Seu armário e banheiro privativo são por ali — acrescenta, apontando para a outra passagem.

Meu corpo fica tenso. Prendo a respiração enquanto espio dentro do *closet* que leva ao banheiro luxuoso.

Poderia ser pior, digo a mim mesma. Pelo menos há duas maneiras de entrar e sair. Além disso, sempre posso apoiar a cadeira da penteadeira na porta para garantir que ela não se feche e me prenda.

— Quer um tempo para se acomodar antes que eu te leve para conhecer seu tio? — Jen pergunta.

Para ser sincera, gostaria muito de me enfiar na cama pelos próximos seis meses e não ter que interagir com outro ser humano. Todas essas pessoas, esse lugar... É uma sobrecarga de novidades. Uma novidade que só serve para me lembrar o quanto minha vida mudou. Como nada nunca mais será o mesmo.

Lágrimas não derramadas queimam meus olhos enquanto luto para reprimir a sensação de vazio no peito. Todos que conheci até agora foram tão doces e compreensivos. Não quero ser rude com o anfitrião generoso que me convidou para a sua casa, sem nem sequer me ver.

— Quero conhecê-lo agora — digo a ela.

Jen me guia até um escritório, na extremidade oposta da casa. Ouço a voz dele antes de vê-lo, profunda e ressonante. O som faz meus braços se arrepiarem. Ele deve estar em um telefonema.

Assim que Jen bate na moldura da porta, ele diz à pessoa do outro lado que precisa desligar. A cadeira de couro de encosto alto se vira e encontro o olhar de Aidan O'Rourke pela primeira vez.

Quase fico sem fôlego.

— Olá, Grace.

Os olhos do homem são tão azuis que envergonham os meus. Ele se levanta e de repente sou chamada por alguma força interna para encontrá-lo no meio do cômodo.

Seu passo é longo. Sou alta para uma garota, com um metro e oitenta, e ainda tenho que reclinar a cabeça para continuar olhando para o seu rosto — e que rosto. Esculpido, com pequenas marcas de expressão na testa e ao redor dos olhos. Se ele e meu pai fossem próximos em idade, isso colocaria Aidan na casa dos trinta e poucos anos. De alguma forma, as linhas em seu rosto que fariam outros homens parecerem velhos lhe deram caráter.

Quando ele me oferece a mão, eu lhe dou a minha.

— Sinto muito por não termos nos conhecido em circunstâncias mais agradáveis — ele comenta.

— Não faz mal — digo, percebendo com é uma resposta idiota assim que as palavras saem da boca. Mas não consigo evitar, estou perplexa. — Também sinto muito.

Ele aponta para uma pequena área de estar perto de uma grande janela.

— Sente-se.

Eu me movo como se meus pés estivessem sob um feitiço. Sua presença é discretamente dominante, mesmo que ele não tenha feito nenhuma exigência específica além de pedir para eu me sentar. Nós nos sentamos um em frente ao outro, e é só então que percebo que Jen nos deixou.

— Isso deve ser estranho para você — ele começa, seu olhar direto e avaliador enquanto observa meus olhos azul-claros e pele clara, meus cachos loiros macios caindo em cascata por cima dos ombros. — Presumo que seu pai não tenha te contado sobre mim.

Mordisco a língua, considerando minhas palavras com cuidado.

— Ele pode ter mencionado você uma ou duas vezes.

— Eu teria preferido que ele não tivesse feito isso. — Sua boca dá um sorriso sem humor. — Seu pai e eu éramos irmãos postiços, mas isso não nos tornava uma família. Não espero que me chame de tio.

— Como deve te chamar, então?

— Você pode me chamar de Aidan — ele diz. Observo que a cabeleira castanha em sua cabeça é um pouco mais escura do que o pelo salpicando sua mandíbula e a pele ao redor de sua boca. Ele umedece o lábio inferior e um arrepio percorre meu corpo. — Preciso terminar um trabalho aqui, mas esperava que pudesse se juntar a mim para o jantar. Supondo que esteja pronta para isso.

Dez minutos atrás, eu teria matado pela oportunidade de jantar sozinha no quarto. Agora estou ansiosa de verdade para conhecer o homem na minha frente. Não entendo essa intensa curiosidade ou o

desejo bizarro de prestar bastante atenção a tudo o que diz.

Só sei que Aidan O'Rourke quer jantar comigo e, por algum motivo incompreensível, quero dar o que ele quer.

— Eu adoraria — digo. — Obrigada.

— Ótimo. — Sua expressão suaviza. Uma pequena vibração percorre meu corpo com a noção de que o agradei. — Até lá, minha casa é sua. Fique à vontade.

Aidan olha para algo atrás de mim e me viro para encontrar Jen parada na porta, segurando um pequeno prato de frutas cortadas.

— Diga a Paolo que vamos comer às seis e meia — ele diz a ela.

— Claro, sr. O'Rourke. — Jen acena para mim. — Venha, Grace. Vou te ajudar a desfazer as malas.

Quando me levanto da cadeira, Aidan também se levanta. Desta vez, ofereço minha mão a ele.

— Obrigada por tudo que fez por mim — agradeço. Seu olhar se estreita no meu e, de novo, fico sem fôlego.

— Fico feliz em ajudar — ele declara.

CAPÍTULO 2



Aidan

A filha de Calvin Whittaker não é a garota que pensei que seria.

Estava esperando uma pirralha mimada e petulante, a versão feminina de seu pai na idade dela. Mas a garota que acabou de sair do escritório não poderia estar mais longe dessa descrição. Grace não falava muito, mas seus olhos tristes e maneirismos gentis revelam muito.

Essa garota pode ser metade Calvin, mas também é metade Evelyn e cem por cento ela mesma.

Recuperar o foco para o trabalho revela-se mais difícil do que deveria. Eu me pego repetindo a conversa enquanto olho para dados financeiros, lembrando a sensação da mão macia e delicada de Grace na minha. Aqueles ossos frágeis e parecidos com os de um pássaros, que se esmagariam com facilidade. Tendo testado os limites da dor de muitas mulheres do seu tamanho, não ficaria chocado se seu corpo escondesse mais poder do que a silhueta deixa transparecer.

Algum tempo depois, Jen volta ao escritório, bocejando e cobrindo com as costas da mão.

— Coloquei Grace na sala de TV lá embaixo — ela diz. — A Netflix deve mantê-la ocupada até a hora do jantar.

— Sala de TV? Esqueci que tinha uma dessas.

— Isso não é uma surpresa, já que também esqueceu como relaxar.

Minha boca se inclina em um pequeno sorriso. Até onde sei, Jen tem uma vaga ideia de como gasto meu tempo livre. Ela conheceu mais do que algumas das submissas com quem me divirto, embora eu nunca as tenha apresentado explicitamente como tais. É possível que esteja se referindo ao fato de que esses encontros se tornaram poucos e distantes entre si no último ano.

— Fico feliz em saber que a babá eletrônica está ganhando seu sustento.

Jen bufa.

— Grace está longe de ser um bebê. Ela é bastante inteligente para a idade e é bem independente. E está se saindo muito bem. Pobre garota. Não consigo imaginar o que deve estar sentindo agora.

Posso mais do que imaginar o que ela está sentindo. Eu era um ano mais novo que Grace quando perdi minha mãe para o câncer. Meu padrasto — o pai de Calvin — era um substituto medíocre comparado com o meu, que morreu quando eu era pequeno. Ser órfão não é um assunto que discuto com frequência, quando sequer falo sobre isso. Jen sabe desse fato e não pressiona.

— Preciso que marque uma reunião com um potencial investidor no escritório de Manhattan para a próxima semana. — Abro o navegador e mando um e-mail rápido. — Acabei de enviar as informações de contato deles.

— Recebi. — Jen toca no celular e boceja de novo. — Se não tiver problema, vou tomar o chá no quarto. A viagem me exauriu.

— Tudo bem. — Pedi que ela ficasse na casa por algumas noites, apenas até que Grace se sentisse mais confortável. — Obrigado por enfrentar aquele clima para trazê-la aqui.

— Claro. Vou checar nossa garota mais uma vez antes de encerrar a noite. Você acha que pode mantê-la viva na minha ausência?

— Farei o meu melhor.

Jen se despede. Termina mais algumas tarefas e, em seguida, visto um suéter casual antes de descer as escadas. Grace já está na sala de jantar quando chego. Estou acostumado a fazer refeições sozinho, então é um pequeno choque quando a vejo à mesa, um respingo de ouro contra o mogno. Ela me dá um sorriso pequeno e amável, e me ocorre o quanto eu estava ansioso para conversar com a garota outra vez.

— Você se familiarizou com a casa? — pergunto, tomando meu lugar na ponta da mesa, à direita de sua cadeira.

— Sim — ela diz. — Só me perdi uma vez, mas achei o caminho. Sua casa é bonita. Mas, agora que falei em voz alta, nem sei se bonita dá para descrever bem.

— Jen vai ficar feliz em saber que você aprecia o gosto dela — comento. — Eu a deixei responsável pela decoração.

Paolo emerge da cozinha com tigelas de *bisque* de lagosta, que ele coloca diante de nós com floreio. Grace o agradece com um sorriso largo, e percebo uma pitada de cor aparecendo nas bochechas do homem mais velho.

— Há quanto tempo você mora aqui? — Grace pergunta, antes de levar uma colherada do *bisque* aos lábios. Seus olhos se fecham enquanto ela cantarola de prazer.

— Você gostou?

Ela assente.

— Está delicioso.

— Espera até você provar as sobremesas dele — digo. — Para responder à sua pergunta, comprei essa casa faz uns... dez anos. Eu queria um lugar perto o bastante do meu escritório na cidade, mas longe o bastante para que eu ainda pudesse desfrutar da solidão.

— Ainda não acredito que você mora a uma hora de distância da minha escola há dez anos, e essa é a primeira vez que te encontro.

Deixo o *bisque* cremoso cobrir minha língua e deslizar pela garganta antes de dizer a ela:

— Tecnicamente, você e eu já nos encontramos uma vez.

— Já? — Ela inclina a cabeça, curiosa.

— No funeral do seu avô.

Ela balança a cabeça devagar.

— Não, acho que não. Ele morreu alguns meses antes de eu nascer.

— Sim. E sua mãe foi ao funeral dele.

As peças se encaixam atrás de seus olhos.

— Ah — Grace diz. — Entendi.

— Só falei com Evelyn uma vez, mas ela parecia uma mulher adorável.

— Ela é... ou era. — Uma tristeza profunda nubla seu olhar como nuvens escuras em um piquenique. Esqueci como a ferida é recente para ela, não deveria ter trazido o assunto à tona.

Tão rápido quanto sua tristeza apareceu, ela foi afastada por um sorriso. Esta é uma garota que dominou a arte da repressão. Ela sorri porque a alternativa é cair aos pedaços.

— Você e meu avô eram próximos? — ela pergunta.

— Não muito. Nós nos demos bem o suficiente, mas estava claro que ele apenas me via como parte do pacote. Seu avô era o tipo de homem que não suportava ficar sozinho por muito tempo. Depois que a primeira esposa morreu, ele logo se apaixonou pela bela barista que fazia seu cappuccino todas as manhãs.

— Você tá falando da sua mãe?

— Sim, minha mãe. Ela trabalhava em três empregos para nos sustentar na época. Quando o rico empresário pediu seu número, ela deu. Eles ficaram noivos depois de seis meses.

Acontece que o homem tinha um filho da minha idade — um filho que não tinha interesse em ganhar um irmão ou uma madrasta. A partir do momento em que nossos pais anunciaram o noivado, Calvin deixou claro que nunca nos aceitaria.

— Seu avô era um bom homem — digo. — Ele viajava a trabalho com mais frequência do que minha mãe gostaria. Equilibrar

trabalho e família sempre foi um desafio para ele.

— Parece um pouco com o meu pai — ela comenta.

— Não, não como Calvin. Seu avô não era um valentão ou um covarde. — No momento em que as palavras saem da minha boca, me arrependo. Não sei o que essa garota faz comigo que acabo tropeçando nas minhas barreiras internas, dizendo coisas que sei muito bem que não devem ser mencionadas. — Sinto muito, não devia ter dito isso.

— Está tudo bem — ela diz, e pelo jeito que falou percebo que está bem familiarizada com as falhas do pai. — Sinto muito que ele tenha sido desagradável com você.

Desagradável é uma forma delicada de dizer. Calvin fez de sua missão de vida me destruir todos os dias. Depois que minha mãe morreu, me esforcei bastante para me formar no ensino médio mais cedo para poder sair daquela casa, para ficar longe dele.

Pensar em Calvin colocando um dedo sequer na garota inocente na minha frente faz meu sangue ferver. Não vejo cicatrizes físicas, e ela trabalha duro para manter as psicológicas escondidas. Mas agora que reconheci os mecanismos de defesa de Grace, eles são impossíveis de ignorar.

Inflijo uma parcela de dor, mas apenas para aquelas que anseiam por isso — com uma única exceção devastadora. Calvin tem sorte de já estar morto. Se estivesse na minha frente agora, eu o faria sangrar.

— Você não precisa se desculpar pelas ações do seu pai.

Terminamos a sopa. Paolo pega as tigelas vazias e retorna com pratos fumegantes empilhados com frutos do mar. Camarão grelhado. Mexilhões cozidos no vapor junto com linguine. Espadarte selado na frigideira coberto com uma redução de vinho branco. Espargos enrolados com *prosciutto*.

— Jen mencionou que você gostava de frutos do mar, então pedi a Paolo que criasse um cardápio. — Ele pode ter exagerado um pouco com essa refeição, mas o brilho nos olhos de Grace enquanto gira o garfo no linguine faz a extravagância valer a pena.

Comemos em um silêncio agradável. Faço o esforço concentrado de não encarar Grace quando solta sons baixinhos e se empolga com a comida. Se ela está sorrindo ou dá chupadinhas nas conchas do mexilhão, não há como negar que é excepcionalmente bela.

— Jen me disse que você é uma dançarina — digo, direcionando a conversa para um assunto menos pesado do que meus pensamentos atuais.

— Sim, faço ballet desde os quatro anos.

— E gosta? — pergunto.

Ela assente.

— Muito. Me inscrevi em cinco universidades de dança diferentes. Ainda estou esperando a resposta de duas.

— Qual delas está no topo da sua lista?

— A Jost Academy for Visual and Performing Arts em New York. — Ela cora como se estivesse envergonhada até mesmo de pronunciar o nome. — Minha melhor amiga, Jasmine, também se inscreveu. Aceitam apenas três por cento dos candidatos a cada período letivo. Provavelmente não vou entrar, mas tive que tentar. É a universidade dos meus sonhos.

— Assisti a algumas apresentações lá. Sempre que vejo ballet, só consigo pensar que deve doer dançar na ponta dos pés.

— Às vezes dói mesmo. — Grace puxa o rabo de um camarão. Ela tem um apetite mais substancioso do que eu esperaria de uma dançarina, mas imagino que queime muitas calorias durante o treino. — Meu corpo inteiro dói por alguns dias depois de uma apresentação, mas não penso nisso enquanto estou em cima do palco. A adrenalina abafa a dor.

A pele do meu pescoço formiga.

— É mesmo?

Grace faz que sim.

— É como entrar em transe. A beleza do momento toma conta, e eu me sinto... entorpecida. — Ela encara o vazio. — Não preciso pensar em mais nada. Estou lá, no meu corpo e, ainda assim, acima dele de alguma forma.

O que ela está descrevendo soa como um primo próximo da sensação que os submissos experimentam quando entram na euforia do transe do *subspace*. Os neurotransmissores do cérebro inundam o sistema nervoso em resposta à dor ou abundância de prazer. O BDSM muitas vezes parece uma dança, então faz sentido que Grace experimente um prazer semelhante.

Como dominador, experimento um tipo próprio de adrenalina. Um que intensifica meus sentidos ao mesmo tempo em que me permite manter o controle. Em vez de me desligar, me concentro na submissa. Como está se sentindo, o que está pensando, a maneira como minhas palavras e ações a afeta.

Ouvir Grace explicar como é se render à arte do movimento convoca uma enxurrada de sons e imagens. O desespero em um “por favor” sussurrado. O brilho rosa da pele pálida depois do sexo oral.

Se Grace é tão bonita sentada à mesa, aposto que ficaria deslumbrante de joelhos...

Corto essa linha de pensamento assim que surge. Grace não é minha sobrinha biológica, mas ao acolhê-la, eu a aceitei como família. Ela tem apenas 17 anos, pelo amor de Deus. Uma criança de luto. Jovem demais para consentir qualquer coisa que se aproxime da

submissão.

Faço uma anotação mental para ligar para Fiona, uma das minhas parceiras ocasionais, para ver se ela pode vir até aqui na próxima semana para uma sessão. Jen tem razão: faz muito tempo desde que dei uma descontráida. Minha mente está ficando inquieta. Toda essa tensão reprimida não é boa para ninguém.

— Enfim — ela diz, colocando um cacho loiro atrás da orelha.
— Tenho certeza de que isso parece muito estranho.

— Nem um pouco.

Tomo um gole generoso da taça de vinho.

— É estranho não treinar seis dias por semana. — Ela olha para o prato. — Não danço desde que descobri que eles se foram.

— Se sinta à vontade para treinar na academia.

Fico aliviado quando ela relaxa seu cenho franzido.

— Obrigada, farei isso. Só para você saber, espero estar de volta à escola em uma semana.

— Tão cedo?

Grace encolhe os ombros, mais uma vez reprimindo a dor.

— Posso ficar triste aqui ou posso ficar triste lá e ainda me formar a tempo.

— É justo — respondo. — Estarei no escritório de Nova York na próxima semana. Você pode avisar minha equipe se precisar de alguma coisa. Espero que possamos jantar mais algumas vezes antes de você voltar.

— Seria ótimo.

Admito, sua resiliência é admirável. Mas todo mundo tem um ponto de ruptura. Quando a enormidade do que perdeu a atingir e a dor que reprimiu todos esses anos finalmente se despedaçar, ela não será capaz de sorrir.

Ela será forçada a se render.

CAPÍTULO 3



Grace

Apesar de toda aquela conversa de Aidan sobre meu avô ser viciado em trabalho, ele parece não fazer nada além disso durante o fim de semana inteiro.

Pergunto a Jen o que exatamente Aidan faz da vida, e ela diz que ele é o co-CEO de uma empresa de serviços financeiros. Que ele e o parceiro de negócios inventaram um aplicativo que permite que as pessoas invistam pequenas quantias no mercado de ações de modo gratuito.

Ele parte para a cidade na segunda-feira de manhã. Sei que Jen só está trabalhando na casa por minha causa, então faço o máximo para não atrapalhar. Vagueio pela semana como um barco a remo amarrado nas docas, enquanto a neve cai ao redor da propriedade aos trancos e barrancos. Ela cobre o gramado e reveste o terraço e as paredes de pedra como a cobertura de um bolo.

Sinto tanta, *tanta*, falta da minha mãe.

Sem nada dela para segurar em minhas mãos, sinto que perco um pouco mais dela todos os dias. O mais próximo que posso chegar de algo dela é um frasco de seu perfume favorito. Borrifo um pouco no meu travesseiro todas as noites antes de chorar até dormir.

Fico propensa a chorar quando estou sozinha, então tento não ficar sozinha com muita frequência. A sra. Cline está na minha cola. Faço a lição de casa no escritório do andar de baixo enquanto ela limpa as estantes, e mando mensagens para minha melhor amiga na sala de jantar enquanto ela passa o aspirador.

Quando Jasmine pergunta se sinto falta do meu pai, não sei o que dizer. Meus sentimentos a respeito dele são confusos e complexos. Nunca contei a ninguém do abuso, nem mesmo Jasmine. Não poderia pedir a ela para manter um segredo tão horrível dos pais.

Preciso de uma distração. Dançar é minha opção óbvia, mas só trouxe um par de sapatilhas de ponta e já estou treinando três horas por dia. Nesse ritmo, vou desgastá-las antes que a semana acabe.

Jen parece fazer a maior parte do trabalho pelo celular, então me viro para a sra. Cline e Paolo para ver se eles têm algum trabalho em que eu possa ajudar na casa. A sra. Cline dá batidinhas na minha cabeça e me diz que é muita gentileza minha perguntar, sem nenhum interesse que eu a atrapalhe. Fico muito grata quando Paolo me coloca para trabalhar na mesma hora, descascando e cortando batatas. O bom de chorar na cozinha é que sempre posso culpar as cebolas.

— Não, não, assim não — ele diz, tirando a faca de mim. — Segure a batata assim, com a ponta dos dedos para baixo.

— Assim? — Imito o aperto dele, enrolando os dedos e dobrando de leve os nós dos dedos.

— Muito melhor. — Ele devolve a faca para mim. — Queremos batatas fritas, não dedos cortados.

Enquanto as batatas descansam em água fria, Paolo me pede para ir até a adega e pegar uma garrafa de Merlot. Sigo suas instruções pelo porão, passando pela sala de TV, até uma porta em frente a uma máquina de lavar e uma secadora.

Meu coração acelera quando abro a porta pesada e encontro um espaço sem janelas não muito maior do que meu armário no andar de cima. Examino as garrafas de vinho empilhadas umas sobre as outras em prateleiras em forma de diamante. É impossível ver as etiquetas da porta.

Nada de ruim vai acontecer com você, digo a mim mesma. Entre e pegue o vinho.

Escancaro a porta para que a maçaneta toque a parede. Prendendo a respiração, entro na adega fria e com temperatura controlada, me movendo às pressas até a prateleira que Paolo disse para olhar. O plano é pegar o vinho e sair antes que meu cérebro tenha tempo de compreender os movimentos do corpo. Mas leva mais tempo do que eu pensava para encontrar o Merlot.

Estou envolvendo a mão no gargalo da garrafa quando a porta se fecha.

Congelo e depois me viro, meu coração batendo no peito de um jeito tão caótico que não consigo respirar. E aí começo a dar respirações grandes e arfantes que parecem apenas me privar de oxigênio, não absorver mais.

As paredes se erguem ao mesmo tempo que meus pulmões, ameaçando se fechar enquanto corro para a porta. Aperto a maçaneta. Ela gira, mas não funciona.

Estou presa.

— Socorro! — Bato com força na laje. — Socorro, alguém!

Sugo o ar frio enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto e as gotas de suor nas minhas costas. O medo me percorre.

Isso não pode estar acontecendo. Não posso ficar presa. Preciso

sair...

Estou quase soluçando quando a voz abafada da sra. Cline passa pela porta.

— Grace é você?

— Sim, sou eu! Por favor, não consigo sair.

A maçaneta da porta balança.

— Espere, querida. A maçaneta está presa. Vou precisar de uma chave de fenda.

— Por favor, se apresse.

Eu me enrolo no chão.

Uma eternidade depois, a maçaneta balança de novo. Há um tilintar, e então a porta se abre.

— Grace? — Os olhos da sra. Cline se arregalam quando me vê. Tenho certeza de que pareço frenética, segurando uma garrafa de vinho, lágrimas escorrendo pelo rosto e coriza saindo do nariz. Ela corre para o meu lado. — Você está bem, querida?

— Eu... Sim. Estou bem. — Limpo o rosto com as costas da mão e tento sorrir.

— Tem certeza?

Nem um pouco, mas já fiz uma cena o suficiente. Ergo o Merlot.

— Preciso levar isso para o Paolo.

— Eu levo. O sr. O'Rourke está voltando para casa mais cedo, então preciso arrumar a mesa de qualquer maneira. Devo colocar um lugar para você ou prefere comer no quarto?

A ideia de me sentar com Aidan, de falar com ele, ou apenas de estar na extremidade receptora de seu olhar é surpreendentemente reconfortante. Nós só compartilhamos uma refeição juntos, mas gostei muito da conversa. Peço à sra. Cline que arrume um lugar à mesa para mim e depois subo as escadas para me ajeitar.

Olhando para mim mesma no espelho, pareço ter sido arrastada pelo inferno.

Tomo um banho, mergulhando os músculos doloridos em bolhas com aroma de lavanda por mais de uma hora e, em seguida, coloco um vestido amarelo. Enquanto penteio o cabelo, percebo o quanto estou ansiosa para ver Aidan de novo.

Senti falta dele. Não faz sentido, considerando como mal nos conhecemos, mas quero parecer bonita para ele. Quero parecer feliz.

Claro, fico mais do que envergonhada quando ele menciona o incidente no jantar.

— A sra. Cline me disse que a encontrou presa na adega hoje à tarde. — Pelo olhar preocupado que me dá, tenho certeza de que a sra. Cline foi mais descritiva do que isso.

— A maçaneta da porta ficou presa. Isso me assustou.

Ele me estuda por cima da borda da taça de vinho ao tomar um gole. Será que ele está bebendo o Merlot desta tarde?

— Você sempre foi claustrofóbica?

Mordisco uma batata frita.

— Nem sempre.

— Me conte — ele diz. Não me conte, por favor ou espero que não se importe que eu pergunte. Apenas... *me conte*. Um comando que não tenho obrigação de obedecer.

E, no entanto, mesmo que eu nunca fale sobre essas coisas, não posso dizer não. Não quero dizer não ao Aidan.

— Meu pai tinha um temperamento muito ruim. Minha mãe sofria a pior parte, mas de vez em quando ele me batia também.

O peito de Aidan sobe e desce com um suspiro pesado. Ele não parece surpreso. Mas tenho certeza de que ele tem as próprias histórias de horror por crescer ao lado de meu pai.

— Quando eu era pequena, minha mãe costumava me colocar no armário quando o sentia ficar agitado. Ela me dizia para esperar lá dentro até que viesse me buscar.

— Quanto tempo você teve que esperar?

— Algumas horas. Às vezes mais. Me urinei algumas vezes esperando ela vir me buscar. Eu não consegui segurar.

Não acredito que acabei de dizer isso a ele. De uma maneira estranha, é bom falar sobre isso, como se eu estivesse colocando algo pesado no chão. Sou a única que carrega os segredos dos meus pais há tanto tempo. Agora Aidan está se oferecendo para carregá-los comigo.

— Minha mãe tentou deixá-lo uma vez. Ele disse a ela que ia pedir pela minha custódia total. Ela teve uns problemas com prescrições no passado, e ele ameaçou usar isso contra ela no tribunal. Ela não queria arriscar que eu acabasse com ele, então ficou. E eu fui para o colégio interno.

Aidan fecha os olhos e passa a mão no maxilar. Quando os abre de novo, quase ofego com a intensidade em seu olhar mais azul do que azul. Ele está com raiva, mas não de mim. Provavelmente do meu pai. Mas, ao contrário do meu pai, a raiva de Aidan não me assusta. Ele é diferente do irmão de criação em todos os aspectos que importam. Ele é calmo e comedido. Gentil. Era bem provável que minha melhor amiga dissesse que ele parece rígido, mas acho seu estoicismo reconfortante. Não consigo imaginá-lo batendo em uma mulher ou criança.

— Sinto muito que você precisou enfrentar isso, Grace.

Ele hesita por um segundo antes de descansar a mão sobre a minha na mesa.

Sinto um calorzinho na barriga como se tivesse tomado um gole de algo apimentado. Sorrio para que ele saiba que estou bem, de

verdade. O incidente de hoje foi inquietante, mas na maioria das vezes não tenho problemas em manter as emoções sob controle. É assim que consigo praticar ballet quatro horas por dia, seis dias por semana: enquanto meus pés estão gritando, sorrio e aguento a dor.

— O que você disse no fim de semana passado? — pergunto.

— Não se desculpe pelas ações do meu pai?

Sua boca se levanta para um lado.

— Touché.

Aidan retira a mão da minha para pegar o garfo. À medida que o calor da sua palma se dissipa, me pego desejando que ele tivesse me tocado por mais um tempo.

CAPÍTULO 4



Grace

O desejo de que Aidan tocasse minha mão de novo não desaparece.

Planta raízes e brota videiras que amarram minha língua e desviam o sangue para minhas bochechas sempre que ele me olha.

À medida que o fim de semana se aproxima, Aidan parece estar olhando para mim com mais frequência. Estudando-me, como se só agora estivesse percebendo certos detalhes pela primeira vez. Como dou lambidinhas no ganache de chocolate na parte de trás da minha colher ou como tranço o cabelo por cima do ombro no espelho do banheiro antes de dormir.

Eu me pergunto se ele vai sentir minha falta quando eu voltar para a escola. Tenho a sensação de que vou sentir muita falta dele. Tanto que quase desejei não ter que ir embora.

Mas é melhor eu ir. A maneira como tenho agido perto de Aidan é ridícula. Nunca namorei ninguém, mas sei como é ter uma quedinha. Como é minha respiração acelerar sempre que ouço sua voz e sinto um friozinho na barriga quando ele pega algo do outro lado da mesa. Desejando e esperando que segure minha mão.

O que sinto é errado em mil maneiras diferentes. Aidan não é um garoto fofo de uma escola vizinha. Ele é um homem com o dobro da minha idade e, embora não seja meu tio de verdade, é meu tutor e a última pessoa em quem deveria pensar desse jeito.

Pelo visto, meu subconsciente discorda, porque comecei a sonhar com ele. O tipo de sonho que você definitivamente não deveria ter com o tutor.

Na noite antes de voltar para a escola, me distraio dos pensamentos problemáticos desgastando as sapatilhas de ponta na academia. O chão é muito escorregadio para *lunes* de ballet, mas posso me alongar e praticar os exercícios de ponta, desde que me segure em algo. Tenho usado uma barra longa de levantamento de peso apoiada em uma prateleira de metal alta e resistente como uma

barra improvisada.

Estendendo o braço acima da cabeça, estico a perna para trás e para cima num *derrière* — com o joelho dobrado em um ângulo de noventa graus — então volto o pé para o chão. Repito o movimento mais quatro vezes e depois faço um *demi plié*, pernas abertas e ambos os joelhos dobrados com os calcanhares no chão.

O movimento na minha visão periférica atrai meu olhar para a porta. Encontro Aidan encostado na moldura, seu rosto bonito ostentando uma expressão extasiada. Eu me pergunto há quanto tempo ele está lá, assistindo.

— Espero não estar incomodando — ele diz.

— Nem um pouco.

Ele entra totalmente no cômodo. É impossível não notar como está em forma com a camiseta cinza-claro e calças largas.

— Você costuma treinar tão tarde da noite?

— Só se eu não tiver aula no dia seguinte. Saio da aula de ballet por volta das nove, então minhas noites costumam serem reservadas para lição de casa.

Aidan sobe na esteira, aperta um botão e começa a correr. Sei que não deveria encarar, mas ele se move com tanto vigor, como um gato da selva, quase sem suar.

— Vou te deixar fazer seus exercícios em paz — digo, me forçando a olhar para qualquer outro lugar que não seja para ele.

— Não precisa. Só vim para me aquecer.

Já passa das onze horas. Se ele não está se aquecendo para malhar, então para que ele está se aquecendo?

— Você dança muito bem — ele comenta do nada.

Então, ele estava me observando por um tempo. Sinto um friozinho na barriga.

— Obrigada.

O olhar de Aidan permanece no meu collant cor de lavanda antes que volte a atenção para a frente.

— Benjamin vai te levar para a escola amanhã. Mandei Jen para casa hoje, mas ela vai voltar para vê-la partir depois do café da manhã.

— Vou te ver de novo antes de ir embora?

— Duvido. Tenho uma videoconferência logo pela manhã. E elas costumam se estender até o meio-dia.

Uma pontada de perda atravessa meu diafragma.

— Então, essa é a última vez que a gente vai se ver por um tempo.

— Suponho que sim. — Aidan aperta um botão para desligar a esteira e sai. Observo seu peito subir e descer. Ele estuda meu rosto por um bom minuto, depois acrescenta: — Foi um prazer ter você

aqui, Grace.

Sorrio, desejando poder abraçá-lo.

— Gostei muito do meu tempo aqui.

Aidan dá um passo em minha direção e, por um segundo, acho que ele vai me dar aquele abraço que tanto quero.

— Boa noite, Grace.

Em vez de abrir os braços, ele passa por mim.

— Boa noite — digo, tarde demais e baixo demais para ele me ouvir.

Não tenho o direito de me sentir decepcionada. Não é como se ele tivesse me prometido algo e depois não cumpriu. Ainda assim, tinha um vazio no meu peito que não estava lá momentos antes. Deveria ir para a cama. Deveria dormir para que chegue o dia de amanhã e eu possa sair daqui antes de fazer papel de boba.

Enquanto desço o corredor em direção às escadas, ouço uma série de batidas suaves vindo da direção do saguão. Vou até o som, depois paro quando ouço a porta da frente se abrir.

— Aidan — uma mulher diz com um sotaque irlandês melódico. — Faz muito tempo que não me liga.

— De fato faz, Fiona.

Aidan se afasta para deixar uma mulher que nunca vi entrar na casa. O cabelo escuro dela tem fios prateados e está preso em um rabo de cavalo. Ela está vestida de um jeito elegante, com um casaco de lã branca e botas pretas por cima da meia-calça preta.

Fico nas sombras enquanto ela tira o casaco e o entrega a Aidan, revelando um vestido de malha justo com um decote em forma de V. A essa distância, diria que ela parece estar no final dos quarenta, possivelmente no início dos cinquenta. Mais velha que Aidan por alguns anos, no mínimo. Não que não seja bonita, ela é delicada e voluptuosa de maneiras que meu corpo apenas não pode ser enquanto estou treinando para ser uma dançarina profissional.

— Estava começando a pensar que você encontrou uma garota permanente para te servir — Fiona diz.

— A única garota que preciso é aquela que vem quando eu chamo.

— Agora, isso é uma pena, amor. — Ela estala a língua. — Você trabalha duro e merece estar satisfeito com frequência.

— Mas então eu não conseguiria desfrutar desses interlúdios fugazes com uma pessoa tão encantadora como você.

— Assim que Jacob se aposentar, tenho a sensação de que ele vai me querer só para ele — Fiona diz com um sorriso. — Além disso, que tipo de amiga eu seria se não estivesse disposta a sacrificar meu próprio prazer momentâneo pela sua satisfação definitiva? Não hoje, é claro. Já estou aqui, e com a meia-calça boa, ainda por cima.

Aidan pendura o casaco de Fiona na prateleira do saguão e depois faz um gesto para que ela caminhe na frente.

É óbvio que já esteve aqui antes, porque não precisa perguntar onde estão as escadas.

O ciúme faz cócegas no fundo da minha garganta como uma tosse iminente ao vê-los subir. O anel de casamento da mulher brilha enquanto ela desliza a mão pelo corrimão. Quem é Fiona para Aidan? Ela se chamava de amiga dele, mas também usava palavras como prazer e satisfação. Palavras com conotações sexuais. Jacob é o marido dela? Será que sabe que Fiona está aqui agora? E se ela é amiga de Aidan, por que ele não me disse que ela estava vindo?

Recordo de que nada disso é da minha conta. Estou morando na casa de Aidan, mas isso não significa que ele tenha que me informar todos os convites que faz. Ele tinha uma vida antes de mim, e vai continuar vivendo essa vida depois que eu voltar para a escola.

Não tenho o direito de sentir ciúmes das amigas de Aidan, ou namoradas, ou amigas com benefícios, ou seja lá quem essa Fiona possa ser.

Ele é meu guardião, não meu namorado. Não cabe a mim me sentir territorial.

Encho a garrafa de água na cozinha e subo as escadas. Estou prestes a ir para o quarto quando ouço um choro distintamente feminino vindo da ala leste da casa.

É um som que já ouvi antes, um que revira meu estômago. Não, não é possível. Aidan nunca machucaria uma mulher... Mas escuto de novo, com clareza.

Meu pulso dispara. Eu me movo nas sapatilhas de ponta sem fazer barulho em direção ao som.

Há uma série de tapas, seguidos de um choramingo. Um arrepio percorre minhas costas como chuva gelada. Uso o som para navegar até uma porta fechada no final de um longo corredor.

Prendendo a respiração, pressiono o ouvido contra a porta.

Ouço um baque, seguido por um gemido.

Aidan deve estar machucando a mulher. O que mais poderia explicar esses sons?

Lágrimas se acumulam atrás das minhas pálpebras fechadas. Não quero acreditar que ele seja capaz de machucar uma mulher, mas não posso ignorar a violência que é óbvio que está ocorrendo atrás desta porta. Eu me lembro do que ele disse talvez dez minutos antes na esteira, que estava se aquecendo para isso, e meu estômago embrulha.

Como pude estar tão errada sobre ele? Pensei que não era nada parecido com meu pai, quando a verdade é que os dois são farinha do mesmo saco.

Escuto um gemido, então o pedido desesperado:

— Por favor, senhor, posso ganhar mais um?

Fico boquiaberta. Isso não soou nada parecido com o que estou acostumada a ouvir. Parecia que Fiona estava pedindo — não, *implorando* — para Aidan bater nela.

Por que a mulher iria querer que ele a machucasse? Volto o ouvido para a porta e escuto com atenção. Aidan diz algo que não consigo decifrar. Uma sucessão de bofetadas firmes e gemidos calorosos ressoa.

A garrafa de água escorrega da minha mão e cai na madeira com um baque pesado.

Pulo para longe da porta e depois congelo, atordoada. Quando ouço o *tum-tum-tum* de passos se aproximando, é tarde demais...

A porta é aberta e Aidan me encara.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta.

Minha garganta fica seca de repente. Ele não está mais vestindo uma camisa, e seu peito nu é ainda mais poderoso do que eu imaginava. Com uma leve camada de suor, seus músculos abdominais ondulam a cada respiração dele.

— Você precisa de algo, Grace?

De pé na porta, ele parece maior de alguma forma, como se sua presença estivesse comandando mais espaço do ar ao seu redor. Há uma autoridade na sua voz que não estou acostumada a ouvir. Uma que faz os pelos dos meus braços se arrepiarem como soldados atentos. Até meus mamilos batem continência.

Engulo em seco para liberar a tensão na garganta.

— Eu estava indo pro quarto quando ouvi...

Seu olhar se estreita.

— O que você ouviu?

Minha respiração fica superficial. Eu sei o que ouvi, mas tenho medo do que significará se ele confirmar minhas suspeitas.

— Ouvi um choro — murmuro. Não consigo continuar a falar. Ele passa a mão pela boca e desce para o queixo.

— Não é o que você pensa.

— Então o que é?

O peito de Aidan se expande quando seu olhar penetra no meu. Estou convencida de que posso senti-lo cavando ali, desenterrando segredos há muito enterrados e plantando mais sementes. Meu coração parece que poderia sair martelando do peito.

Ele aponta para o corredor, por cima do meu ombro.

— Vá dormir, Grace.

Ele fecha a porta, me deixando ali parada ofegante como um peixinho dourado que foi arremessado do tanque.

Assim que posso assumir o controle dos membros de novo,

pego a garrafa de água e corro de volta pelo corredor. Em vez de ir para o quarto, desço as escadas para a sala de estar anexa ao saguão. Quero ver Fiona de novo antes que ela saia. Só para ter certeza de que está bem.

As palavras de Aidan ecoam em minha mente. Não é o que você pensa... não sei mais o que pensar.

Uns quarenta minutos depois, ouço passos de botas na escada. Aidan e Fiona aparecem na entrada, vestidos e um pouco corados.

— Você é mesmo um mestre no oito invertido — ela diz. *Oito invertido? Isso é uma posição sexual?* — Quando Jacob chegar em casa de Oslo, você precisa vir jantar e ensinar sua técnica a ele.

— Não vejo a hora. — Aidan segura o casaco da mulher para que ela possa deslizar os braços nas mangas. O olhar de Fiona se volta para o meu na sala de estar. Ela se vira para Aidan.

— Posso dizer oi? — ela pergunta.

Na mesma hora fico tensa.

Aidan suspira.

— Se for preciso.

Fiona vai até onde estou enrolada no sofá de camurça com uma cópia de Jane Eyre que não abri uma vez desde que me sentei.

— Olá, amor — ela cumprimenta com delicadeza. — Sou a Fiona. Sinto muito se te alarmamos.

— Está tudo bem.

Não tenho certeza do que dizer além disso, então não digo nada. O fato de Fiona parecer bem — feliz, até — me acalma um pouco, mas ainda estou cautelosa. Observei minha mãe sorrir ao derramar lágrimas inúmeras vezes.

Aidan pigarreia.

— Grace devia estar na cama.

— Sim, é muito tarde, não é? — Fiona comenta. — Boa noite, Grace. Foi um prazer te conhecer.

— Boa noite.

Fiona aperta o braço de Aidan enquanto ele a deixa sair pela porta. Assim que a mulher se foi, ele se vira para mim com um sorriso pesaroso.

— Sinto muito por ter sido brusco com você — ele diz, chegando a ficar no arco entre o saguão e a sala de estar. — Não estou acostumado a ter outras pessoas em casa à noite.

Minhas bochechas esquentam com a lembrança de ver Aidan sem camisa. Direciono o olhar para o livro no meu colo.

— Eu não deveria estar ouvindo.

— Entendo por que você se sentiu compelida a investigar certos... ruídos, dado o seu histórico.

Enrijeço. Ele não está errado, mas não gosto de pensar que

minhas reações a cada pequeno gatilho serão reduzidas a um sintoma de algo horrível que testemunhei enquanto crescia. Isso me faz sentir que sempre estarei quebrada. Talvez eu sempre serei.

Não há como negar que tenho problemas não resolvidos. Esse fascínio inapropriado por Aidan é apenas mais um sinal de que algo não está certo comigo. Não importa que um som vindo do que presumo ser o quarto dele desencadeou aquela reação. Ele foi bem acolhedor ao me trazer para sua casa, e retribuí sua bondade assumindo o pior dele.

— Você não me deve uma explicação — rebato. — Essa é a sua casa, ela é sua convidada. Sou apenas uma perturbação imprevista.

— Grace...

— Tem razão, eu devia ir para a cama.

Levanto do sofá e colo um sorriso no rosto, me apoiando na única muleta em que sempre posso confiar: a cordialidade.

Posso passar por qualquer coisa, desde que continue sorrindo.

— Obrigada por me receber na sua casa. Te vejo daqui a um mês.

Não espero Aidan responder antes de sair correndo da sala.

CAPÍTULO 5



Aidan

O investidor de risco sentado do outro lado da mesa de conferência está mexendo os lábios, mas mal entendo uma palavra do discurso insincero. Não consigo parar de olhar para a ridícula gravata *bolo tie*, para o emblema de cabeça de touro prateado descansando abaixo de sua papada.

— O que vocês, cavalheiros, conseguiram fazer aqui é um testemunho do resultado de trabalho árduo e determinação com um pequeno incentivo para crescer — ele declara.

Oito anos atrás, quando meu amigo, Matthew, e eu apresentamos nossa ideia inicial a esse palhaço, ele riu na nossa cara. Agora o jogo virou. Ele está na nossa sala de reuniões, se humilhando por um pedacinho dos bilhões de dólares que temos.

— Com certeza superamos as expectativas de todos — Matthew diz. Por sorte, meu parceiro de negócios tem a capacidade de lidar com esse sujeito, já que é algo que não consigo ter nesta reunião.

Já se passaram cinco dias desde que Grace voltou para a escola. Não consigo parar de pensar na maneira como ela olhou para mim quando a peguei ouvindo do lado de fora da porta do meu quarto.

A acusação em seus olhos, a traição...

Devia ter amordaçado Fiona antes de pegar a chibata. Não achei que Grace seria capaz de nos ouvir do outro lado da casa. Eu tinha entrado no modo dominador por completo quando a peguei ouvindo atrás da porta. Não era exatamente o melhor momento sentar e explicar por que eu estava batendo mesmo na bunda de Fiona e que não precisava se preocupar porque a mulher havia me dado consentimento total para fazer aquilo.

Mas sem uma explicação, o que Grace deveria pensar?

— Agradecemos seu interesse — Matthew diz ao investidor de risco. Ele se levanta e abotoa o paletó, minha deixa para fazer o mesmo, e estende a mão. — Entraremos em contato.

Aperto a mão do homem e me sento assim que ele sai.

— Costumo adorar quando se humilham — Matthew comenta —, mas isso foi patético.

Solto um grunhido, concordando. Meu amigo e parceiro de negócios olha para mim, esfregando a barba curta da cor de areia molhada.

— Você mal estava prestando atenção dessa vez — ele diz.

— Desculpa. — Pego o celular para verificar a hora. — Tenho que estar em algum lugar em alguns minutos.

— Fiona disse que você parecia distraído no fim de semana.

Matthew e eu fomos apresentados em um encontro para dominadores e submissos há mais de uma década por Fiona e o marido, Jacob. Fiona queria ser dominada por dois. Deixei claro que nunca transo com minhas submissas, e ela não se importou porque Matthew ficou feliz em lhe dar o que eu não podia. Matthew e eu nunca tínhamos feito uma cena juntos, mas naquela noite, algo apenas deu certo.

À medida que nossa comunidade crescia, fizemos um nome para nós mesmos entre as submissas que adoram dor e as submissas profissionais.

Elas ainda falam sobre nós, embora não façamos cenas juntos com tanta frequência quanto antes.

Fiona e Jacob não fazem mais *swing*, mas quando Jacob está fora da cidade a negócios, ele permite que Fiona venha até mim para dar uma aliviada naquela veia masoquista. O homem sabe que não tenho interesse em transar com sua esposa.

Para mim, os conceitos de sexo e fetiche não poderiam ser mais dissociados. Ter outra pessoa à minha mercê, ocupando todo o meu foco, me permite limpar a mente de todo o resto. É como entrar em uma sala vazia e fechar a porta. Sem distrações.

Embora muitas vezes eu faça minhas submissas se despirem, é com o único propósito de expandir a área de superfície. Gosto de ver a pele delas reagir à minha atenção, seja espancando, açoitando ou revestindo-as com cera. Não é sexual por natureza, embora possa ser. Foi para mim, no início.

No entanto, a última vez que combinei fetiche com sexo há mais de vinte anos, resultou em consequências terríveis pelas quais ainda estou pagando — literalmente. Bem provável que na forma de café na próxima meia hora.

— Estou com muita coisa na cabeça nas últimas semanas — digo a ele.

— Verdade — Matthew fala com um suspiro. — Porra, sinto muito, cara. Nem sabia que você tinha um irmão até algumas semanas atrás. Esqueci do fato de que você o perdeu.

— Irmão postiço — corrijo. — E não éramos próximos.

— Sim, mas ainda assim, isso tem que trazer à tona muita coisa.

Ele não faz ideia. Eu poderia ter morrido engasgado com a fúria que engoli ao ouvir Grace falar sobre como a mãe costumava colocá-la no armário para protegê-la dos punhos de Calvin.

— Fiona mencionou que conheceu sua sobrinha — Matthew comenta. — Grace, né?

Ouvir o nome de Grace nos lábios de outro homem me chateia de um jeito que é ao mesmo tempo estranho e familiar. Não namoro há anos. Quando namoro, sou monogâmico. Isso significa que não durmo ou faço cenas com mais ninguém enquanto estou em um relacionamento. A maioria das minhas ex-namoradas nem sabe que sou um dominador. Compartilhei submissas — o que é justo, já que me recuso a transar com elas —, mas não compartilharei namoradas.

Eu me lembro que Grace não é nenhuma das duas. Ela é a coisa mais próxima que tenho de família, mas isso não a torna minha. Não tenho motivos para me sentir possessivo com a garota.

Nenhuma razão aceitável.

— É — respondo. — O nome dela é Grace.

— Presumo que você não vai sediar mais encontros até que ela se mude.

Matthew, Fiona, nosso amigo em comum, Dante, e eu, nos revezamos organizando encontros para nossa comunidade mais ampla de BDSM. No meio de tudo, quase me esqueci que deveria hospedar o próximo no início de março.

— Enquanto ela estiver na escola, posso sediar.

— Tem certeza? Porque se você não estiver pronto para isso no próximo mês, posso...

— Estarei pronto. — Verifico o celular outra vez. Tenho que ir. — Volto daqui a uma hora.

Benjamin me pega na frente do prédio. No caminho do Financial District para Hell's Kitchen, ligo para Jen e digo para entrar em contato com meu fornecedor habitual e pedir comida e bebidas não alcoólicas para o encontro do próximo mês.

Peço para Benjamin me deixar na frente de um supermercado a um quarteirão do meu destino. A única pessoa na minha vida que sabe sobre a pessoa que estou indo encontrar é Jen, e pretendo manter assim o máximo que puder.

Liam está esperando em nossa mesa habitual na parte de trás da cafeteria quando chego, o que me parece estranho porque ele costuma chegar atrasado. As olheiras que estão sempre presentes sob seus olhos cinzentos estão ainda mais pronunciadas hoje.

Aos 22 anos, meu filho se parece muito com a mãe quando nos

conhecemos. Feições pequenas e pronunciadas. Bochechas cheias. Cabelo castanho-escuro que parece que precisa ser lavado, mesmo quando está limpo.

Eu estava no segundo ano da faculdade quando conheci Carolyn, e tinha acabado com os fetiches. Ela tinha a minha idade, bonita do tipo garota típica e adoravelmente tímida. Considerei uma honra que ela se sentisse confortável comigo sendo dominador. Fizemos algumas cenas de *bondage*. Então ela me confidenciou que havia sido estuprada pelo ex e perguntou se eu interpretaria uma cena com consentimento não consensual para ajudá-la a “recuperar seu poder” por assim dizer.

Essa era sua intenção, pelo menos.

Consentimento não consensual não era meu estilo habitual, mas eu tinha 19 anos e era arrogante, convencido de que já sabia tudo o que havia para saber sobre ser um dominador, e qualquer coisa que eu não soubesse aconteceria por natureza.

Fizemos a cena. Foi brutal, do jeito que Carolyn queria, ou assim eu acreditava. Quando tentei fazer o pós-tratamento, ela chorou e gritou para que me afastasse dela. Eu me lembro de estar ao pé de sua cama, dividido entre lhe dar o espaço que exigia e ter certeza de que estava bem.

Dormi no sofá dela naquela noite. Na manhã seguinte, ela enfim saiu o quarto para me dizer que havia congelado no meio da cena e se desligado a ponto de não poder falar, o que significava que não podia dizer a palavra de segurança.

Tomei o silêncio dela como um sinal de submissão e, sem querer, a traumatizei de novo.

Arrependimento e horror me inundaram, mas não consegui desfazer o dano. Tudo o que podia fazer era prometer manter a vida sexual e a vida dominante separadas daquele ponto em diante, e nos últimos vinte e dois anos, mantive essa promessa.

— Uau — Liam diz. — Você está aqui.

Ele diz a mesma coisa toda vez que me vê, como se esperasse que eu o abandonasse de novo.

Não posso dizer que o culpo. Tenho certeza de que me odeia, e com um bom motivo.

Carolyn ligou alguns meses após o incidente com a notícia de que estava grávida. Perguntei como poderia ajudar. Ela me disse para manter distância. Ela não queria que eu me envolvesse com a gravidez ou com a vida da criança de forma alguma. Não lutei contra sua vontade, porque lutar contra ela teria me feito sentir ainda pior. Que direito eu tinha de forçar essa mulher e seu filho, depois do que aconteceu?

Quando soube do suicídio de Carolyn no outono passado,

decidi que era hora de falar com Liam. Durante nosso primeiro encontro, fiquei chocado ao descobrir que ele sabia direitinho quem eu era e o que havia acontecido entre mim e sua mãe. Ela dizia que o filho era o resultado de um estupro desde que ele era pequeno. Liam internalizou esse conhecimento, deixou-o definir e moldá-lo por dentro.

Pensei que estava fazendo um favor ao meu filho mantendo distância. Dez minutos depois do nosso primeiro encontro, percebi que foi a pior coisa que poderia ter feito.

— Estou aqui. — Eu me sento em frente a Liam e aceno para o jornal na mesa. — Presumo que esteja aqui há algum tempo.

— Pensei em começar a procurar um emprego. Não se preocupe, te esperei para pedir. Não gostaria de te ofender enquanto você está tentando comprar meu afeto.

— Não, não queremos isso. — Faço um pedido para que a garçonete nos traga dois cafés, já contando os minutos até que possa levar o meu para viagem. — O que aconteceu com o trabalho de lavar pratos?

— Fui dispensado.

— Você quis dizer *demitido*?

Ele encolhe os ombros.

— Semântica.

No pouco tempo que conheço Liam, ele teve quatro empregos diferentes.

— O que aconteceu?

— Digamos apenas que meu colega de trabalho excessivamente sensível não apreciava meu senso de humor, e nem meu chefe. — Ele torce a boca em um sorriso malicioso. — Mas isso significa que estou livre para trabalhar para você agora.

— Não estamos contratando — digo com firmeza.

A garçonete coloca os cafés na mesa. Entrego-lhe uma nota de vinte e digo a ela para ficar com o troco.

— É capaz de ser melhor — Liam diz. — Seria um caso evidente de nepotismo. Além disso, creio que a maioria de seus funcionários não sabe que você é pai ou um depravado sexual. Ou um estuprador, por falar nisso.

Meu olhar se estreita por cima da borda da xícara de café. Não sei se o sadismo é hereditário, mas estou convencido de que ele tem prazer genuíno em recordar meus crimes sempre que pode. Se não fosse pelo fato de que essa situação fodida é minha culpa, não estaria sentado aqui. Estou bem ciente de que é a culpa que me traz de volta a esta mesa mês após mês.

Culpa pelo que fiz com a mãe de Liam. Culpa por não proteger meu filho do ódio equivocado da mãe.

— Mudando de assunto — ele diz. — Quais são as novidades, pai?

— Nada. O mesmo de sempre. — É a única resposta que dou a ele. Mas esta semana, tenho uma razão muito boa para dar. Não quero que Liam saiba da prima.

Se Grace é um raio de sol em um pedaço de terra congelada, Liam é a geada imprevista que sufoca as plantações. Quero evitar qualquer situação em que ela possa ser submetida à sua malícia.

Sendo bem egoísta, preferiria que ela nunca soubesse a verdade do que aconteceu todos aqueles anos atrás. Mal consegui aguentar o olhar em seu rosto quando ela pensou que eu tinha batido em uma mulher com raiva. Se ela de alguma forma descobrisse que eu involuntariamente me forcei a alguém, isso me destruiria.

Redireciono a conversa para um tópico que sei que Liam apreciará.

— Como está de dinheiro?

Ele adota uma careta lamentável.

— Perder aquele trabalho de lavar pratos foi um sério golpe na minha renda. Não tenho certeza de como vou passar pelo próximo mês.

Apesar de todas as críticas sobre eu tentar comprar seu afeto, ele não tem escrúpulos em aceitar minha caridade.

— Pedirei a minha assistente para transferir fundos para sua conta.

Ele levanta o café em um gesto de brinde.

— Sempre posso contar com você, pai.

CAPÍTULO 6



Grace

— Talvez seja uma coisa com a língua — Jasmine diz.

— O quê?

Termino de dar o último ponto na extremidade da sapatilha de ponta.

— O oito invertido que aquela mulher, Fiona, falou. Talvez seja algo que ele faça com a língua.

— Nojento.

Minha resposta é principalmente reflexiva. Não tenho nojo do conceito de sexo oral. Só não gosto de pensar em Aidan fazendo sexo com Fiona — ou com qualquer uma.

Exceto talvez uma pessoa...

Varro o pensamento indecente e inapropriado para debaixo do tapete metafórico e me concentro em costurar a fita de cetim na sapatilha de ponta. Nossa escola oferece apenas uma classe de dança moderna, então Jasmine e eu frequentamos aulas com uma companhia privada de ballet clássico à noite.

— Não critique até experimentar — Jasmine rebate com um sorriso atrevido. Sei que ela já experimentou isso e muito mais. Frequentar um internato só para meninas tornou mais difícil encontrar meninos até o momento, mas ela aproveita ao máximo as férias escolares e o fato de que o trabalho de seu pai permite que a família viaje bastante durante o verão.

Às vezes, acho que o fato de não ter me esforçado para conhecer alguém significa que há algo errado comigo. Jasmine tentou me apresentar a caras no passado, mas eu sempre fico muito tensa, muito nervosa. Não consigo relaxar o suficiente para deixar a conversa fluir.

O único garoto — ou, neste caso, homem — que me senti confortável em baixar a guarda nos últimos tempos é Aidan. Ainda não acredito que contei a ele sobre minha mãe me colocar no armário.

— Só acho que é bom manter a mente aberta — Jasmine

comenta. Ela coloca todo o peso ao pisar na *box*, na parte dos dedos, das sapatilhas de ponta para alargá-las. Todas as sapatilhas de ponta começam muito rígidas, então temos que prepará-las de maneiras especiais para torná-las flexíveis o suficiente para dançar.

Escuto o estalo satisfatório enquanto abaixo o calcanhar na parte dos pés da minha.

— Nós nem sabemos ao certo se é uma coisa sexual — digo baixinho.

— Uhm, como não é uma coisa sexual?

Alguns dançarinos ao alcance da voz lançaram olhares estranhos para a gente. Nós nos movemos para o canto da sala e começamos a bater as pontas das sapatilhas contra a parede para atenuar o som que fazem contra o chão.

Eu me inclino em direção a Jasmine para que nenhum dos outros dançarinos possa me ouvir dizer:

— Parecia que ele a estava machucando.

— Talvez ele estivesse. O quê? Não aja como se não se lembrasse da noite em que ficamos acordadas para assistir àquela trilogia. Você concordou comigo que o BDSM poderia ser excitante nas circunstâncias certas.

Eu me lembro daquela noite e daqueles filmes. Lembro-me de pensar, como alguém poderia querer que seu parceiro lhe batesse? E como esse homem, que afirma amar essa mulher, poderia querer causar dor a ela? Como dançarina, tolerar a dor por uma causa maior não é um conceito estranho. É quase como se eu fosse minha própria dominadora. Mergulhar os pés e as pernas em água gelada depois de um longo dia de prática dói pra caramba, mas eu ainda faço isso. Não apenas porque é bom para os músculos, mas porque passei a associar corpo dolorido a um trabalho bem feito.

E, admito, achei a maioria das cenas de sexo nesses filmes excitantes.

Se um homem que eu amava e respeitava me pedisse para suportar a dor para agradá-lo, acho que poderia encontrar uma maneira de suportar. Pelo homem certo, eu poderia suportar qualquer coisa.

— Coloquem as sapatilhas, pessoal — nossa instrutora, Gina, anuncia. — Só temos mais sete semanas para nos preparar, então precisamos começar.

Nesta temporada, vamos apresentar uma versão simplificada de Giselle, um ballet francês sobre um duque que se apaixona por uma plebeia bonita e tímida, embora esteja prometido a outra pessoa. Ele se disfarça para cortejá-la, mas ela morre de coração partido quando descobre sua traição.

A companhia de ballet é pequena, com pouco menos de vinte

peessoas em nossa faixa etária, mas isso significa que todos têm chance de brilhar. Quando disse à minha mãe que havia sido escalada para o papel principal em dezembro passado, ela estava muito feliz.

Saber que ela nunca mais estará na plateia em uma das minhas apresentações... é de partir o coração.

Mas em vez de desmoronar e chorar, me joga na dança. Sou grata por ter sido capaz de treinar enquanto estava na casa de Aidan. Se não tivesse, estaria tendo dificuldade para acompanhar.

Durmo inquieta naquela noite, incapaz de tirar a conversa com Jasmine da cabeça. Penso nas implicações o tempo todo nos próximos dias. Quando não estou dançando ou fazendo trabalhos escolares, estou lendo sobre BDSM. Postagens em blogs. Romances. Até assisto a alguns filmes e vídeos instrutivos — tudo no celular, fora do wi-fi da escola, no escuro, depois que Jasmine foi dormir.

Era isso que Aidan e Fiona estavam fazendo no quarto? Isso explicaria os sons que ouvi. A partir das interações que testemunhei — e da minha própria pesquisa — tenho a impressão de que os dois são apenas parceiros casuais. Ela é a única ou ele tem outras submissas? Submissas com quem ele faz cenas regularmente. Submissas que são dele.

Eu me perco na toca do coelho me perguntando do que ele gosta. Antes que perceba, já tinha voltado para a escola há duas semanas.

Tem sido mais difícil do que eu pensava, voltar a um ritmo regular. Meus professores e colegas de classe têm sido compreensivos, mas às vezes a pena no rosto deles chega a ser demais. Sei que não podem evitar. A maioria das pessoas nem imagina como é perder um dos pais, muito menos os dois ao mesmo tempo. Eles olham para mim e não conseguem deixar de pensar em como lidariam se estivessem nessa situação.

Na semana anterior às férias de primavera, quando eu deveria voltar para a casa de Aidan, recebo o e-mail pelo qual tenho esperado. A notificação chega no celular vinte minutos antes de eu ir para a aula.

O resultado da Jost Academy for Visual and Performing Arts está na minha caixa de entrada.

Corro para o banheiro do dormitório onde Jasmine está enrolando os cabelos naturalmente encaracolados na pia.

— Jas — chamo. — Você viu seu e-mail hoje?

— Ainda não. — Ela para no meio do movimento. — Por quê?

— O e-mail chegou.

Seus olhos escuros se arregalaram no espelho.

— Você abriu?

— Ainda não.

Ela lava o creme definidor de cachos das mãos e depois pega o celular. Minhas próprias mãos tremem quando chego ao seu lado.

— Também recebi — ela diz, encontrando meu olhar. — Abrimos ao mesmo tempo?

Concordo com a cabeça. Contamos até três e depois abrimos o e-mail.

Parabéns, o meu começa.

A tensão se acumula dentro de mim como bolhas de champanhe. Antes de estourar, olho para cima para avaliar a expressão de Jasmine. Ela está me olhando com contenção semelhante.

— Você entrou? — pergunto. Com cautela, ela faz que sim. — Eu também.

Irrompemos num frenesi de gritinhos e risadas, fazendo com que mais de um par de cabeças molhadas saíssem dos chuveiros. Jasmine me puxa para um abraço, e nós o transformamos em uma dança comemorativa. Uma valsa de vitória. Um tango triunfante.

De repente, tudo o que quero fazer é contar a Aidan a boa notícia.

Enquanto tento acessar suas informações de contato, descubro que não as tenho. Devo ter esquecido de adicioná-lo ao meu celular no meio de todo o constrangimento. Mando uma mensagem para Jen, sabendo que ela vai transmitir a notícia. Ela responde em menos de um minuto em letras maiúsculas.

Jen: ISSO É ESPETACULAR!!! PARABÉNS,
QUERIDA!!! TEREMOS QUE COMEMORAR
QUANDO VOCÊ VOLTAR.

Agradeço a ela e digo que mal posso esperar.

As horas passam e Aidan não me manda uma mensagem. Ele também não liga.

Eu me pego verificando o celular a cada poucos segundos. É constrangedor o quanto sua indiferença me afeta. Meu professor de química me percebe olhando para o telefone e me diz para desligar. Percebo que provavelmente é melhor assim. Não é como se eu estivesse esperando que mais alguém mande mensagem. A pessoa que teria ficado mais animada com a notícia — minha mãe — não está por perto para ouvi-la.

No caminho de volta para os dormitórios após o treino de ballet, a garota na recepção acena para Jasmine e eu para me dizer que tenho uma entrega. Ela desaparece no escritório e sai segurando um vaso que está positivamente repleto de rosas rosa e brancas.

— Ummm, uau, que lindas — Jasmine comenta, pegando o

vaso para que ela possa pressionar o nariz no buquê. — De quem são?

A garota da recepção me entrega um pequeno cartão. Abro para encontrar uma simples saudação de parabéns, assinada por Aidan O'Rourke.

Assim como no momento em que a energia de repente volta depois de uma tempestade, eu me ilumino.

— São do Aidan.

— Caramba. Tudo o que meus pais fizeram foi deixar uma mensagem de voz sentimental. Seu tio pode me adotar também?

— Ele não é meu tio — digo, um pouco séria demais. Pigarreio. — Ele é meu guardião.

Jasmine ergue as sobrancelhas de formato perfeito. Estou sendo estranha em relação a isso. Ela desliza os dedos pelas pétalas de uma grande rosa rosa.

— Bem, independente de quem ele é, é óbvio que está orgulhoso de você.

Um sorriso verdadeiro e genuíno puxa meus lábios.

Deixei Aidan orgulhoso.



Troco a água nas rosas de Aidan todos os dias para ajudá-las a durar a semana toda.

Na manhã de sexta-feira antes das férias da primavera, Jen envia uma mensagem para me avisar quando Benjamin virá me buscar no dia seguinte. Ela diz que está ansiosa pelo meu retorno, e mal posso conter a empolgação em voltar.

Depois da maneira como deixamos as coisas, não sei o quão tensa será a atmosfera entre Aidan e eu. Mas prefiro estar no meio disso com ele do que ficar longe dele com todas as minhas perguntas sem resposta.

Vou para a aula e tento prestar atenção. Os professores parecem determinados a superar uns aos outros em termos de tarefas de leitura e lição de casa. Como somos um internato particular, os semestres são mais intensos, mas também significa que as férias de primavera são de duas semanas em vez de uma. A julgar pelas listas de leitura, parece que vou passar a maior parte desse tempo com um livro no colo.

Corro de volta para os dormitórios depois da última aula para me preparar para o treino de ballet. Quando entro pela porta, vejo Jasmine descansando na cama, ainda vestida com o uniforme escolar.

— Gina cancelou o treino — Jasmine informa. — Pelo visto, o filho dela está gripado.

Coloco a mochila no chão.

— Acho que isso nos dá mais tempo para fazer as malas.

— Vou fazer a maior parte das minhas amanhã. Quer jantar na cidade? Acabei de menstruar e estou desejando *pad thai* como uma mulher grávida.

A menção do jantar, penso na comida de Paolo e no quanto estou ansiosa para jantar com Aidan de novo. Sinto falta dele. Mal posso esperar para ouvir sua voz e sentir o peso de seu olhar na minha pele.

Então, por que deveria esperar?

O treino de ballet foi cancelado. Posso pegar um Uber hoje à noite e poupar a viagem de Benjamin amanhã. Posso me sentar com Aidan e esclarecer as coisas entre nós. Não com tantas palavras, já que seria muito vergonhoso. Mas quero que ele saiba que não acho que ele seja uma pessoa má.

Se ele gosta de BDSM, então minha avaliação inicial dele foi certa. Ele não estava machucando Fiona por raiva ou crueldade. Dominação e submissão são uma dança, uma prática, não muito diferente da minha.

Ser atingido dói, assim como empurrar os limites físicos do seu corpo. Alguns dias meus músculos doem tanto que mal consigo sair da cama. Minha instrutora de ballet uma vez brincou que, se o público soubesse quanta dor infligimos em nós mesmos em nome da arte, apenas sádicos viriam para as apresentações.

Se Aidan é um sádico, não deveria valer algo que ele só está machucando masoquistas que vêm à sua casa por vontade própria?

Eu acho que deveria.

— Na verdade — digo —, acho que vou voltar hoje.

Mando uma mensagem para Jen para avisá-la que estou voltando para casa mais cedo. Não demoro muito para arrumar minhas coisas. Não percebo que ainda estou usando o uniforme escolar até já ter arrumado a maioria das roupas. Tecnicamente, os motoristas parceiros da Uber não devem levar usuários com menos de dezoito anos, mas Jasmine e eu contornamos essa regra pedindo que eles nos peguem e nos deixem no estacionamento de uma igreja vizinha.

A mulher mais velha que estaciona na frente da igreja olha para a minha saia xadrez, mas não menciona nada. Jen não me responde durante a viagem de uma hora até a casa de Aidan. Parece muito cedo para ela estar na cama, mas ela gosta de aproveitar bem o dia.

Presumo que terei que sair pelo portão e caminhar até a casa. Mas quando nos aproximamos da entrada, o portão está aberto. Fazemos a curva.

— Parece que alguém está dando uma festa — a motorista

comenta.

Observo os carros estacionados ao longo da estrada curva e as luzes saindo de quase todas as janelas deste lado da casa.

A motorista me deixa na porta da frente e eu entro.

A música instrumental toca de algum lugar dentro da casa. Não sabia que Aidan tinha um sistema de som, mas não é como se ele tivesse um motivo para usá-lo. Dois homens que parecem ter vinte e poucos anos me cumprimentam com uma reverência sutil. Nunca vi nenhum deles antes, e ambos parecem estar evitando contato visual de propósito.

— Posso pegar seu casaco, senhorita? — o homem com um piercing na sobrancelha pergunta.

— Uhm, claro.

Coloco as malas no chão, tiro o casaco de inverno e deixo que ele o pegue.

O outro homem, um pouco mais baixo e mais cheio, gesticula para minhas malas.

— Você gostaria que a gente guarde seu equipamento?

Meu equipamento? Balanço a cabeça.

— Não, obrigada. Vou levar para o meu quarto.

Os dois homens compartilham um olhar curioso. O do piercing encolhe os ombros.

Pego as malas e vou pelo corredor principal até a sala de estar, onde casais e pequenos grupos de pessoas se reúnem em sofás e espreguiçadeiras. As lareiras em cada extremidade que costumam ficar vazias estão acesas, emitindo calor e luz. Está quase quente demais aqui.

É quando percebo que alguns dos hóspedes não estão usando muita roupa.

Vários homens estão sem camisa, ou ficam com elas desabotoadas, e algumas das mulheres estão de lingerie. Quanto mais examino o ambiente, mais detalhes chocantes descubro: mulheres com coleiras presas a guias que balançam na mão dos homens. Homens de quatro servindo como apoios para os pés de mulheres que não lhes dão atenção.

Que tipo de festa com vestuário opcional é essa?

Não vejo Aidan em lugar nenhum, embora a julgar pelos convidados indo e vindo do cômodo, acho que a festa deve se estender a outras áreas da casa.

Antes que alguém possa me perguntar quem eu sou ou o que estou fazendo aqui, saio da sala e vou para as escadas. O murmúrio da conversa diminui quando chego ao segundo andar. No entanto, enquanto tento entender o que vi, um som familiar ecoa pelas portas fechadas do quarto de hóspedes.

Gemidos, choramingos, tapas e batidas suaves.

Um arrepio quente percorre meu corpo enquanto ando pelo corredor. Por fim, cedo à vontade de pressionar o ouvido em uma das portas. Ouço a risada de uma mulher e o gemido suave de um homem.

Este é uma festa de BDSM. Li sobre eles na minha pesquisa. Encontros privados onde as pessoas fazem coisas bizarras umas com as outras. Às vezes com estranhos, às vezes com pessoas que conhecem.

Uma porta está aberta. Sei que deveria continuar andando, mas quero espiar.

Um homem loiro e barbudo descansa nu em uma cadeira nos fundos. Pelo menos, acho que ele está nu. Suas pernas e peito estão nus, mas há uma mulher ajoelhada no chão, bloqueando minha visão do resto — a parte mais importante, como diria Jasmine. Os pulsos da mulher estão amarrados atrás dela com corda, logo acima do cós de sua calcinha cor de vinho.

A cabeça dela balança acima do colo do homem. Ela deve estar fazendo um boquete nele. Eu ofego. O homem barbudo olha para mim, provocando pânico na minha barriga.

— Fantasia fofa — ele me diz. Ele acha que estou usando uma fantasia? — Aluna travessa é um pouco clichê, mas ficou bem em você.

Não tenho certeza de como responder, então apenas digo:

— Obrigada.

Talvez seja a satisfação evidente em seu olhar, mas algo a respeito de um homem me observando enquanto está sendo chupado faz minha metade inferior formigar. Ele pega uma chibata e desliza a ponta de couro pelas costas da mulher.

Ele não parece se importar com o fato de eu estar assistindo os dois transarem. Acho que é por isso que as pessoas vêm a essas festas, para exibir os fetiches com pessoas que são como elas.

Pessoas como... Aidan. Quaisquer suspeitas que eu tinha sobre seus apetites sexuais antes estão cimentadas por completo agora.

Excitação serpenteia entre minhas coxas enquanto imagino Aidan sentado no lugar do homem loiro, comigo de joelhos diante dele, pulsos amarrados.

O pau de Aidan na minha boca. A chibata em sua mão. A antecipação ao esperar que ele me bata...

O estalo da chibata nas costas da mulher me sacode e me impele a correr pelo corredor, rezando para que eu não encontre um estranho amarrado e amordaçado na minha cama.

CAPÍTULO 7



Grace

Fecho a porta do quarto ao entrar e de repente consigo respirar outra vez.

Havia uma fita vermelha amarrada ao redor da maçaneta quando cheguei aqui. Achei que significava que havia pessoas lá dentro fazendo sabe-se lá o que nos meus lençóis, mas quando ouvi da porta, havia apenas silêncio. Talvez Jen ou Aidan tenham amarrado a fita para indicar que meu quarto está fora dos limites.

Jogo as malas na cama e depois caio ao lado delas. Meus músculos se contraem com tensão residual. Não sei como devo me sentir sobre tudo isso. Estou atordoada e envergonhada pelas coisas que vi, mas também estou mais excitada do que nunca.

Rolando de lado, me acaricio por cima das roupas. Compartilhar um quarto não permite muito tempo sozinha, então não tive muitas chances de liberar a tensão reprimida que acumulei ao me empanturrar com histórias de BDSM e pornografia.

Agora as coisas que vi e li on-line estão acontecendo do lado de fora da minha porta.

Uma coisa que posso dizer com certeza é que Aidan agendou a festa esta noite por um motivo. Eu não deveria estar aqui. Tenho certeza de que ele acha que sou muito jovem para saber sobre essas coisas, e a maioria dos blogs que tenho lido tem avisos de verificação de idade que evitei com facilidade.

Mas meu corpo não se importa que eu seja muito jovem para praticar esse tipo de atividade sexual não convencional. Ele só sabe o que quer sentir, como quer ser tocado. Anseia por ser entregue a um dominador confiável que exigirá submissão total, enquanto oferece um novo espectro de sensações em troca.

A excitação puxa meu interior como um mestre de marionetes puxa cordas, me deixando molhada e ansiando por coisas que não tenho o direito de ansiar. Imagino Aidan, em algum lugar desta casa, distribuindo prazer e dor em igual medida.

Ele não sabe que estou aqui, e não há razão para ele descobrir que voltei mais cedo. Eu poderia facilmente ficar no quarto até todos irem para casa, depois sair e tocar a campainha. Seria bem simples fingir ignorância de tudo o que vi e ouvi esta noite.

Parte de mim está convencida de que, se eu fosse conversar com Aidan amanhã, ele sentiria meu desejo, assim como sentia todos os meus outros segredos. Por qualquer motivo, meus truques habituais apenas não funcionam com ele. Ele vê através dos sorrisos forçados, como se as defesas que passei a vida toda fortificando não fossem nada além de gaze.

Tenho sorte que ele não me viu quando entrei. Se ele me pegasse observando o homem ganhando um boquete, ele ficaria com raiva e horrorizado. Ele me castigaria lá, na frente do casal? Ou me arrastaria de volta para o meu quarto, me dobraria sobre o joelho e me puniria por assistir a algo que eu não deveria?

A fantasia se entrelaça entre meus pensamentos dispersos até que eu esteja louca de desejo.

Eu deveria ser grata por esse vislumbre secreto de um mundo sobre o qual só li, mas não é o suficiente para me saciar. Anseio por me alongar e caminhar entre os habitantes locais, correr e dançar nas ruas, explorar esta nova paisagem onde há mestres e mestras, e submissos felizes ansiosos por servir e ser espancado.

Talvez se eu tiver cuidado... Se ficar de olho em rostos familiares e não chamar a atenção, posso passar um pouco mais de tempo lá embaixo na festa.

Só alguns minutos. Uma hora no máximo.

Pego o zíper da mala. O homem com a chibata presumiu que eu estava usando uma fantasia, mas a última coisa que quero é chamar a atenção para a minha idade. Remexo as coisas até encontrar o que procuro: meias-calças cor creme. Meu collant preto mais sexy com malha entre o busto e a gola, e renda nos ombros. A parte da gola fica presa na nuca, deixando a maior parte da parte superior das costas exposta.

Passando os dedos no cabelo, separo os cachos dourados, desejando ter um batom vermelho-escuro para parecer sofisticada. Jasmine adora maquiagem, então costumo pegar emprestado da maleta dela. Como ela não está aqui, tenho que me contentar com brilho labial cereja e algumas gotas de hidratante com cor nas bochechas.

Verifico para ter certeza de que Aidan não está em nenhum lugar à vista e depois saio do quarto na ponta dos pés.

O barulho dos talheres fica mais alto enquanto desço a escada dos fundos, a mais próxima da cozinha. Não reconheço nenhuma das pessoas que cercam a área de Paolo. Eu me pergunto se algum dos

funcionários de Aidan sabe o que está acontecendo aqui esta noite. Jen deve saber. Não consigo imaginá-lo planejando uma festa tão elaborada sem a ajuda dela.

Ao sair do ambiente comprido em que fica a louça fina para a sala de jantar, encontro uma cena em andamento. Um homem nu deita de bruços na toalha de mesa enquanto quatro mulheres se revezam batendo nele com vários utensílios de cozinha.

Arquejo quando uma das mulheres coloca uma luva de látex, fazendo com que as quatro olhem na minha direção.

— S-sinto muito — gaguejo, enquanto o calor preenche minhas bochechas. — Só estou passando.

Uma ruiva segurando uma espátula de silicone sorri para mim.

— Não faz mal, querida.

Saio correndo da sala de jantar e entro na sala de estar do outro lado do corredor. O bar no canto que costuma ficar sem funcionários agora tem pessoas servindo bebidas. Peço ao barman algo não alcoólico e ele me diz que não estão servindo álcool hoje à noite, o que faz sentido. Você não gostaria que um bando de dominadores bêbados se atrapalhasse com chicotes e correntes.

O barman me serve uma soda limonada numa taça de champanhe. Bebo devagar, de olho em Aidan ou em qualquer outra pessoa que pareça familiar. A maior parte da atividade real de BDSM parece estar ocorrendo em quartos de hóspedes ou outros espaços designados, como a academia.

Se os quartos são destinados para aqueles que querem brincar em particular, a academia é aonde vão para deixar suas bandeiras da excentricidade ondular em vento.

Um perfume almiscarado preenche o ar pegajoso e úmido — sem dúvida o efeito de tantos corpos cobertos de suor em vários estágios de nudez. Grande parte do equipamento regular de exercícios foi trocada por outros equipamentos, alguns dos quais vi em vídeos pornôs, como o banco de palmadas e a plataforma de suspensão para a amarração de cordas *shibari*, e outros que não faço ideia do que são.

Não sei para onde olhar enquanto absorvo toda a atividade do ambiente. Estou cercada por seios e traseiros nus. Nunca vi um pênis em carne e osso, e agora mal posso virar a cabeça sem encontrar pelo menos um apontando para mim.

Um homem me olha com curiosidade enquanto se acaricia acima da boca aberta de outro homem. Meu corpo se enche de calor. Choramingsos, gemidos e as batidas firmes de palmatórias passam um por cima do outro até que não consigo nem ouvir meus próprios pensamentos. Apenas os sons de corpos molhados e suados durante o sexo e os gritos desesperados de dor.

Essas pessoas querem ser amarradas e chicoteadas, eu me

lembro. É por isso que vieram aqui.

Gotas de suor se formam sob meus braços e entre meus seios enquanto progrido lentamente pelo cômodo. Uma pequena multidão se reuniu em direção ao canto de trás, onde batidas rítmicas que soam como tambores me chamam como um ritmo que eu poderia dançar. Eu me pego balançando enquanto circundo a multidão, procurando uma maneira de entrar para que possa ver o motivo de terem se aglomerado.

Por fim, vejo uma abertura e entro. Meus pulmões esquecem como funcionar.

Vejo Aidan vestido com calças pretas de corrida e nada mais, nem mesmo meias.

E Fiona, ou alguém que tem um corpo parecido de costas, algemada a uma grande cruz de madeira em forma de X. Seu cabelo escuro foi trançado e enrolado em um coque, expondo as costas avermelhadas — tornadas mais vermelhas a cada novo toque do açoite de couro do punho de Aidan.

Eu os observo, extasiada, a respiração superficial. Deveria sair antes que Aidan me veja.

Mas não posso me obrigar a virar as costas.

Não consigo parar de pensar no que ouvi da última vez que estive nesta casa. Agora por fim estou vendo com os próprios olhos.

Por sorte, Aidan parece focado na tarefa em questão. Aproveito esta rara oportunidade para olhar livremente para seus braços poderosos e costas tonificadas. Fiona geme enquanto ele muda o ritmo de açoitamento, arqueando o pulso na forma de um oito.

Essa deve ter sido a técnica que Fiona se referia na noite em que veio visitar. Ou, sendo mais específica, a versão invertida dessa técnica, para a qual ele muda quando os gemidos se transformam em choramingsos. A mira dele muda para baixo, golpeando a bunda da mulher e concedendo as costas um alívio. A calcinha rosa que ela está usando facilita ver a reação da pele a cada um dos golpes de Aidan.

Depois de cerca de um minuto, ele para e coloca o açoite em uma mesa ao lado da cruz, depois pega uma vara fina de madeira.

Li sobre as varas. Como são dolorosas. Como podem ser punitivas.

Estremeço quando Aidan abaixa a vara, deixando uma linha vermelha no traseiro de Fiona. Ela grita. Presto atenção esperando escutar uma palavra de segurança e observo sinais sutis de que a mulher quer que ele pare, mas Fiona não faz nenhum. Ele bate nela de novo. Eu o vejo bater nela cinco vezes no total, absorto por completo. Ela está chorando — quase aos prantos —, mas não está implorando para ele parar.

Penso em todas as vezes que fui atingida quando não pedi,

além da agonia que fiz meu corpo passar em nome da arte. Eu tenho sorrido através da minha própria dor desde que me lembro.

Que alívio seria poder chorar e choramingar sem remorso, como Fiona está fazendo agora.

Aidan descansa a mão entre as omoplatas da mulher e ela logo se acalma. Ele tira as algemas dos tornozelos de Fiona e depois dos pulsos. Ela se ajoelha no chão na frente dele, o rosto cheio de lágrimas.

Eu me pergunto se ela vai chupá-lo. Meu estômago embrulha. Por mais que eu queira ver mais de Aidan, acho que não consigo assistir a isso.

Caindo sobre os cotovelos, Fiona toca a testa no topo dos pés dele, depois se levanta. Enquanto Aidan pega uma toalha para limpar o suor do rosto, um homem mais velho que eu não tinha notado na borda da multidão se aproxima de Fiona com uma guia. Ele prende no aro da coleira da mulher, acariciando suas bochechas coradas.

— Essa é a minha boa garota — o homem diz. Ele beija a testa dela. Fiona sorri, quase brilhando de satisfação. Percebo que o homem deve ser o marido dela. Qual era o nome dele mesmo? Não tenho muito tempo para refletir, enquanto o olhar de Fiona se desloca em minha direção.

O sorriso da mulher vacila. Ela se lembra de mim.

Eu me viro e volto para a multidão, mas o número de espectadores deve ter aumentado enquanto eu observava. Há muitas pessoas para contornar. Tento passar por um homem com uma máscara de cachorro e acabo sendo empurrada.

Limonada cai da taça de champanhe em uma camisa de aparência cara pertencente a um homem com cara de rico.

Cabelos escuros. Olhos escuros. Pele morena e lábios carnudos. Seu olhar perfura minha compostura como uma flecha.

Este homem irradia dominância e algo mais. Algo primitivo...

— Sin-sinto muito — gaguejo. — Eu pago...

— Você vai pagar. — O sotaque dele é forte, mas não consigo saber de que lugar. Ele passa a mão grande em volta do meu pescoço. — Na verdade, vou levar sua pequena...

— Dante — a palavra ressoa por toda a academia, interrompendo todos os outros sons. A multidão em nosso canto se dissipa em um instante, abrindo espaço para Aidan se aproximar.

Meu lábio inferior treme. Nunca o vi tão lívido, mas ele não está dirigindo sua ira para mim. Ele está apontando para o homem que tem a mão em volta da minha garganta.

— A menos que você queira perder essa mão — Aidan rosna —, recomendo que a solte.

Os convidados de Aidan se mexem inquietos, sussurrando entre

si. Dante semicerra os olhos para Aidan, depois me olha com perspicácia, como se estivesse avaliando meu valor antes de decidir me deixar ir.

— Ela me deve uma camisa — Dante diz, depois se afasta.

Sinto a presença de Aidan ao meu lado como a rajada de calor de um forno. Meu pulso dispara. Ele vai me perguntar o que diabos estou fazendo aqui, e não importa o que eu diga a ele, será vergonhoso.

Porque eu quero as mesmas coisas que você... E quero que você faça comigo. Não consigo encontrar o olhar dele.

— Eu só queria...

— Aqui não — Aidan diz. — Lá em cima. Agora.

CAPÍTULO 8



Aidan

Quando Fiona me puxou de lado para me dizer que tinha visto Grace na multidão, não quis acreditar nela. Depois de tudo o que a garota passou, o abuso que sofreu nas mãos do pai, a última coisa que precisa ver é o tutor açoitando uma mulher para sua diversão e a dos presentes.

No instante em que meu olhar se fixou na mão de Dante ao redor da garganta de Grace, meu corpo entrou em ação. Eu me orgulho de ser paciente e controlado em todas as áreas da minha vida.

Mas, naquele momento, um interruptor foi acionado.

Dante é meu amigo há quase uma década. Até emprestei minhas submissas para ele de vez em quando.

E estava pronto para quebrar todos os cinco dedos dele para removê-los do pescoço de Grace.

Eu a faço subir as escadas à minha frente, sem tirar os olhos dela por um instante. Meus colegas dominadores e eu temos regras rígidas sobre não permitir hóspedes menores de idade nas festas. Não há como olhar para Grace e não ver o quão inocente e intocada ela é, mas também posso ver por que meus convidados podem presumir que ela está aqui para brincar. Os collants justos que ela insiste em usar não deixam nada para a imaginação. A primeira vez que a vi dançar, não tive dificuldade em discernir o tamanho e a forma exatos de seus mamilos. Sem mencionar a abertura pouco profunda entre as pernas.

Se ela fosse minha filha, a faria usar um maldito traje de esqui sempre que praticasse em público. Mas Grace não é minha filha, e com certeza não é minha. Sou responsável pelo seu bem-estar até que atinja a maioridade, mas ela não me pertence.

Essa situação me deixa cambaleante. Meu corpo ainda está zumbindo da cena da qual acabei de sair e meu cérebro não teve tempo de fazer a transição para longe do modo Dom.

Grace faz uma pausa no topo da escada, aguardando minha nova direção com olhos arregalados e ansiosos. Ela está nervosa, e não

a culpo por se sentir assim. A última vez que uma submissa veio à casa, Grace ficou abalada com os sons que ouviu. Agora ela me testemunhou açoitando as costas de uma submissa, não acho estranho que esteja alerta.

Aponto na direção do quarto de Grace e a sigo para dentro, fechando a porta ao entrar.

Ela se vira para me encarar, segurando as mãos.

— Você não deveria estar aqui esta noite — digo.

— Minha aula de ballet foi cancelada. Decidi voltar mais cedo.

— Você deveria ter ligado primeiro.

— Não tenho seu número. E mandei uma mensagem para Jen quando saí da escola, mas ela não respondeu.

— Isso foi um descuido.

Esta tarde, instruí explicitamente para Jen tirar a noite de folga, o que incluía uma ordem direta para desligar o telefone do trabalho.

Respiro fundo e me estabilizo, desejando ter pensado em vestir uma camisa. No momento, acho o olhar sem piscar de Grace enervante. Não consigo me livrar da sensação de que fui virado do avesso. Coisas que deveriam ser mantidas em segredo agora estão em plena exibição.

— Sinto muito que você tenha que testemunhar isso.

— Eu não — ela diz, tão baixinho que quase não escuto. — O que você fez na academia. Foi isso o que você e Fiona estavam fazendo na noite em que te ouvi, não foi?

— Foi. — Depois de tudo o que ela viu esta noite, não faz sentido não ser sincero. — Tenho certeza de que você tem perguntas e farei o meu melhor para respondê-las.

Algo na maneira como ela está me olhando faz meu coração bater mais rápido. Conheço aquele olhar, aquele desejo bruto e cru. Ela quer algo que não acha que pode ter. Algo que ela tem medo de pedir.

— E se eu quisesse que você fizesse isso comigo?

Pisco duas vezes antes que suas palavras se registrem por completo.

— Quer que eu te açoite?

— Tenho lido sobre BDSM e assistido a filmes e vídeos de instruções. Sei que gosto de agradar as pessoas, mas estou começando a pensar que é mais profundo do que isso. Acho que gostaria de... servir alguém.

A imagem mental de Grace ligada a uma Cruz de Santo André cintila na minha mente. Se eu ainda não estivesse zumbindo como um motor deixado em marcha lenta, teria mais facilidade em deixar a imaginação de lado.

— Observando você com o açoite — ela continua. — Mexeu comigo. Eu acho... não, eu sei que quero te servir.

De todas as reações que esperava que ela tivesse, isso nem está na mesma direção. Grace me viu açoitar e bater em uma mulher e, em vez de apreensão, aquilo... mexeu com ela.

Passo a mão pelo rosto, lutando para aceitar o que esse raio de sol está me dizendo.

Ela quer ficar de joelhos, quer ser amarrada, açoitada e chicoteada.

E quer que eu, seu tutor, faça isso com ela.

Cada parte racional do meu corpo está me criticando para não encorajá-la. Se um dominador viesse até mim e dissesse que estava pensando em tomar uma garota tão jovem, eu o incentivaria a encontrar alguém mais velho. Se ele recusasse, eu o expulsaria da minha festa —, mas não antes de tornar quase impossível para ele colocar as mãos quebradas e maltratadas em qualquer um, muito menos em uma garota menor de idade.

— Você é muito jovem para praticar BDSM — digo.

— Tenho quase dezoito anos.

— *Quase* é diferente de *ter* — rebato. — Mesmo se você tivesse idade suficiente, eu seria a pessoa errada para te treinar.

— Você é a pessoa perfeita. — Ela se move em minha direção. — Você é paciente e compreensivo, e não perde a paciência com pequenas coisas. Parece que você faz isso há muito tempo.

— Há mais tempo do que você está viva.

— Viu? É exatamente isso que quero dizer. — Grace sorri, indiferente à minha referência não tão sutil à nossa diferença de idade. — Eu confio em você, Aidan. Não consigo me imaginar confiando em alguém tanto quanto confio em você, sobretudo agora que sei que é isso que você gosta.

— Como saber que gosto de machucar as pessoas me torna mais confiável na sua opinião?

— Porque você só machuca pessoas que querem se machucar.

— E você está me dizendo que quer que eu te machuque? — Eu a estudo de perto. Sua excitação cobre todo o rosto. As pupilas dilatadas e a maneira como seus lábios se separam enquanto ela considera sua resposta.

Ela pressiona uma mão trêmula no centro do meu peito.

— Quero que faça o que quiser comigo.

Minha temperatura interna aumenta.

Grace não quer apenas que eu a açoite e bata nela, embora esses atos sejam criminosos. Ela quer que eu faça todas essas coisas e depois a foda.

O pensamento desperta uma fome dentro de mim que pensei

ter acabado.

Sexo e fetiche não poderiam viver mais separados um do outro em minha mente. Eu nem fico mais duro durante as cenas. Mas observando enquanto Grace afunda os joelhos no tapete, sentindo seus cabelos dourados roçarem o topo dos meus pés, meu pau não pode deixar de enrijecer.

— Por favor — ela diz, sua respiração aquecendo os dedos dos meus pés.

A única resposta aceitável é não. De jeito nenhum. Então, por que não posso dizê-la?

— Levanta, Grace.

Deslizo as mãos nos bolsos da calça de moletom, prendendo a ereção de uma maneira que espero que ela não perceba enquanto se senta nos calcanhares.

Ela me encara com olhos que brilham à luz da lâmpada, os dedos flexionando as coxas. O desespero fica melhor nela do que deveria poder. Eu sabia que ela ficaria ainda mais bonita de joelhos, mas não percebi o quanto eu ansiava por vê-la assim.

E eu me odeio por isso. Grace tem 17 anos. Ela precisa de cuidado e apoio, não de *bondage* e espancamentos. Mas o desejo de ver como ela seria amarrada à minha cama na masmorra está escorregando pelas rachaduras na minha compostura.

Preciso sair deste quarto, ir para longe da tentação. Não consigo pensar direito enquanto o sangue está endurecendo meu pau tão perto do rosto de Grace.

— Venha ao meu escritório depois do café da manhã amanhã — digo a ela. — Vamos retomar essa discussão.

— Você está dizendo que vai pensar sobre isso?

Seus olhos se arregalam. Ela não esperava que eu pensasse no assunto, mas o abordou de qualquer maneira. Admiraria sua coragem se isso não me assustasse pra caramba.

— Estou dizendo que falaremos sobre isso amanhã.

— Tudo bem. — Ela está tentando esconder a animação, mas é como uma presença na sala. O sádico em mim não consegue resistir a cutucá-la.

— A resposta correta é sim, senhor.

Ela arqueja, e o olhar em seu rosto me faz querer deslizar meu polegar entre seus dentes.

— Certo — ela diz. — Quero dizer, certo, senhor.

Começo a sair, parando quando estou a meio caminho da porta.

— Não quero vê-la fora deste quarto de novo esta noite — digo.

Ela abaixa a cabeça.

— Sim, senhor.
Deus me ajude.



A concentração é inútil na manhã seguinte. Não consigo parar de pensar em Grace desde que a deixei em seu quarto.

Por sorte, Jen está lá para direcionar minha atenção como uma professora guiando um aluno inquieto de volta ao caderno de exercícios. Ela apareceu bem cedo, à frente da equipe de limpeza, transbordando desculpas por ter perdido a mensagem de Grace.

— Ainda não acredito que desliguei o celular.

Olho para ela, sentada em frente à mesa, e a lembro:

— Eu te disse para tirar a noite de folga.

— Devia pelo menos ter verificado as mensagens antes de ir para a cama. Espero que a chegada inesperada de Grace não tenha... atrapalhado a noite.

Atrapalhar não podia nem descrever a situação. Sua presença enviou uma onda de choque por todo o meu mundo meticulosamente compartimentado. O que ela viu ontem à noite, os desejos que ela confessou... mudou tudo.

Não toquei em mais ninguém pelo resto da noite depois que saí do quarto de Grace. Não quis, o que é estranho, considerando que fiquei tanto tempo sem esse tipo de liberação.

Depois que o último dos funcionários do buffet saiu e a casa ficou em silêncio, tomei um banho, fui para a cama e tentei em vão deixar o sono me distrair da única outra alma da casa. Minha mente se recusou a ser acorrentada à cama. E vagou pelos corredores, para o quarto de Grace, onde a lembrança dela de joelhos ainda estava fresca.

A fantasia deveria ter parado por aí. Nem deveria ter começado, mas com certeza não deveria ter progredido para imaginá-la usando minhas algemas, ou recebendo meu açoite, minha chibata, minha mão descendo com força em sua bunda nua. Seu corpo flexível e moldado pelo ballet se contorcendo e se mexendo, pedindo por mais...

Antes que eu percebesse, estava me esfregando no colchão como um menino na infância. Era como se tivesse me convencido de que, ao não tocar no meu pau, não estava me masturbando com a memória de Grace quase implorando para que eu a reivindicasse.

Não transo com minhas submissas, mas ela não sabe disso. Nas últimas semanas, ela tem pesquisado o estilo de vida, assumindo que sou como os dominadores que viu em filmes e livros. Dominadores que seguem uma surra forte com uma foda ainda mais forte.

O interesse de Grace em BDSM não é o problema. É sua idade e inexperiência, a ingenuidade inata.

O que aconteceu com a mãe do meu filho foi resultado da minha própria ignorância. Você pode tomar todas as precauções possíveis e ainda acabar prejudicando irreparavelmente alguém de maneiras que não pretendia. E negligência à parte, não há escassez de demônios por aí. Predadores se passando por dominadores, procurando explorar carne inocente.

O pensamento de Grace se envolver com um descuidado ou um dominador abusivo apodrece como carne podre no fundo do meu estômago. Ele se agita, provocando raiva e pavor até que eu passe mal.

Não vou deixar nada assim acontecer com ela. Uma batida soa na porta do meu escritório.

Meus músculos ficam tensos. É claro que ela está acordada mais cedo do que o normal hoje.

— Deixe-a entrar — digo a Jen.

Jen me olha com curiosidade, depois se levanta para atender a porta.

— Grace, querida — ela diz com gentileza. — Entre.

Minha pupila entra no cômodo, seu olhar imediatamente atraído para o meu. Ela sorri, nervosa. Seu vestido cor creme é solto e termina logo acima dos joelhos. Meu olhar mapeia o terreno exposto de sua pele, as panturrilhas e os ombros tonificados. O vale pouco profundo entre seus seios, deixado nu pelo decote em forma de V, implora para ser acariciado por cera quente.

— Devo preparar uma xícara de chá para vocês dois? — Jen pergunta.

Fecho o notebook e me levanto atrás da mesa.

— Isso não será necessário — digo a Jen. — Nos dê alguns minutos.

— Claro.

Minha assistente dá um tapinha no ombro de Grace ao sair do escritório. Grace me dá com outro sorriso tímido.

— Bom dia.

— Feche a porta — digo, e ela mal pisca os olhos antes de fazer o que mandei. Faço um gesto para a área de estar onde nos sentamos juntos pela primeira vez no dia em que ela chegou à minha casa. — Sente-se.

Ela reivindica um lugar no sofá desta vez para que possa cruzar as pernas debaixo dela. Eu não me sento na mesma hora. Quero aproveitar a visão panorâmica que minha posição superior oferece por mais um momento.

— Como você dormiu?

— Não muito bem — ela responde. — Você?

— Também não.

Ela muda de posição no sofá, liberando uma das pernas. Não parece intencional da sua parte, mas meu olhar é automaticamente atraído para o membro nu.

— Aidan — ela começa. — Quero me desculpar por invadir sua festa.

— Você não sabia que eu estava dando uma.

— Eu sei, mas eu poderia ter ficado no quarto e esperado até que acabasse para te encontrar. Sei que minha presença deve ter arruinado sua noite.

— Sem dúvida alterou o curso da noite.

Sento-me na cadeira em frente a ela. Embora não dissesse que a presença de Grace arruinou minha noite, ter uma menor no evento colocou a mim e aos meus convidados em risco. Mais importante, isso a colocava em risco de estar lá sem conhecer as regras da masmorra.

Em nossa comunidade, todas as submissas sem coleira são consideradas disponíveis por qualquer dominador. É uma regra deixada clara para todos os hóspedes antes de consentirem em participar de uma festa. Dante acreditava que estava no seu direito de punir Grace por derramar uma bebida nele. Se ela fosse outra pessoa, ninguém teria pestanejado, embora alguns tivessem ficado para assistir.

— Você gostaria de ter ficado no quarto?

Ela morde o lábio, considerando. Se ela quiser se retratar de qualquer coisa que fez ou disse ontem à noite, agora é sua chance.

— Não.

Ela não está recuando, o que significa que ainda quer isso, embora o que estou disposto a oferecer talvez não seja o tipo de acordo que ela imaginou para nós.

Não posso garantir a segurança de Grace se ela fizer isso com estranhos. Qualquer idiota arrogante pode colocar calças de couro e se chamar de dominante sem se preocupar em se educar dos riscos envolvidos. Como guardião de Grace, é minha responsabilidade garantir seu bem-estar. Se ela é minha, posso ficar de olho nela mais do que se fosse apenas minha protegida.

— Se eu concordo em aceitar você — digo —, é com a aceitação e compreensão de que sei o que é melhor para você, como uma nova submissa. Presumindo que ainda é algo que você quer.

Seus lábios se afastam quando seu peito se eleva.

— É sim.

— Isso é apenas para fins de treinamento. Uma chance de aprender com alguém experiente. Haverá regras e instruções para você seguir, tanto aqui quanto enquanto estiver na escola. Você vai me

chamar de senhor a partir de agora quando estivermos sozinhos, a menos que eu diga o contrário, e me referirei a você como pequenina.

— Certo. — Ela suspira a palavra, seu olhar centrado na minha boca. — Eu, hum, sinto que provavelmente deveria dizer que sou... virgem.

— Não preciso saber nada sobre isso.

— Ah. — Ela franze o cenho, confusa.

Não posso acreditar que esse raio de sol me ofereceria algo tão precioso quanto seu corpo intocado. Não vou negar. Pensar em tirar a virgindade de Grace me deixa duro, da mesma forma que pensar em amarrá-la e açoitá-la me deixa duro. Devo ter uma veia masoquista secreta se estou disposto a convidar esse tipo de tentação para minha vida. No entanto, suspeito que esse arranjo não durará além de seu décimo oitavo aniversário, uma vez que perceba que não posso lhe dar tudo o que ela quer em um dominador.

Eu me mantive sob controle por mais de vinte anos, três meses é apenas um piscar de olhos em comparação.

— Não preciso saber disso porque não vou transar com você — explico. — Na verdade, nem vou te tocar.

Grace abre a boca e depois fecha. Como previ, ela não tem certeza do que fazer com minha oferta.

— Vou te treinar como uma submissa de servidão — digo. — Você sabe o que isso significa?

— Mais ou menos.

Vejo-a fazendo a anotação mental para pesquisar o termo assim que eu permitir que ela saia.

— Isso significa que eu lhe darei tarefas para concluir e instruções para seguir, e você completará essas tarefas com o melhor que puder. — Desde que seus pais faleceram, Grace ficou à deriva. Posso lhe dar um alicerce. Manter a garota no caminho certo até ela entrar na faculdade. — Quando fizer uma tarefa direito, será recompensada. Se falhar, tentará outra vez.

Inclino-me para a frente, apoiando os cotovelos logo acima dos joelhos.

— Se você me desobedecer — acrescento —, será punida.

Ela arqueja tão baixinho que mal consigo perceber.

— Como serei punida?

— Não do jeito que está imaginando.

Suas bochechas assumem um adorável brilho rosa.

— Você vai me açoitar como fez com a Fiona?

— Eu não estava punindo Fiona quando a açoitei. E te açoitar exigiria te tocar, e já disse que não vou fazer isso.

Grace mordisca a unha do polegar. Minha bailarina inteligente está fazendo o possível para analisar meu raciocínio, para entender

por que estou propondo essa versão mais leve de algo com o qual já me viu comprometido por completo.

— Você acha que sou muito jovem.

— Porque você é muito jovem. Sei que não foi isso que imaginou, mas é o que estou oferecendo agora. Você ainda quer me servir, Grace?

Sei que deveria esperar que ela recuperasse o juízo e voltasse aos seus filmes e livros. Seria mais simples para nós dois. Mas, nisso, o sádico e o protetor em mim estão de acordo: Grace está mais segura comigo do que estaria com qualquer outra pessoa.

— Sim, senhor — ela diz, sorrindo.

O alívio toma conta de mim, deixando um rastro de antecipação. A criatura radiante sentada no meu sofá é minha.

— Eu só tenho uma pergunta.

— Qual?

Coloco o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, na esperança de tornar mais difícil para ela ver como minhas calças ficaram apertadas.

— Se você não vai me tocar, então o que vamos fazer?

Agora é a minha vez de sorrir.

— Você, pequenina, vai fazer sua lição de casa.

CAPÍTULO 9



Grace

Estou começando a me perguntar se todo esse lance de submissa de servidão é apenas uma manobra para me fazer estudar mais.

Já se passaram cinco dias desde que concordei em servir Aidan, e tudo o que ele me fez fazer foi sentar no tapete do escritório e fazer a lição de casa.

Ainda jantamos juntos, e ele se juntou a mim para o café da manhã duas manhãs seguidas. Ele parece gostar de me ver fazendo coisas do dia a dia. Mas enquanto antes, eu o pegava olhando e Aidan desviava o olhar, agora não faz mais isso. Ele me estuda sem reservas por cima da borda do copo ou unindo as pontas dos dedos. Demorou um pouco para me acostumar. Agora me sinto inquieta se ele está no ambiente e não está me observando.

Jen suspeita que algo está acontecendo. Ela não disse isso abertamente, mas tenho certeza de que está se perguntando por que comecei a passar tanto tempo no escritório de Aidan.

Ainda tenho que falar sobre isso com Jasmine.

Aidan não me instruiu a não contar a ninguém sobre nós, mas gosto da ideia de ser seu segredinho. Eu me sinto como um tesouro no bolso dele que ninguém mais sabe. Algo que ele pode alcançar ao longo do dia e com os dedos — figurativamente falando. Quando ele disse que não ia me tocar, ele não estava exagerando.

Ele não me tocou desde que me ajoelhei e implorei para que ele fosse meu Dom.

Ainda não sei como fiz isso. Era como se meu corpo de repente esquecesse de como sentir vergonha. Fiquei chocada com o quanto fui descarada, como me permiti ser honesta e exposta. Desde aquela noite, sinto como se minhas entranhas tivessem sido renovadas como o interior de uma casa. Não sou a mesma pessoa que era quando cheguei aqui pela primeira vez.

Por exemplo, eu não costumava me masturbar com frequência.

Compartilhar um quarto durante grande parte do ano torna difícil encontrar tempo para ficar sozinha. Agora que tenho um quarto só para mim, faço isso todas as noites. Em algumas, duas vezes. Existo em um estado constante de excitação sempre que Aidan está no cômodo, ou sempre que estou pensando nele, o que é a maior parte do tempo.

Não consigo imaginar que fique satisfeito em me ver escrever redações e ler Hamlet. Comecei a suspeitar que minha atração podia ser unilateral, até a manhã em que senti seu olhar aquecido em minhas pernas nuas.

Esparramada no tapete com o caderno de exercícios de cálculo, finjo não notar seu interesse ao cruzar e descruzar as pernas. Ele esfrega o lábio inferior, sem tirar os olhos de mim.

No dia seguinte, faço questão de usar um vestido ainda mais curto.

Quero provocar uma reação. Qualquer reação que não seja esse comportamento sério. Quase me entreguei a ele em uma bandeja, e até agora, ele parece contente em me deixar definhar, sem me provar. Não é que eu queira que quebre a promessa, só quero algum tipo de sinal de que ele quer isso também. Que não está apenas me enganando, esperando que eu fique entediada e decida acabar com tudo isso antes mesmo de ter a chance de começar.

Estou no meio de conceder a ele uma visão bem generosa da parte interna das minhas coxas quando ele fecha o notebook e diz:

— Saia.

Franzo o cenho.

— Por quê?

Sua mandíbula se contrai.

— Porque eu mandei.

— Mas ainda não terminei meu dever de casa.

— Você pode terminar em outro lugar.

Meu coração fica apertado. Pensei que estava procurando qualquer reação, mas no fundo, não era isso que eu esperava. Aidan não parece zangado, mas sem dúvida oscila na beirada de alguma coisa.

Repreendida por completo, pego os livros e saio de fininho do escritório.

Na manhã seguinte, volto e me encontro trancada do lado de fora. Bato de leve na porta. Depois do que parece uma eternidade, Aidan responde, sua expressão calma como um lago.

— Você precisa de alguma coisa? — ele pergunta.

— Só estou aqui para fazer minha lição de casa.

Dou a ele meu sorriso mais educado. Ele cruza os braços sobre o peito.

— Não me lembro de dizer para você voltar.

Tecnicamente, ele não me disse para voltar. Eu esperava que meu banimento terminasse com o início de um novo dia. É óbvio que eu estava enganada.

— Quando posso voltar?

— Quando estiver pronta para desistir do controle.

Abraço o notebook, confusa.

— Eu não entendo.

— Aproveite o dia para pensar sobre isso — ele diz, depois fecha a porta.

A decepção repousa como um tijolo no meu peito. Faz meus passos ficarem mais pesados enquanto caminho para a sala de estar do andar principal. Distraída demais para estudar, descanso os braços na mesa e a cabeça nos braços, enquanto olho pela janela.

Pensei ter desistido do controle na noite em que me ofereci a Aidan. Fiz tudo o que me pediu para fazer. Tomo um café da manhã equilibrado e apareço no horário com as tarefas e me mantenho ocupada até o almoço. Então treino na academia até o jantar. Eu me certifico de estar na cama às dez horas, mesmo que não esteja cansada.

Cumpri sua agenda, completei a lista de tarefas simples. Ele tem que querer mais de mim do que pontualidade e boas notas.

Há tantas coisas que eu poderia fazer por ele que não envolvem tocar. Eu poderia me ajoelhar a seus pés o dia todo ou algemar meus próprios tornozelos à cadeira no jantar. Poderia dançar pela casa com nada além das minhas sapatilhas de ponta depois que todos os outros fossem para casa.

Quando peguei Aidan olhando para minhas pernas, pensei, finalmente, sei o que ele quer que eu faça. Tentei dar mais de algo que ele não pediu explicitamente, mostrando-lhe partes do meu corpo que pensei que gostaria de ver. Em vez de acreditar na palavra dele, tentei pressioná-lo, e Aidan respondeu me expulsando.

Vergonha me corrói por dentro. Aidan tem razão, eu não desisti do controle. Implorei para que ele me colocasse em uma posição onde eu pudesse servir e, assim que me senti um pouco entediada, tentei mudar o cardápio.

Envolvo os braços na cintura e descanso a testa na mesa de madeira fria. Ontem, só conseguia pensar em como estava cansada da nossa rotina. Eu daria qualquer coisa para estar de volta ao chão de seu escritório com meu notebook e livros escolares agora.

Naquela noite, no jantar, abaixo o garfo no meio da refeição.

— Sinto muito, senhor.

Aidan demora a girar a massa artesanal que Paolo fez no garfo.

— Pelo quê, pequenina?

— Sinto muito por... — Calor sobe pelo meu pescoço. — Vestir saias curtas em seu escritório e tentar...

— Tentar, o quê?

Ele levanta o copo de uísque, mas não bebe.

Claro que ele vai me fazer dizer isso. Afinal, ele é um sádico.

— Tentar provocá-lo com minha saia curta. — Minhas bochechas parecem que podem explodir em chamas. — Foi imaturo e manipulador. Esse não é o tipo de submissa que eu quero ser.

Passei a tarde toda pensando em como poderia ter me deixado desrespeitá-lo. Preciso que Aidan entenda que meu raciocínio não decorre apenas da impaciência.

— Meu pai era imprevisível — acrescento. — Tentei me treinar para antecipar as coisas que ele queria, para reconhecer as mudanças em seu humor. Estou tentando fazer o mesmo com você, mas você é ainda mais difícil de ler.

— Não seria mais simples apenas me perguntar?

— Seria, mas quero ser capaz de antecipar suas necessidades.

— A compreensão intuitiva vem com o tempo. Além disso, pensei ter deixado claro que essas necessidades específicas não fazem parte do nosso acordo.

Olho para o meu prato de macarrão semiacabado.

— Eu sei.

— Mas?

Meus ombros sobem e descem com um suspiro.

— Preciso saber se você também quer isso. Que não está apenas me fazendo um favor.

— Se eu não quisesse isso, não teria concordado.

— Então por que parece que você está me enganando? Como se não estivesse me dominando. Está apenas me enrolando, me fazendo estudar e chamando de fetiche.

Ele aperta o queixo entre o polegar e o indicador.

— Como você quer que eu te domine, pequenina?

Meu peito aperta. Amo tanto o apelido que deu para mim.

— Não sei — respondo, o que não é verdade. Passei incontáveis horas imaginando todas as maneiras que eu gostaria que ele assumisse o controle de mim. Tenho certeza de que Aidan sabe que estou mentindo, mas ele não fala nada. — Me dando ordens, eu acho. Me mandando fazer coisas.

— Eu tenho te mandado fazer coisas. Você só não gosta das coisas que te mandei fazer.

— Não é que eu não goste. Se você me dissesse para limpar seu escritório de cima a baixo, eu não gostaria, mas pelo menos sentiria que estava fazendo algo importante.

— Manter boas notas não é importante?

— É. Mas eu estaria fazendo isso mesmo se não estivesse te servindo. — Pego o garfo e o coloco de volta. — Quero ser desafiada.

— Desafiada. — Ele estuda meu rosto. — Como?

Se ele não vai me tocar, então pelo menos quero sentir alguma coisa.

— Quero que me obrigue a fazer coisas difíceis.

— Você continua usando essa palavra, coisas. — Ele toma um gole do copo e volta a comer, sua expressão pensativa. Não faço ideia do que está passando pela cabeça de Aidan agora, e está me matando não poder apenas entrar em sua mente e descobrir. Depois de um tempo, ele diz: — Assim que terminarmos aqui, gostaria que você se juntasse a mim no nível inferior.

Olho para ele, minha curiosidade despertada.

— Sim, senhor.

Depois de uma leve sobremesa de frutas com chantilly, sigo Aidan até o porão, passando pela sala de recreação e de TV. Quando chegamos à lavanderia, me pergunto se ele vai me pedir para lavar as meias.

Mas em vez de me levar às máquinas, ele para em frente à adega.

Minha garganta se fecha. Ele abre a porta, acionando o recurso de luz automática, e faz um gesto para eu entrar.

— Não é o tipo de desafio que você tinha em mente, pequenina?

CAPÍTULO 10



Grace

— Como está se sentindo agora? — Aidan pergunta.

Meus pensamentos aceleram como carros de corrida numa pista. Estamos na adega. A porta está fechada. Não quero estar aqui, mas é aqui que Aidan quer que eu esteja, então estou fazendo o máximo para ficar quieta, mesmo que não consiga ficar calma.

— Aflita.

— Quão aflita?

Encontro seu olhar investigador.

— Muito ansiosa.

— Acha que vai ter um ataque de pânico?

Meus ombros se erguem em direção aos ouvidos.

— Ainda não. Você estar aqui comigo ajuda.

A única vantagem dos quartos apertados da adega é que isso nos obriga a ficar juntos. Mantenho o foco em Aidan. Enquanto ele estiver aqui, posso resistir à tempestade. Embora fosse mais fácil se ele estivesse me segurando.

— Seu pulso está acelerado?

— Está.

— Seu coração. — Ele baixa o olhar para o meu peito. — Está batendo rápido?

Agora que ele mencionou...

— Está — sussurro, embora não pelas razões que ele possa pensar.

— Quero que você conte de cem para baixo em sua cabeça — ele diz —, respirando fundo pelo nariz. Quero que prenda a respiração por dois segundos, depois expire pela boca por quatro.

Talvez sejam apenas as paredes se fechando, mas posso jurar que ele está ainda mais perto agora do que um minuto atrás.

— Eu não sabia que você ensinava ioga no seu horário de folga — brinco.

Sua boca se inclina para um lado.

— O humor pode ser um mecanismo de defesa eficaz. Mas gostaria de ver você ter uma abordagem mais consciente.

Relutante, começo a contar — noventa e nove, noventa e oito, noventa e sete — prendendo a respiração e expirando devagar, do jeito que ele me disse. Depois de cinco respirações, posso sentir o corpo relaxar uma quantidade infinitesimal. Então Aidan começa a respirar fundo comigo, combinando meu ritmo.

Meu peito incha. Olhando para os olhos focados de Aidan, esqueço onde estou e há quanto tempo estou aqui. Tudo o que sei é que o homem por quem eu faria qualquer coisa quer que eu inspire, segure e expire.

— Como você se sente agora, pequenina?

Faço um inventário da minha mente e do meu corpo, observando como meus pensamentos parecem ter parado de dar voltas. Meu batimento cardíaco não está tão frenético e, embora meu estômago esteja cheio de pequenas criaturas aladas, nem tudo é por causa do medo.

De alguma forma, no espaço de alguns minutos, Aidan fez algo que eu nunca consegui fazer quando estou prestes a entrar em pânico: fazer meu corpo se submeter à minha vontade. Ou, no caso, a vontade dele.

— Um pouco melhor — respondo.

— Bom. — Sua boca se curva, e ostento sua aprovação como um adesivo brilhante em forma de estrela no topo do meu relatório. — Vou te deixar sozinha agora e fechar a porta.

Meu pulso dispara.

— O quê?

— Quero que você pratique a contagem e a respiração por conta própria.

— Não.

Balanço a cabeça, já nem sequer um pouco melhor.

— Estarei lá fora.

Ele se dirige para a porta e, sem pensar, agarro sua mão.

— Aidan, por favor — imploro.

Ele olha para nossas mãos juntas e depois para mim. Há uma potência em seu olhar que bate como um vento forte e me faz afastar a mão. Eu não deveria ter tocado nele sem permissão.

— Sinto muito, senhor. Estou me sentindo aflita.

O olhar de Aidan se suaviza.

— Sei que você está com medo, pequenina, mas você disse que queria ser desafiada.

Pedi que me desafiasse. Só não pensei que ele começaria esta noite, ou com algo tão... aterrorizante.

— Quanto tempo preciso ficar aqui?

— O quanto aguentar.

— Então é melhor eu ir embora com você, porque não vou durar dez segundos aqui sozinha.

Aidan esfrega a mão no maxilar, sua expressão pensativa.

— E se eu te desse um incentivo?

— Como o quê?

— Se conseguir ficar aqui, sozinha, por dois minutos, vou lhe conceder uma recompensa e você pode escolher.

Olho de soslaio.

— Posso escolher?

— Algo dentro do possível.

Minha mente mergulha em possibilidades. Quero fazer isso por ele, mas também quero fazer isso por mim. Se eu puder aprender a moderar as reações do meu corpo a espaços apertados e escuros, não terei que verificar compulsivamente se cada cômodo em que entro tem pelo menos uma janela ou duas saídas.

E já sei como quero ser recompensada.

— Tudo bem — digo a ele. — Vou tentar.

Não demoro mais de trinta segundos para estar quase me arremessando na porta.

Por sorte, a trava não está emperrada desta vez.

Aidan está esperando lá fora, assim como prometeu.

— Não consigo — murmuro, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ele tira um lenço do bolso e entrega para mim.

— Talvez não hoje — ele diz. — Mas você vai tentar de novo amanhã.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Aidan me diz para me juntar a ele lá embaixo.

Sei para onde está me levando. Não quero segui-lo, mas também não quero decepcioná-lo. Ao entrarmos na lavanderia, parando diante da entrada da adega, sinto meu estômago começar a embrulhar.

— Por favor, não me faça entrar lá de novo.

Ele me olha, pensativo.

— Por que isso te assusta?

— Você sabe o motivo.

Sinto minha pulsação palpitar nas têmporas, já estou com falta de ar.

— E você sabe que minha adega não é o armário que sua mãe costumava te colocar. Então por que isso te assusta tanto?

Fecho os olhos quando as memórias inundam meus sentidos. Escuridão ao meu redor. O cheiro de amaciante e da própria urina. O som da minha mãe chorando e do meu pai gritando. Ela implorando para ele parar, para mostrar misericórdia.

Todo o meu corpo ficando tenso...

— Ouvi meu pai bater nela — respondo. — Ouvi tudo e não fiz... nada.

A mão de Aidan descansa no meu ombro.

— Você era uma criança, Grace — ele diz. — Não há nada que pudesse ter feito.

Balanço a cabeça. No fundo, sei que não poderia tê-la salvado, mas isso não torna a dor menos real.

— Apenas fiquei sentada, ouvindo, esperando que tudo terminasse.

— Como você se sentiu?

Ele tira o lenço para mim e limpa minhas bochechas.

— Triste. Assustada... indefesa.

Aidan oferece um pequeno sorriso.

— Mas você não está mais indefesa.

Encontro o seu olhar. Ele parece acreditar no que está dizendo, que sou mais forte do que sinto. Quero acreditar também. Que não sou a mesma garotinha sem poder ou livre arbítrio. Se não quero que a raiva do meu pai sangre neste e em todos os outros aspectos da minha vida, então preciso me mostrar que estou pelo menos no caminho de me curar.

Fazendo um gesto para que Aidan abra a porta da adega, me preparo para a onda de emoções que me espera. Com um último olhar tranquilizador, ele fecha a porta, me deixando sozinha no cômodo mais assustador da casa.

Antes que as memórias possam me inundar, me forço a me concentrar na minha respiração. Inspire, segure por dois segundos, expire por quatro segundos. De novo e de novo.

Mais de uma vez, sinto o pânico subir pela garganta como bile. Mas empurro para baixo. Eu me contenho. Não sou uma garotinha escondida em um armário. Estou na casa de Aidan, cercada por suas coisas, e ele está bem atrás desta porta, esperando por mim. Quero deixá-lo orgulhoso.

Quero deixar nós dois orgulhosos. Por fim, a porta se abre.

Aidan se afasta para que eu possa sair para a lavanderia.

— Você se saiu muito bem, pequenina.

— Obrigada, senhor.

Estou chorando, mas as lágrimas são silenciosas.

Ele me devolve o lenço para que eu possa enxugar os olhos. Suspiro quando suas mãos chegam aos meus ombros.

— Sei como foi difícil para você. Pode dizer o que quer de recompensa.

Estou tão emocionalmente cansada que nem coro quando digo a ele:

— Um beijo.

Ele suspira e balança a cabeça, embora não em resposta a mim. Mais como se soubesse onde isso ia acabar, e ele deixou ir lá de qualquer maneira.

— Tudo bem, pequenina. Você vai ganhar seu beijo.

Meu pulso bate como asas de beija-flor. Inclino o rosto para trás e fecho os olhos. É isso. Ele por fim vai me beijar.

Suas mãos desaparecem. Ao som de passos recuando, meus olhos se abrem.

— Aonde você vai? — pergunto para as costas de Aidan.

— Você não especificou que queria hoje.

Bufo quando ele vira o corredor.

— Maldito sádico — murmuro.

CAPÍTULO 11



Aidan

Jen folheia o programa no colo.

— Diz aqui que Grace se apresentou como a Fada Açucarada em O Quebra-Nozes no Natal passado. Eu adoraria ter visto isso.

Seu namorado, Ethan, dá um tapinha no joelho dela.

— Tenho certeza de que não vai ser a única vez que você poderá vê-la dançar, amor.

Folheio distraído meu próprio programa, de olho no palco. A companhia de ballet do teatro local que Grace escolheu para sua performance de Giselle é pequena e antiquada, mas não é sem personalidade. Verifico a hora no celular, dois minutos para a apresentação começar.

Já faz quase um mês desde que Grace voltou para a escola, e não há como negar que senti falta dela por perto. Mas, desta vez, estar separados abriu novos caminhos para conversarmos.

Parte do nosso acordo inclui mensagens diárias de bom dia e boa noite. Sou rigoroso com a hora de dormir dela, mas nos últimos tempos achei difícil desligar o telefone.

O que começou como um método de manter o controle sobre Grace enquanto ela estava na escola se tornou um quebra-gelo. É mais fácil ser sincero com a ajuda de uma tela e alguma distância entre duas pessoas. Compartilhei coisas com ela que quase nunca discuto. Histórias sobre minha mãe e crescer com Calvin. As *selfies* e fotos que pedi para Grace enviar são um vislumbre inestimável de partes de sua vida que não posso presenciar. Sou encorajado com frequência por sua ânsia de se dividir comigo.

Também estou mais confuso do que nunca.

Não é assim que me comporto com minhas submissas, enviando mensagens na cama e trocando histórias. Eu me tornei o cão de Pavlov, toda vez que o celular vibra, verifico o remetente, mesmo que eu saiba que a mensagem não será de Grace. Nos meus relacionamentos baunilha anteriores, passei longos períodos sem ver

ou falar com minhas parceiras.

Se Grace ficar mais de cinco minutos sem responder a uma mensagem, começo a andar de um lado para o outro.

Parei de namorar depois do erro que cometi com a mãe de Liam. Quando me abri de novo para a possibilidade de um relacionamento, eu estava com vinte e poucos anos e não tinha mais um olhar sonhador e inexperiente. Fiquei endurecido pela solidão e pelo arrependimento. Não poderia ter intimidade com uma mulher sem a sombra do meu erro pairando sobre mim. É um sentimento que ainda não perdi. Mas, de alguma forma, nessas trocas íntimas fugazes com Grace, sou capaz de esquecer a escuridão do passado.

Seu sorriso quente é brilhante o suficiente para fazer as sombras correrem.

Um silêncio cai sobre o público quando as luzes piscam e escurecem. As notas de um violino atravessam o silêncio. As cortinas se abrem e revelam um cenário de aldeia pintado, enquanto dois jovens da idade de Grace sobem ao palco em trajes de época modificados.

Depois de alguns minutos, Grace emerge das coxias, girando e saltitando.

Eu a vi praticar essa dança inúmeras vezes em shorts e collants. Vê-la com o figurino completo é como ver uma borboleta emergir do casulo. Nunca foi tão claro para mim que seu corpo foi feito para fazer isso.

O jovem que interpreta o príncipe tenta beijar sua mão. Grace se afasta e ele dança atrás dela. Observo o vaivém da troca com tanta atenção que tenho certeza de que ela pode sentir meu olhar aquecendo-a à distância. Ela sabe que Jen e eu estamos na plateia. O que não sabe é que planejei um presente especial para ela e a amiga esta noite. Algo que acho que os pés delas vão apreciar depois de um dia longo.

A música muda e mais dançarinos se juntam a Grace e ao príncipe no palco. Reconheço a amiga de Grace, Jasmine, das postagens das redes sociais de Grace. A companhia de ballet é pequena, e alguns dos dançarinos mais jovens perdem as entradas, mas no geral, fazem uma apresentação impressionante.

Após um intervalo de quinze minutos, seguido pelo final dramático, a performance termina e os dançarinos recebem aplausos de pé.

Vou até o saguão com Jen e Ethan, onde os dançarinos saíram para conversar com o querido público. O sorriso de Grace consome todo o seu rosto assim que nos vê.

— Você foi maravilhosa, querida — Jen comenta, puxando-a para um abraço.

— Obrigada — Grace diz. — Estou tão feliz que vieram.

Seu olhar ansioso pouisa em mim, aguardando minha reação.

— Jen tem razão — digo. — Você foi incrível.

Ela sorri.

Os pais de Jasmine vêm para parabenizar Grace por um trabalho bem feito. Grace nos apresenta. Pelo visto, os Hills eram amigos de Calvin e Evelyn. Posso dizer que a mãe de Jasmine está curiosa para saber por que Calvin nunca me mencionou. Por sorte, eles não podem conversar por muito tempo.

— Quais são os planos das duas para o resto da noite? — pergunto às meninas depois que os pais de Jasmine vão embora.

— Não tenho certeza — Grace diz. — Minha mãe costumava levar Jas e eu para jantar e comemorar, então acho que vamos comer?

Seu sorriso vacila. O desejo de envolvê-la em meus braços quase toma conta de mim.

Esfrego a mão no cabelo.

— Bem, imaginei que os pés de vocês estariam destruídos depois da apresentação de hoje, então pedi a Jen que reservasse para as duas um tratamento de pedicure particular após o expediente no spa mais próximo.

— Sério? — O sorriso de Jasmine se alarga.

— Com certeza — digo. — Vamos pegar comida no caminho.

Grace se despede de Jen e Ethan, e encontro um banco para me sentar enquanto as meninas correm para os camarins para se trocar. Depois de tirar o tutu e colocar vestidos casuais, Grace e Jasmine me seguem até o carro. É uma noite quente, que abracei completamente tirando o conversível do depósito.

Jasmine acaricia o lado do Benz antes de pular no banco traseiro.

— O tio Aidan tem um carro bem chique — ela diz.

Grace lança um olhar para a amiga.

— Ele não é meu tio.

Pegamos comida tailandesa a caminho do spa, onde as manicures nos cumprimentam de forma calorosa. Assim que nos sentamos, começam a trabalhar nos pés das meninas, mergulhando e esfregando as panturrilhas e solas com produtos de cheiro doce.

Grace e Jasmine devoram o jantar enquanto me delicias com histórias de performances passadas e erros. Nunca vi Grace parecer tão relaxada. Eu me obrigo a não estudá-la tão abertamente quanto faria se estivéssemos em casa. Jasmine não tem certeza do que pensar de mim, e não sei o quanto Grace contou do nosso acordo. Se está se referindo a mim como tio Aidan, só posso presumir que não muito.

As meninas voltam para o conversível com os calcanhares amolecidos e as unhas dos pés pintadas. Parando em frente ao

dormitório, saio para abrir a porta e dobrar o banco do passageiro para que possam sair.

Jasmine sai primeiro. Antes que minha pequenina possa deslizar do assento, eu digo:

— Há mais uma coisa que preciso te dar, Grace.

O canto da boca dela se contorce. Ela se vira para Jasmine.

— Subo daqui a pouco.

Jasmine olha entre nós dois, me agradece pelo jantar e pela pedicure, depois entra no prédio. Deslizo para o assento que ela acabou de desocupar e fecho a porta.

— Você se divertiu esta noite, pequenina?

Ela me domina com um de seus sorrisões.

— Muito. Tudo estava perfeito. Muito obrigada.

— De nada.

Ficar sentando tão perto dela em um lugar público parece absolutamente perigoso.

Os pontos altos de seu rosto brilham sob a luz dos edifícios próximos. Sua beleza é de outro mundo. Ela cruza as pernas na minha direção, atraindo meu olhar para a extensão de sua coxa.

— O que você precisava me dar?

Passo o dedo pelos lábios.

— Prometi um beijo, lembra?

Os olhos dela se arregalam. Grace faz que sim.

Estou ciente de que beijá-la agora quebraria todas as regras que estabeleci para mim. Mas fiz uma promessa e sou um homem de palavra.

Agarrando seu tornozelo, puxo seu pé para o meu colo. Ela arqueja quando deslizo a sandália, desnudando a sola macia. Estou convencido de que posso ouvir o coração dela batendo do outro lado do banco de trás, supondo que não seja o som do meu próprio coração se agitando no peito.

Meu pau fica duro. Não deveria tocá-la, mas aqui está Grace, sentada, com o pé esguio na palma da minha mão, uma representação perfeita da própria garota. Delicadeza tenra e força de ferro forjadas por pura vontade.

Fechando os olhos, embalo a sola dela e dou um beijo suave no topo do pé. Um gemido flutua de sua boca como uma pena.

Eu deveria me afastar, mas o que eu quero é puxá-la para mais perto e beijá-la com mais força. Quero trilhar um caminho com a língua, do interior do tornozelo até a parte interna da coxa. É preciso cada resquício do meu controle para forçar as mãos a se moverem, enfiando o pé de volta na sandália e abaixando-o no chão.

Beijá-la provavelmente foi um erro. Parece que estou fazendo muitos desses nos últimos tempos, o que deve me colocar em alerta.

Quanto mais tempo passo no mundo dela, e quanto mais ela desliza para o meu, mais eu a quero, não apenas como alguém para brincar. Quero a garota, a dançarina, o raio de sol no concreto rachado onde as margaridas conseguiram crescer.

Mas não é assim que funciona. Se eu a quero como minha submissa, não posso aceitá-la como amante. É assim que faço há vinte anos, e como tem que ser.

— Mande uma mensagem antes de ir para a cama.

Pego a maçaneta. O clique da trava parece sacudi-la de qualquer transe em que esteja.

— Posso ir para casa hoje? É sexta.

— É sexta — respondo. — Mas a formatura é no próximo mês. Você deve valorizar o tempo que resta com seus amigos.

Saio do carro e mantenho a porta aberta para ela.

— Mas a formatura está tão longe.

Ela sai do carro com um suspiro. Algumas semanas é tudo o que resta entre Grace e o fim deste capítulo de sua vida. Daqui a menos de um mês, ela vai se mudar para minha casa em tempo integral. E logo depois disso, vem uma data ainda mais importante.

Três de junho, seu décimo oitavo aniversário.

— Vai chegar antes que você perceba — digo.

CAPÍTULO 12



Aidan

— Chega — a mulher de cabelo azul chora. — Não aguento.
— O que é isso, você diz? — Matthew coloca a mão atrás da orelha. — Não consegui ouvir você por causa do som do seu orgasmo. Dante fuma seu charuto.

— Acredito que ela disse, me foda mais rápido.

— Bem, se ela insistir. — Matthew aumenta a velocidade da máquina de sexo que atualmente entra e sai da boceta da submissa de cabelo azul. Ele a colocou de quatro em sua sala de estar, com os pulsos e tornozelos algemados a barras espaçadoras.

Já vi Matthew fazer isso com essa submissa em particular muitas vezes antes. Ela começa a resistir, e não, “pare” e “não faça”, não são suas palavras de segurança.

Ela geme como uma sirene e implora que ele pare.

Dante se levanta do sofá curvo de couro onde ainda estou sentado e retorna um momento depois com uma garrafa de conhaque. Ele enche o copo e se oferece para completar o meu. Eu balanço minha cabeça. Vou encontrar meu filho em menos de uma hora e quero me sentir firme.

Volto minha atenção para a parede de janelas e para o horizonte da cidade de Nova York. Testemunhei e participei de inúmeras cenas neste apartamento de cobertura. Em circunstâncias diferentes, eu poderia achar as atividades divertidas, se não totalmente excitantes.

Mas hoje estou aéreo.

Em três dias, Grace terminará o ensino médio. A menos que ela decida se mudar para viver sozinha quando completar dezoito anos, poderá morar na minha casa durante todo o verão.

Não vou conseguir tirar as mãos dela.

— Quero comprar uma coleira — digo.

Matthew me lança um olhar curioso.

— O que você tem em mente?

— Algo sutil e atraente que não sairá a menos que eu queira.
— Meus relacionamentos anteriores de dominador e submissas foram todos em vários graus de casualidade. Há décadas não preciso comprar nada mais elaborado do que uma coleira de cachorro. Espero que meus amigos dominadores possam me indicar um joalheiro discreto e de alta qualidade.

— Você já conversou com Jacob sobre isso? — Matthew pergunta. Ele presume que pretendo entregá-lo a Fiona.

— Não é para ela — eu digo.

— Desde quando você tem um animal de estimação? — Dante pergunta.

— Eu não tenho.

— Então para quem é? — Matthew pergunta e eu respiro fundo.

— É para Grace.

Por um tempo, os gemidos do submarino e o zumbido mecânico da máquina de sexo são os únicos sons na sala. Meus amigos me encaram do jeito que eu estaria olhando para outro dominador que acabou de admitir ter assumido uma submissa menor de idade.

Matthew desliga a máquina e ordena que sua submissa fique quieta.

— Quanto tempo? — ele pergunta.

— Alguns meses — digo a ele. — Eu não toquei nela.

— Mas você com certeza quer. — Dante cruza os braços.

— Se você não tocou nela — Matthew comenta —, o que você tem feito?

— Ajudando-a a entrar em cena.

Os dois homens trocam um olhar tenso. Como amigo de longa data e membro fundador da comunidade da qual todos fazemos parte, devo-lhes uma explicação.

— Na noite da festa, Grace me pediu para ser seu dominador — digo. — Disse a ela que ela era muito jovem. Conversamos e finalmente decidi que era melhor ficar de olho nela do que arriscar que ela tentasse fazer isso sozinha.

O olhar de Matthew se estreita.

— O que exatamente significa “ficar de olho nela”?

— Estipulando uma hora de dormir. Me certificando de que ela faça a lição de casa. Tenho treinado ela como submissa ao serviço. Mas o aniversário dela está se aproximando rapidamente...

— E você não consegue parar de pensar em toda aquela carne sem marcas — Dante comenta.

Lanço um olhar firme em sua direção.

— Achei que nosso acordo iria seguir seu curso, mas ela está prosperando. Quero treiná-la adequadamente, quando ela tiver idade

suficiente.

Matthew se serve de conhaque e bebe.

— Tem certeza de que é uma boa ideia, Aidan? Você não tem uma submissa fixa há... Porra, quanto tempo faz?

— Vinte anos, mais ou menos.

— A coitada sabe no que está se metendo? — Dante zomba.

— Pretendo discutir os detalhes com ela quando entregar a coleira.

— Quero dizer, ela sabe que você não vai transar com ela? Supondo que ainda seja sua intenção permitir que frutas maduras murchem na videira...

Eu levanto meu copo fingindo aplausos.

— Na verdade, sim.

Dante balança a cabeça.

— Nesse caso, você deveria comprar um vibrador para ela combinar com a coleira. Vou te enviar um link por mensagem.



Espero na cafeteria por mais de meia hora sem nenhuma mensagem ou ligação do meu filho. Como é um dia bom e o apartamento dele não é muito longe, decido caminhar para ver se ele dormiu até tarde. Aguento muita coisa no que diz respeito a Liam, porque sei que seu ressentimento é justificado. Mas minha tolerância às travessuras infantis tem suas limitações.

Seu colega de quarto atende a porta. A julgar pelo cabelo despenteado do homem, tenho a impressão de que minha batida o arrancou da cama.

— Estou procurando por Liam — digo.

— Ele não mora mais aqui.

Seguro a porta antes que ele possa fechá-la.

— Desde quando? — pergunto.

O outro homem faz uma careta.

— Desde que ele enlouqueceu e começou a balançar uma arma como se fosse um psicopata. O maluco do caralho brigou com um dos meus amigos e apontou uma arma para ele. Mande ele arrumar suas coisas e dar o fora.

— Onde ele está agora? — Esta é a primeira vez que ouço falar de Liam possuir uma arma, e não posso dizer que achei a notícia reconfortante.

— Não sei. — Ele dá de ombros. — Não me importo.

Meu telefone vibra no bolso. Verifico o identificador de chamadas: *Liam*. Agradeço ao seu agora ex-colega de quarto pelo seu tempo e atendo a ligação.

- *Ei* — Liam fala. — *Estou na cafeteria. Onde você está?*
— Seu apartamento. Ou o que costumava ser seu apartamento.
— *Merda...* — Ele suspira. — *Sim, desculpe, perdi a noção do*

tempo.

— Quer me contar o que diabos aconteceu? Ele disse que você tinha uma arma.

Liam dá uma risadinha.

— *Esse cara é um mentiroso. O amigo dele começou a briga e levei a melhor. Agora ele está me chamando de psicopata para não ter que devolver meu cheque calção.*

Já posso sentir uma dor de cabeça surgindo entre meus olhos. É difícil dizer pelo telefone se ele está me enganando. Como regra geral, no que diz respeito à honestidade de Liam, acho que a verdade geralmente fica em algum lugar à esquerda de onde quer que ele a diga.

— Onde você está morando agora? — pergunto.

— *Estou hospedado em um hotel. Mas isso não será uma opção por muito mais tempo.*

— O que aconteceu com o dinheiro que te dei no mês passado?

— *Tenho vivido disso. Não tive muita sorte no trabalho.* — Ele faz uma pausa. — *Ei, você mora em Connecticut, certo? Não é muito longe da cidade. Que tal eu ir ficar com você?*

Eu me recuso a pensar em Liam e Grace coexistindo sob o mesmo teto.

— Isso não é uma opção.

— *Por que não?* — ele pergunta. — *Quanto vale o suas ações hoje em dia? Duzentos, trezentos por ação? Aposto que você tem uma bela mansão banhada a ouro com muito espaço de sobra.*

Evitei compartilhar meu endereço exato com Liam por questão de privacidade. Nunca gostei da ideia de ele aparecer na minha porta sem avisar. Estou especialmente grato pela minha descrição agora que Grace está em cena.

— Você não vai morar comigo, Liam.

— *Não, claro que não. Por que você iria querer acordar todas as manhãs e tomar café da manhã com o filho que abandonou? Melhor deixá-lo ficar sem teto enquanto você dorme profundamente em lençóis de mil dólares.*

Eu massageio minha testa latejante.

— O que diabos você faria em Connecticut? Todos os seus amigos estão aqui, não estão? Por que você não pode ficar com um deles?

Há uma longa pausa no final de Liam.

— *Porque não tenho amigos.* — Esta resposta sombria é a primeira prova real que observei de que ele é capaz de sentir outra

coisa senão despeito. Dito isto, não estou nem um pouco surpreso com esta revelação.

Meu filho é um idiota.

Se ele fosse um pouco mais gentil e muito mais responsável, eu ficaria feliz em colocá-lo no estilo de vida de sua escolha. Em vez disso, jogo dinheiro nele sempre que me sinto culpado. É um precedente insustentável de se estabelecer. Mas pelo menos se eu souber onde ele mora, posso fazer o possível para evitar topar com ele.

— Vou pedir para minha assistente encontrar um apartamento para você.

— *Um lugar com vista para o parque seria bom* — ele diz.

Minha mão aperta o celular com o desejo de alcançá-lo através do éter e sacudi-lo.

— Continue a procurar um emprego.

CAPÍTULO 13



Grace

Como consegui trazer todas as minhas coisas para o campus dentro de uma mochila e duas malas dobráveis? Pressionando minhas roupas dobradas para tirar o máximo de ar possível delas, percebo que estou prestes a empacotar a soma total de tudo o que possuo.

Todas as minhas roupas de verão, meus bichos de pelúcia, fotos de família emolduradas que não estavam armazenadas em aplicativos ou no meu celular. Todas as fotos de bebê que minha mãe tirou de mim desapareceram. Queimadas no incêndio que varreu a casa de minha infância. Ruínas enegrecidas que cairão oficialmente em minhas mãos no meu aniversário de dezoito anos.

Mas primeiro tenho que me formar.

Dentro de quatro horas receberei meu diploma do ensino médio e darei um passo em direção à idade adulta, em direção à liberdade. Ou, no meu caso, a liberdade de consentir em todas as formas de submissão.

— Você pode me ajudar a fechar isso? — Jasmine pergunta, também lutando com sua mala.

Abandono minhas próprias dificuldades de empacotamento para sentar em cima de sua mala para que ela possa arrastar o zíper por toda parte. Nenhuma de nós conseguiu relaxar o suficiente para dormir por mais de algumas horas na noite passada, então decidimos terminar de arrumar nossas coisas ao amanhecer.

— Obrigada — ela diz. — Quer ajuda com a sua?

— Por favor.

Depois que nossos sapatos e roupas estão fora dos armários e guardados em segurança, passamos para as quinquilharias e depois para nossos livros. Tecnicamente, temos até meados da próxima semana para fazer as malas e tirar nossas coisas dos dormitórios. Mas Jasmine quer voltar para casa para começar a se preparar para sua próxima viagem à Alemanha, e estou ansiosa para voltar para a casa de Aidan.

— Quando vocês viajam? — pergunto a ela.

— Em uma semana. — A mãe de Jasmine é professora de antropologia na Brookstone University em Providence. Desde que Jas era pequena, sua mãe insistia em levar sua única filha em excursões de pesquisa como forma de incentivar Jas nos estudos.

Ela coloca uma pilha de livros de bolso na caixa que marcamos como doação.

— Você sabe que pode vir conosco — ela fala. — Minha mãe disse que o apartamento em Berlim tem três quartos.

Desde a noite da nossa apresentação de Giselle, Jasmine tem sido cautelosa com Aidan. Eu poderia dizer que ela sentiu a tensão entre nós no spa, e mais tarde, quando ele nos deixou no dormitório.

Quando ele beijou meu pé...

Arrepios percorrem minha pele com a lembrança de sua mão. Meus pés podem fazer coisas impressionantes, mas levam uma surra no processo. Tenho bolhas e calosidades que pedi à pedicure para não lixar completamente, sabendo que teria que reconstruí-los.

Meus pés não são o que eu consideraria bonitos, mas Aidan queria beijar um. Eu nunca me senti mais valorizada ou excitada.

No segundo em que voltei para meu dormitório naquela noite, Jasmine me perguntou:

“Você está transando com seu tio?” e meu coração quase parou.

“Ele não é meu tio” lembrei a ela.

“Sério?”. Ela cruzou os braços. *“É assim que você quer jogar?”*

Sentei na minha cama.

“Não é o que você pensa...”

“Se não é o que eu penso, então você não deveria manter isso em segredo.”

“Não, quero dizer, é o que você pensa, mas é... outra coisa.” Olhei para as unhas dos pés recém-pintadas. *“Ele não me toca.”*

“Eu literalmente acabei de vê-lo beijar seu pé.”

Eu me encolhi, meu rosto esquentando.

“Você estava nos observando?”

“Claro que sim, eu estava te observando, Grace. Estou preocupada com você e não posso acreditar que você esconderia algo assim de mim.”

Pensei nas coisas que escondi dela ao longo dos anos sobre a raiva do meu pai. Coisas com as quais eu não queria sobrecarregá-la.

“Sinto muito” eu disse calmamente. *“Só não queria falar sobre isso.”*

“Falar sobre o quê? O que aquele canalha está fazendo com você?”

“Aidan não é um canalha” eu disse. *“Ele é um dominador.”*

Ela piscou.

“O quê?”

“Você estava certa sobre os sons que ouvi. Ele gosta de BDSM. Mas

não vamos fazer sexo...” suspirei. “É difícil de explicar...”

“Você pode tentar, por favor?” Ela sentou ao meu lado na cama. “Se ele está te machucando, podemos contar aos meus pais. Eles vão chamar a polícia...”

“De verdade” eu disse. “Ele não está me machucando.”

Contei tudo a ela. Sobre a festa que invadi e como me ajoelhei e implorei para que ele me treinasse. Como ele está me obrigando a fazer minha lição de casa e me ajudando a superar minha ansiedade.

Depois que o choque inicial passou, ela pareceu tranquilizada. Mas posso dizer que ainda está desconfiada.

Colocando minha pequena pilha de livros na caixa de Doações, digo a ela:

— Agradeço a oferta, Jas. Mas estou ansiosa para voltar para a casa de Aidan. — Ofereço-lhe um sorriso. — Mas vou sentir muito a sua falta. Prometa que enviaremos mensagens todos os dias e videochamada pelo menos uma vez por semana.

— Claro. — Ela me abraça e aperta. — Mal posso esperar para ser sua colega de quarto novamente em Jost.

Jas e eu tomamos café da manhã na área comum. A maioria dos alunos já se mudou, dando ao grande espaço uma sensação de vazio. Aqueles de nós que permanecem estão praticamente vibrando com antecipação.

Depois do café da manhã, vestimos nossas roupas e chapéus e seguimos para o ginásio, nossa área de espera temporária, antes de todos seguirmos, em fila única e em ordem alfabética, para a grande tenda ao ar livre.

A cerimônia começa. Alguns discursos inspiram enquanto outros arrastam. O Diretor Connors diz meu nome, Grace Evelyn Whittaker, e é hora de eu atravessar o palco.

Meu pulso dança. Olho para o público e vejo Aidan e Jen na primeira fila, atrás dos formandos. Jen acena para mim, enquanto Aidan simplesmente observa, com um sorriso orgulhoso e de lábios fechados adornando seu belo rosto. Eu sorrio para eles enquanto aceito meu diploma e depois volto para o meu lugar. O sobrenome de Jasmim — Hill — é antes da minha, então ela já está de volta em sua cadeira, uma fileira à minha frente, quando chego lá.

Ela gira para falar comigo.

— Acho que se ele fizer você sorrir daquele jeito, eu poderia ser persuadida a não odiá-lo.

Eu aperto seu ombro.

Assim que a cerimônia termina, encontro Jen e Aidan no meio da multidão. Jen me abraça com força, do jeito que minha mãe costumava fazer, e tenho que fechar os olhos com força para conter as lágrimas.

Aidan me parabeniza, pegando minha mão e segurando-a.

— Precisa de ajuda para fazer as malas? — ele pergunta.

Balanço minha cabeça.

— Jasmine e eu terminamos cedo esta manhã. — Molho os lábios. — Estou pronta para ir para casa.

Nós três vamos para o dormitório pegar minhas coisas. Na saída do prédio, paro para me despedir de amigos e colegas de classe.

Jen fala sobre a cerimônia durante todo o trajeto para casa. Percebo que esta é a segunda vez hoje que me refiro à casa de Aidan como lar, mas é assim que me sinto. Como se durante todo esse tempo eu estivesse batendo minhas asas acima das árvores e finalmente estivesse descendo para o poleiro.

Em casa, Benjamin leva minhas malas para o quarto. Desembaló minhas roupas imediatamente, pendurando minhas camisas e vestidos no armário para que não fiquem amassadas. Estou arrumando meus sapatos nas prateleiras quando noto Aidan parado na porta. Ele é tão alto e largo que quase preenche o quadro.

— Não conversamos muito detalhadamente sobre seus planos para o verão — ele comenta. — Há algo que você esperava realizar?

— Na verdade, não — digo, embora esteja convencida de que ele consegue ver através da minha indiferença os desejos imundos e depravados que venho alimentando há meses. — Pretendo ficar em forma, dançar o máximo que puder e, acho, cuidar do patrimônio da minha família. Posso precisar de ajuda com a última parte. Principalmente a casa, ou o que sobrou dela.

— Vou ajudá-la no que puder. — Ele dá alguns passos em minha direção, com os braços cruzados e a coluna rígida, como se estivesse se preparando para algo potencialmente difícil ou desagradável. — Depois que os bens de sua família lhe forem entregues, você será uma jovem muito rica.

Desde a morte dos meus pais, tenho vivido do dinheiro que me deram no início do ano letivo, além das minhas próprias economias e de transferências surpresa ocasionais de Aidan. Atualmente tenho mais dinheiro na ponta dos dedos do que sei o que fazer com ele.

— Com esse tipo de riqueza, você estará livre para viajar e morar onde quiser — ele diz. Não me ocorreu pensar em morar em outro lugar. *Aidan quer que eu vá embora?*

— E se eu não quiser morar em outro lugar? — Entrelaço os dedos. — E se eu não quiser ser livre?

O olhar de Aidan procura o meu enquanto seus pés o levam para mais perto de mim.

— Você quer ficar aqui, Grace?

Sinto como se estivesse na beira de alguma coisa, pegando sua mão e torcendo para que ele pule comigo.

— Quero que você queira que eu fique — digo a ele.

Ele exala, sua postura relaxando. Fecho os olhos enquanto ele traça meu queixo com as costas dos dedos, doendo, ardendo para que ele responda.

— Quero que você fique, pequenina.

Meus lábios se curvam. Eu gosto muito de ser sua *pequenina*.

— Mas — ele começa —, se você vai morar aqui, vai precisar de um estúdio adequado para dançar. Há um aqui perto que espero que você ache adequado.

— Onde fica? — Uma das primeiras coisas que fiz quando descobri que estava me mudando para Greenwich foi procurar estúdios de dança próximos ao Google. Para minha decepção, o mais próximo ficava a uma hora de carro da casa de Aidan.

Ele faz sinal para que eu o siga para fora da sala. Sigo atrás dele, curiosa. Paramos diante de uma porta fechada no final do corredor.

— Abra — ele diz, e eu abro.

A primeira coisa que noto são os pisos de bambu. Depois os espelhos que cobrem as paredes e, por fim, a barra no centro da sala.

Minha respiração fica presa no meu peito.

— Você fez isso por mim?

— Uma bailarina precisa de um lugar para praticar — ele comenta.

Atordoada e sem palavras, entro em meu novo estúdio. Toda a parede posterior é revestida por janelas, permitindo que a luz natural penetre no piso de madeira.

A gratidão me preenche como hélio enchendo um balão. Aidan renovou um cômodo inteiro de sua casa porque quer que eu me sinta em casa. Sinto que poderia flutuar enquanto passo a mão pela barra.

— Pedi a Jen que compilasse uma lista de possíveis instrutores particulares para vocês dois entrevistarem — Aidan fala, juntando-se a mim dentro da sala. — Se houver algo que você gostaria de mudar ou personalizar, é só avisar.

Meu coração não é grande o suficiente para conter minha apreciação. Jogo meus braços em volta de Aidan enquanto as lágrimas começam a fluir.

— Obrigado, senhor — eu sussurro.

Espero que ele me dê um tapinha gentil e se afaste, mas ele não o faz. Ele inspira, respirando-me em seus pulmões, enquanto minhas lágrimas afundam no tecido de sua camisa. Avalio seu corpo e quão sólido ele se sente contra mim. Como o topo da minha cabeça repousa perfeitamente sob seu queixo.

Este é o mais próximo que já estivemos um do outro. Posso ter iniciado o contato, mas é Aidan quem permite que ele persista.

— Por que sinto que tudo está prestes a mudar de novo? —
sussurro.

Seus lábios roçam minha têmpora.

— Já mudou, pequenina.

CAPÍTULO 14



Aidan

Do outro lado da cortina branca, Grace está tirando a roupa.

— Tenho mais algumas saias e uma linda camisola aqui para você — Jen diz, com os braços cheios de roupas rendadas em tons pastéis.

Estou sentado em um sofá de couro do lado de fora do camarim de Grace, em uma boutique de roupas sofisticadas que fechei para um passeio de compras particular. Uma vendedora se oferece para encher minha taça de champanhe pela terceira vez, claramente irritada porque Jen não a deixa chegar perto de Grace.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? — a vendedora pergunta.

— Obrigada, estamos bem. — Jen mal olha para ela. — Como estamos aí, querida? — A cortina se move e meu raio de sol surge.

— Acho que gosto deste. — Grace gira em frente ao grande espelho, rodando o vestido rosa com peônias brancas bordadas, espalhando-se pelas pernas. É o quarto vestido que ela experimenta nesta boutique, e um entre dezenas que experimentou esta tarde. Posso dizer que Grace está cansada de fazer compras, mas ela é educada e gentil demais para dizer isso em voz alta.

Pena que não me cansei de mimá-la.

Esta manhã, mandei ela e Jen para um spa de luxo na cidade enquanto cuidava de algumas coisas no escritório. Parei no novo apartamento de Liam a caminho de encontrar as mulheres para almoçar; ele ainda não conseguiu um emprego, mas afirma estar trabalhando nisso.

Em qualquer outro dia eu o teria pressionado, mas hoje não é um dia normal. É aniversário de Grace e me recuso a me preocupar com qualquer outra coisa.

Até agora, ela foi arrumada, mimada e regada com todos os presentes que poderia desejar. Trufas gourmet e guloseimas das melhores chocolaterias e padarias da cidade, saboreadas no convés de

um iate particular. Joias com diamantes, ingressos para o ballet e sapatos, bolsas e roupas de grife suficientes para encher seu armário.

Sei que esses presentes nunca poderão substituir os itens pessoais que ela perdeu, mas espero que possam ajudá-la a se sentir mais em casa sob meu teto.

Mas essa não é a única razão que tenho para ceder a ela.

— O que você acha, Aidan? — Grace pergunta.

Deixo meu olhar escorrer por seu corpo.

— Acho que você está incrível — digo a ela.

Suas bochechas brilham enquanto ela luta para suprimir um bocejo.

A generosidade excessiva é uma forma sinistra de sadismo. Tenho prazer na luta de Grace para equilibrar sua gratidão com sua impaciência.

Durante as panquecas esta manhã, mencionei que tenho algo especial para dar a ela esta noite. Grace passou a tarde toda tentando arrancar detalhes de mim, mas minha boca é um cofre trancado. Tudo o que ela sabe é que só pode ganhar depois do jantar, o que estou adiando com outro passeio de compras.

Testemunhar a frustração passar como uma tempestade em suas feições é mais atraente do que um *strip tease* — embora haja uma parte de mim que adoraria desafiar essa noção. É uma parte de mim que precisarei manter sob controle constante caso ela decida usar minha coleira.

Não estou acostumado a ter que lutar contra meu corpo porque não fico excitado durante as cenas e não me envolvo romanticamente com mulheres que sabem que sou dominador.

Mas Grace tem talento para subverter minhas expectativas a cada passo.

Minha atração por ela é uma complicação que estou disposto a aceitar. Se eu tiver que escolher entre algemá-la na minha cama e deixar minha marca por todo o corpo dela, ou fazer amor com ela no estilo missionário e no escuro, escolherei a primeira opção.

Namora-la me traria prazer, mas possuí-la... ter cada centímetro de seu corpo glorioso sob meu controle, seria uma recompensa muito mais doce.

Nas semanas desde que Grace voltou da escola, me permiti tocá-la com mais frequência. Passo meu braço em volta dela no sofá enquanto ela lê em voz alta um livro de sua escolha, ou acaricio sua bochecha enquanto lhe desejo boa noite.

— Devo pedir às vendedoras que comecem a empacotar os itens de Grace? — Jen pergunta. — Posso avisar Paolo que estamos nos preparando para voltar.

Grace se anima com a menção do jantar, seu olhar sério.

— Tudo bem — eu digo.

Terminamos na boutique e voltamos para casa. Em algum lugar ao longo do caminho, a mão de Grace encontra a minha no banco.

— Obrigada, senhor — ela diz baixinho, para que só eu possa ouvir.

Dou um aperto na mão dela.

— De nada, pequenina.

Em casa, Benjamin leva os despojos da nossa maratona de compras para o quarto de Grace, e Jen lhe dá um presente: uma caixa de música antiga com uma bailarina dançante que gira quando a tampa se abre.

— Ela é tão delicada — Grace diz, claramente emocionada por Jen comprar algo para ela. — Obrigada, Jen. Não precisava.

— Você merece, querida. — Ela abraça Grace com força. — De nada. Estou de folga agora, mas volto amanhã de manhã. Aproveite o seu jantar de aniversário.

Grace e eu nos sentamos à mesa de jantar onde Paolo preparou uma refeição impressionante. Bife de lombo grelhado com molho *bearnaise*, purê de batata favoritas de Grace e legumes assados e salada de couve.

Assim que Paolo volta para a cozinha, tenho que esticar o braço e passar os dedos pelo cabelo de Grace. Ela deve ter feito um corte no salão do spa esta manhã, porque seu cabelo está ainda mais rebelde do que o normal. Você pensaria que eu a estava tocando em algum lugar íntimo, dada a maneira como ela se inclina ao meu toque.

— Posso ter minha surpresa agora, senhor? — ela pergunta.

Passo meu polegar ao longo de sua mandíbula.

— Ainda não, pequenina. Coma o seu jantar.

Comemos e conversamos sobre aniversários anteriores. Como sua mãe prometeu levá-la em uma viagem de meninas para o seu grande aniversário. Faço uma nota mental para surpreendê-la com uma viagem antes do final do verão.

Depois do jantar tem bolo de morango. Grace pega um pedacinho e o devora, batendo o pé na perna da cadeira a cada mordida. Como minha fatia sem pressa, como até a última migalha. Enquanto lambo o resto da cobertura do garfo, sinto uma pontada no peito. Destilo a emoção até seu elemento central: o medo.

Medo de que Grace recuse minha coleira, agravado pelo medo do que acontecerá se ela aceitar.

Há coisas que ela vai querer de mim que eu não posso — não vou — dar a ela, e Grace vai querer saber por quê. Não poderei responder honestamente sem confessar os danos que seu paciente, bom e metódico dominador é capaz.

Eu preferiria arrancar meu próprio coração do que contar a ela a verdade devastadora. Claro, a ironia é que acabarei perdendo-a de qualquer maneira. Não seria a primeira vez que uma submissa terminava o nosso acordo porque queria uma relação sexual com o seu dominador.

Mas a promessa de dor futura não é suficiente para me dissuadir do caminho que escolhi, aquele que leva Grace de joelhos, caso ela decida segui-lo.

Descanso meu garfo no prato.

— Vá se preparar para dormir — eu digo. — Irei ao seu quarto em alguns minutos.

Ela desliza da cadeira e caminha afetadamente pelo corredor, onde seus passos apressados traem sua excitação. Aproveito o tempo para buscar a caixa plana e quadrada, embrulhada em papel rosa, da gaveta da minha cômoda, junto com um pequeno alicate.

Bato duas vezes na porta do quarto de Grace antes de entrar.

Meu olhar a encontra, sentada na beirada da cama, vestindo um pijama curto de renda branca que eu nunca a vi usar antes. Ela deve ter comprado hoje.

Aponto para um lugar no tapete entre nós.

— Ajoelhe-se aí. Mãos em seu colo.

Ela se abaixa diante de mim, seu grande olhar azul preso na caixa em minha mão. Ando lentamente em círculo ao seu redor, estendendo a mão para capturar uma mecha de cabelo dourado em meu dedo.

— Você me impressionou nos últimos meses — digo a ela. Seu peito sobe, levantando seus seios. Não está frio aqui, mas seus mamilos estão eretos. Imagino beliscá-los enquanto açoito seus seios até que fiquem tão rosados quanto suas bochechas estão agora. — Sua dedicação ao serviço excedeu em muito minhas expectativas.

Ela sorri.

— Obrigada, senhor.

Depois de uma série de respirações para me acalmar, estendo o presente dela.

— Feliz aniversário, pequenina.

Grace pega seu presente e rasga o papel. Levantando a tampa, ela arfa quando seu olhar pousa no *O-ring* de platina, suspenso em ambos os lados por delicadas correntes que terminam em um mecanismo de travamento que está atualmente aberto.

— Depois que a coleira estiver em volta do seu pescoço, ela não poderá ser removida sem danificar a corrente — digo a ela. — Pense bem se deseja usá-la e não aceite a menos que esteja disposta a se dedicar a mim, mente e corpo.

— Eu estive pronta para você esse tempo todo.

O desejo em sua voz me chama. Fecho os olhos, tenso pelo momento que tenho temido.

— Há algo que você precisa saber primeiro — eu digo. — Quando começamos isso, eu disse que não ia te foder. Isso não mudou.

— Por que não? — ela pergunta, intrigada.

Engulo em seco. Não gosto da ideia de mentir para ela, então busco a verdade misturada com um pouco de ambiguidade.

— Porque eu não transo com minhas submissas.

— Nunca?

Eu balanço minha cabeça.

— Nunca.

Grace franze a testa.

— Eu não entendo.

— É o jeito que eu faço as coisas. Porém, se quiser continuar me servindo, você precisará aceitá-lo.

Ela estuda o colar, traçando o anel com a ponta do dedo.

— Você... fez isso com alguém?

— Já tive relações sexuais com pessoas com quem não pratiquei perversão no passado. Reconheço que a perversão pode ser excitante para muitas pessoas, mas não tocarei em você com o objetivo de fazê-la gozar. — O medo de estar começando a perdê-la acelera meu pulso. — Então, a menos que eu diga para não fazer isso, você terá minha permissão para se tocar quando estiver sozinha. E não tenho interesse em ver mais ninguém enquanto estivermos envolvidos.

Grace morde o lábio enquanto considera as escolhas que coloquei diante dela. Eu gostaria de saber o que ela está pensando, ou poder adivinhar as coisas certas a dizer para convencê-la a ser minha. Nunca senti isso investido em uma parceria BDSM, especialmente em um estágio tão inicial.

Mas Grace não é qualquer uma. Ela é minha pupila, minha família. Minha...

— Você fará todas as outras coisas? — ela pergunta. — A servidão e o açoitamento?

— Tudo isso e muito mais.

Ela parece gostar dessa resposta. Meu peito aperta quando ela tira o colar da embalagem forrada de veludo, estendendo-o para eu pegar. Agarro a coleira, esperando que Grace não perceba o leve tremor que percorre minhas mãos.

Ela levanta o cabelo, expondo o pescoço para mim. Coloco a coleira em volta de seu pescoço e a seguro ali para que ela possa sentir seu posicionamento e peso.

— Você jura se entregar completamente a mim? — pergunto uma última vez. Preciso que ela tenha certeza antes de acionar o mecanismo de travamento.

— Já sou sua, senhor.

Suas palavras desencadearam uma reação em cadeia. Mudar para o modo dominador não é apenas uma transição mental. É uma resposta de corpo inteiro. Eu fico mais reto, planto meus pés com mais firmeza no chão. Minha atenção se concentra na minha pequenina, até que ela se torna meu único foco. A pessoa mais importante do meu mundo.

Tirando o alicate do bolso, vou atrás dela para poder prender o colar no lugar. Fechando o mecanismo, sinto uma onda de satisfação passar por mim.

Grace pertence a mim. Eu sou responsável por ela.

— Levante-se e vire-se para que eu possa olhar para você.

Ela faz o que mando. Tudo e todos fora deste momento ficam em segundo plano enquanto ela sorri para mim. Descansando minha mão em seus ombros, eu a levo até o espelho mais próximo para que possa ver como fica a coleira em seu pescoço.

— Combina perfeitamente com você — eu digo. — Como você está se sentindo?

Ela encontra meu olhar no espelho. Mais uma vez, fico impressionado com o quão exposta ela fica em suas roupas de dormir.

— Eu me sinto maravilhosa — ela diz. — Como se eu pudesse finalmente relaxar, sabendo que você quer ficar comigo.

Ao contrário do que meu comportamento calmo sugere, relaxamento é a coisa mais distante da minha mente — algo que ela poderia facilmente perceber se se pressionasse contra mim. Esfrego o tecido fino do short do pijama dela entre os dedos.

— É novo? — pergunto. — Não me lembro de você ter experimentado hoje.

— Eu experimentei, mas não mostrei para você — ela responde, com o olhar fixo no reflexo da minha mão tão perto de sua coxa. — Eu queria que fossem uma surpresa.

— Uma surpresa ou uma tentação? — Passo as costas dos dedos pelo braço dela. Grace respira fundo, suas bochechas ficando vermelhas.

— Talvez um pouco dos dois. — Ela estremece, sem dúvida se lembrando do que aconteceu na última vez que me tentar. — Me desculpe senhor.

— Está tudo bem, pequenina. Que bom que você gosta de surpresas.

— Por quê? — Grace arfa quando minha mão faz contato firme com sua bunda.

— Porque vou gostar de manter a bailarina na ponta dos pés.

CAPÍTULO 15



Grace

A mão de Aidan desce com força na minha bunda. Sou sacudida pela força, como um raio atingindo o chão do lado de fora da minha janela. Ele me bate novamente no mesmo lado, depois duas vezes na outra bochecha.

Dor e calor se espalham pela minha pele como fogo.

Acontece tão rapidamente que não tenho certeza se gosto até aguentar mais alguns tapas. Mas quando começo a gostar, não consigo parar de apertar as coxas.

Ele tem que perceber o efeito que seus golpes estão causando em mim. Mesmo quando dói — especialmente quando dói — ser tocada por ele parece uma recompensa.

Sua mão permanece na minha bunda antes que ele finalmente se afaste. Mal tenho tempo de registrar a dureza pressionando meu quadril antes que ele me guie até a cama. A pele da minha bunda arrepia quando me sento, arrepios quentes que ricocheteiam por toda a minha pélvis. Parece que há um punho entre minhas pernas, apertando cada vez mais forte, chamando minha atenção para o local que ele disse que não tocaria.

Mas pela intensidade do seu olhar, posso dizer que ele quer fazer alguma coisa.

Aidan agarra a frente do meu pescoço, pressionando o colar contra a minha pele. Seu olhar intenso me mantém refém.

— Você gostou muito disso — ele diz.

É uma declaração de fato, não uma pergunta, então não respondo.

De repente, seus lábios estão nos meus. Eu arfo com o contato inesperado, que ele interpreta como um convite para provar minha língua.

Gemo baixinho em sua boca. Aidan percebe que este é meu primeiro beijo? Ou é o meu segundo? Não tenho certeza se beijos nos pés contam ou não.

Ele se afasta, respirando fundo, muito antes de eu estar pronta para deixá-lo ir.

— A surra foi um teste — ele diz. — Eu sei que você está acostumada a suportar a dor, mas nem toda dor é igual.

Se a surra foi um teste, então o beijo deve ter sido um crédito extra.

— Como fui? — pergunto.

— Você passou com louvor — ele responde. — Assim como eu sabia que seria.

Uma satisfação calorosa toma conta de mim.

— Quando você disse nada de sexo, tive medo de que você também quisesse dizer nada de beijo. Estou feliz que não seja o caso.

Contanto que eu possa beijá-lo, ficarei mais do que satisfeita com tudo o que ele estiver disposto a me dar. O meio sorriso de Aidan diminui como se tivesse acabado de se lembrar de algo preocupante. Seja o que for, ele se livra rapidamente.

— É hora de você ir para a cama — ele fala. — Vou deixar você escolher o que ler esta noite.

Pego um romance histórico no meu leitor digital e deslizo para baixo das cobertas. Aidan se estica acima dos cobertores ao meu lado, colocando o braço atrás do meu pescoço. Leio o livro em voz alta, como tenho feito todas as noites durante semanas. Eu normalmente não escolheria uma história com cenas de amor tão atrevidas, mas sinto-me encorajada pela proximidade de Aidan e pelo seu beijo.

Quando chegamos à parte em que o casal faz amor pela primeira vez, ele não me manda pular. Mesmo quando meu rosto está ardendo, ele me instrui a continuar lendo.

Cochilo no meio de uma frase algum tempo depois. Sinto meu leitor digital deslizar entre meus dedos e vejo Aidan olhando para mim. Ele coloca o aparelho na mesa de cabeceira e inclina meu rosto para poder beijar meus lábios.

— Boa noite, pequenina.

— Boa noite, senhor — suspiro as palavras.

Quando ele levanta da cama, meu olhar é atraído como um ímã para a protuberância em suas calças. Eu vejo, e ele sabe que eu vi. Há quanto tempo ele está assim?

— Não se preocupe com isso — Aidan diz. Embora agora que ele tocou no assunto, tudo que eu quero fazer é me preocupar com isso.

Assim que ele sai do quarto, enfio a mão por baixo do cós da do short do meu pijama e calcinha. Meu clitóris está tão sensível que estou a meio caminho do paraíso em segundos.

Com a mão livre, traço as linhas delicadas do meu colar. As correntes de cada lado do anel central, depois o próprio anel,

descansando confortavelmente na base do meu pescoço. É uma peça leve, mas o significado por trás dela é substancial.

Eu pertencço a Aidan agora. Embora às vezes pareça que ele é dono do meu coração desde o início. Eu me pergunto se é assim que é o amor. Querer se entregar a outra pessoa, oferecer seu coração ainda batendo em um prato para a pessoa.

O prazer cresce dentro de mim enquanto meus dedos dançam sobre meu clitóris. Aidan não quer esta parte do meu corpo. Estou tentando não levar isso para o lado pessoal. Ele deve ter seus motivos e espero que um dia os compartilhe comigo.

Por enquanto, meu próprio toque será suficiente. Meu toque, e a memória da surra de Aidan, e o gosto do seu beijo na minha língua.



Bato a ponta da minha sapatilha de ponta no terraço de pedra. Minha instrutora de ballet estará aqui em breve e quero estar aquecida e pronta para dançar quando ela chegar. De alguma forma, Jen conseguiu atrair uma estudante do terceiro ano da Jost Academy, com algum tempo disponível neste verão, para vir até aqui cinco dias por semana para treinar comigo.

Aidan e Jen estão trabalhando hoje no escritório de Manhattan. Ele deu a entender que poderia trazer cupcakes da Magnolia Bakery, já que ultimamente tenho sido especialmente boa em seguir suas instruções. Na semana passada, Aidan me apresentou diferentes objetos e sensações. Amarras de corda, palmatórias e chicotes, além do que suas mãos habilidosas são capazes de fazer.

Passar de quase não ser tocada para ser tocada quase o tempo todo foi uma transição inebriante, que eu acolhi com satisfação. Se ele pudesse manter os dedos no meu cabelo de manhã até meia-noite, acho que o faria.

Claro, há lugares onde ele ainda não me toca. Ainda vai bater na minha bunda, mas não vai explorar a fenda entre ela, e vai açoitá-la minha boceta com o chicote, mas só se eu estiver de calcinha. Na verdade, ele raramente me diz para tirar a calcinha — longe da vista, longe da mente, suponho.

Às vezes acho que suas regras o frustram ainda mais do que me enlouquecem. Ele parece estar constantemente evitando cruzar as linhas que desenhou para si mesmo.

Ontem à noite, ele me levou ao seu quarto pela primeira vez.

Ao contrário do meu, que é todo em tons pastéis e cortinas transparentes, o quarto dele é decorado com madeiras ricas e escuras. Sua cama não é uma cama normal. Ele mandou construir a estrutura personalizada com barras na parte superior para suspensão e ganchos

ao longo da cabeceira e dos postes.

Quando vi, pensei que parecia um trepa-trepa adulto e disse isso a ele. Aidan me disse para tirar a roupa e me preparar para brincar.

Ainda não estou acostumada a ficar nua na frente dele. É o jeito que Aidan olha para mim, como um leão enjaulado olhando para uma criança no zoológico, só que a gaiola é feita por ele mesmo, e ele tem a chave. As calças pretas que ele usa durante as cenas tornam impossível de esconder sua excitação. Ele praticamente desistiu de tentar minimizar suas ereções. Por mais que me excite vê-lo assim, é angustiante saber que não vai me deixar vê-lo ou tocá-lo.

“Fique ao pé da cama com as mãos cruzadas atrás das costas” ele me disse. Fazer isso levantou meus seios; Aidan pressionou a palma da mão no centro do meu peito, bem acima do meu coração, que começou a bater mais forte como se quisesse pular e cumprimentá-lo.

Arfei quando ele passou a mão pelo meu seio para capturar um mamilo. Ele apertou, primeiro suavemente, depois com mais força. Senti o eco do toque dele entre minhas pernas, no meu clitóris, e pressionei minhas coxas uma contra a outra. Aidan foi para o outro seio, provocando e beliscando meu mamilo com força suficiente para me fazer choramingar, antes de soltá-lo.

“Vire-se” ordenou. Eu queria desesperadamente que Aidan continuasse brincando com meus seios, mas ele me deu uma ordem.

Me virei para a cama com seu edredom cinza e travesseiros cor de vinho. Me imaginei ali deitada, com Aidan em cima de mim, a boca em volta do meu mamilo e o corpo entre as minhas pernas.

Ele separou minhas mãos e afivelou meus pulsos em algemas de couro macio, que prendeu em tiras de couro presas à cabeceira da cama. Então ele algemou meus tornozelos e prendeu-os a uma haste ajustável chamada barra espaçadora, que ele estendeu para manter meus pés afastados. Amarrada à cama de Aidan, me senti completamente à sua mercê enquanto ele prendia meu cabelo em um coque frouxo.

“O que significa esta coleira, pequenina?” ele perguntou, enganchando um dedo em volta do meu colar.

“Significa que sou sua, senhor.”

“O que mais?”

“Significa que pertença a você. Que eu sirvo você.” Engoli em seco quando ele puxou delicadamente a corrente, pressionando o anel central com mais força contra meu pescoço. *“Significa que você pode fazer o que quiser comigo.”*

Como que para provar que minhas palavras eram verdadeiras, ele começou a deslizar as mãos sobre mim, descendo pelas minhas costas até minha barriga. Ele raspou os dentes ao longo do meu ombro

e passou as palmas das mãos sobre os meus seios. Então se afastou, me deixando querendo mais.

Algo fez cócegas em minha bunda. Olhei por cima do ombro, avistando couro vermelho e preto.

“Vou bater em você com este chicote.” Aidan colocou as tiras de couro em meu ombro, deixando-me sentir a camurça macia contra minha pele. *“É isso que você está implorando desde a primeira noite em que se ofereceu para me servir. Vamos ver se corresponde às suas expectativas.”*

O primeiro golpe acertou bem entre minhas omoplatas. Gritei mais de surpresa do que de dor. O segundo golpe atingiu um pouco mais baixo e para o lado. Foi como um soco, profundo e forte. Doeu, mas não de uma forma que eu não pudesse tolerar.

A dor me lembrou de fisioterapia ou de uma massagem profunda. Dor que deveria curar e fortalecer.

“É tudo o que você pensou que seria, pequenina?”

Respirei fundo.

“Não... É melhor.”

Ele me bateu de novo e de novo. Fechei os olhos e usei as técnicas que Aidan estava me ensinando. Permitindo que as algemas me apoiassem, relaxando cada vez mais dentro de mim mesma. Quando comecei a me acostumar com o ritmo que ele estava usando, Aidan mudava, passando as pontas do chicote para cima, contra a curva inferior da minha bunda. A ardência me acordou, me trazendo de volta para o momento.

Lágrimas escaparam dos meus olhos e desceram pelo meu rosto. Eu não conseguia acreditar que passei toda a minha vida sem esse sentimento. Esse desapego total. Essa rendição. Eu só sentia uma liberação semelhante quando estava dançando.

Mas isso era diferente. Eu não estava no controle; Aidan estava. Ele decidia o quão forte seria o próximo golpe, se iria com calma ou com força.

E quando acabou, ele colocou o chicote na cama e passou as palmas das mãos para cima e para baixo em minha bunda em chamuscas. Ele me puxou contra si, e seu peito estava frio em comparação com a minha própria pele corada.

“Você aguentou lindamente aquela surra, pequenina.”

Aidan beijou meu pescoço suavemente e eu me derreti em seus braços.

Ele soltou meus pulsos e guiou meu peito para a cama, com meus pés ainda plantados no chão. Curvada com a bunda para cima, senti algo duro entre nós e percebi que tinha que ser a ereção de Aidan, ainda presa em sua calça de moletom. Meu pulso acelerado aumentou ainda mais. Seu aperto em meus quadris aumentou

enquanto ele inclinava sua protuberância levemente em direção ao ponto crucial das minhas pernas.

Ele me queria. Eu não me importei quantas vezes ele insistiu que nunca transasse com suas submissas. Naquele momento, Aidan queria me foder. E eu...

— Com licença — a voz de um homem desconhecido me arranca da memória e me traz de volta ao terraço em frente à casa de Aidan.

Sinto o peso do olhar de alguém nas minhas costas. Virando-me, fico de pé no instante em que avisto o estranho: um garoto mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais velho, com olhos profundos e de aparência cansada. Ele acena para mim do último degrau que leva ao pátio.

— Com licença — ele diz novamente. — Eu não queria te assustar. Esta é a propriedade de Fletcher?

— Não, não é. — Olho em direção às portas francesas, na esperança de encontrar a sra. Cline na sala. Mas ela não está lá. Estou sozinha com o estranho. — Esta é a casa de Aidan O'Rourke.

— Merda — o garoto murmura para si mesmo. — Você sabe onde posso encontrar a propriedade Fletcher? Eu deveria fazer alguns trabalhos de jardinagem para eles.

Eu balanço minha cabeça.

— Desculpe. Me mudei recentemente, então não conheço bem a vizinhança.

— Tudo bem. — Ele sorri, embora o gesto não pareça tão amigável quanto deveria. — Sinto muito por ter assustado você. Meu nome é Sam.

Ele sobe os dois degraus restantes até o terraço e estende a mão. Eu fico olhando para ele por um momento antes de meus modos entrarem em ação.

— Grace — digo, apertando sua mão.

— Prazer em conhecê-la, Grace O'Rourke.

— É Whittaker, na verdade.

— Que pena. — Ele acena para minhas sapatilhas de ponta no chão. — Você é dançarina?

— Eu sou sim.

— Você dança profissionalmente?

— Ainda não. — Não consigo deixar de sorrir com a ideia. — Um dia, espero. Se eu me sair bem o suficiente na faculdade para me tornar uma companhia de dança profissional.

— Você vai para a faculdade para dançar? — pergunta, parecendo chocado.

— No outono.

— Isso é legal — ele diz. Sinceramente, não tenho certeza do

que pensar desse cara. Ele parece bastante legal; talvez um pouco estranho, mas algumas pessoas não conseguem evitar isso. Eu gostaria de saber mais sobre a área para poder apontar a direção certa.

— Posso perguntar a alguém lá dentro se sabe onde fica a propriedade Fletcher — digo.

— Não. — Ele acena com a mão. — Vou continuar vagando pelos quintais até encontrar um cara que está chateado comigo por estar atrasado.

Eu rio. Ele enfia as mãos nos bolsos e dá uma olhada nos fundos da casa.

— Aidan O'Rourke — ele pronuncia, como se tentasse examinar o nome. — Por que isso parece tão familiar?

— Ele é conhecido em alguns círculos.

— Ele é seu pai?

— Não, ele é... — Não sei como chamá-lo neste momento. “Namorado” não parece certo e “dominador” é muito pessoal. — Ele é meu guardião.

O telefone de Sam toca em seu bolso. Ele o pega para olhar a tela.

— Eu deveria atender — ele fala, levando o telefone ao ouvido. — Oi, pai... É, errei as datas de novo. Escute, na verdade estou a caminho de uma entrevista de emprego.

A sra. Cline caminha até o terraço, seguida pela minha instrutora, Shayna, uma mulher magra e de pele negra com uma bolsa de ginástica pendurada no ombro.

— Posso ajudá-lo? — a sra. Cline diz para Sam.

— Tenho que ir — ele diz, e encerra a ligação. — Estou só de passagem, senhora. — Ele pisca para mim. — Espero que nos encontremos novamente, Grace Whittaker.

A sra. Cline fica de olho em Sam enquanto ele corre em direção às árvores.

— Quem é, Grace?

— Não tenho certeza. — Pego minhas sapatilhas de ponta e volto toda a minha atenção para minha instrutora de dança. — Olá, Shayna. Vamos para o estúdio.

CAPÍTULO 16



Aidan

— Qual era mesmo o nome dele? — pergunto a Grace pela terceira vez desde que nos sentamos para jantar.

— Sam — ela responde depois de engolir a comida.

— Sem sobrenome? — pergunto. Ela assente com a cabeça. — Você tem certeza?

Ela assente novamente.

— Sinceramente, ele me pareceu bem. Apenas perdido.

— E ele disse que estava procurando a propriedade de Fletcher?

— Acho que foi isso, sim.

Não conheço ninguém que more na região chamado Fletcher, embora não tenha tomado a iniciativa de conhecer meus vizinhos. Ainda assim, não gosto da ideia de um cara qualquer vagando pela minha propriedade e conversando Grace quando não estou por perto.

— Começaremos a usar as câmeras de segurança externas durante o dia — digo a ela. Ultimamente não tenho me preocupado em ativar o sistema antes do anoitecer, porque sempre tem alguém aqui. Mas isso está prestes a mudar.

— Sério, Aidan, estava tudo bem.

— Desta vez nada aconteceu. Da próxima vez, talvez aconteça. — Recuso-me a correr riscos desnecessários com a segurança dela.

Eu já estava nervoso quando voltei do escritório. A notícia de que um cara conseguiu se aproximar furtivamente de Grace no meio do dia sem ninguém perceber me faz querer construir uma porra de uma cerca de arame farpado em volta da minha propriedade.

— Como foi sua aula de dança? — pergunto, direcionando a conversa para um assunto que sei que ela vai gostar. Seu rosto se ilumina.

— Foi ótima. Shayna realmente sabe o que está fazendo.

— Estou feliz que ela esteja treinando com você.

Terminamos a refeição e depois vamos para a sala de estar

para ler. Enquanto Grace continua de onde paramos no thriller da noite passada, mentalmente deixo de lado a ameaça externa de invasores para me concentrar no perigo interno que ferve entre nós.

Colocar Grace de joelhos não é mais suficiente. Francamente, nunca seria suficiente.

Achei que poderia amarrá-la, açoitá-la e depois dar-lhe um beijo de boa noite, apenas com um leve arrependimento. Mas quando se trata de Grace, não há limite para o meu desejo. Nenhuma linha de chegada que eu possa cruzar e ficar satisfeito.

Um beijo inevitavelmente se transforma em três, depois em quatro, e antes que eu perceba há quanto tempo minha língua está em sua boca, estou deitado em cima dela com os dedos em seu cabelo. Não consigo nem colocá-la de joelhos sem querer que a cabeça do meu pau encontre o fundo de sua garganta enquanto ela está lá embaixo.

Mas me recuso a deixar isso acontecer, então tenho que encontrar outra maneira de saciar nós dois. E para fazer isso, vou precisar de ajuda.

Mando uma mensagem rápida para meus convidados surpresa e recebo uma resposta imediata. Eles estarão aqui em breve.

— Quer que eu leia mais alguma coisa? — Grace pergunta. É claro que ela pode sentir minha inquietação.

— Não, pequenina. — Me aproximo dela no sofá. Não contei a Grace meus planos para esta noite porque, francamente, não preciso.

Tenho sido muito brando com ela desde que aceitou minha coleira e, como resultado, muito tolerante comigo mesmo. Nós dois precisamos de um lembrete claro de que ela é minha posse. Não minha namorada. E certamente não é algo intermediário.

Ela é um brinquedo. E se há uma coisa em que sou bom é em compartilhar os meus brinquedos. A campainha toca.

Grace levanta os olhos do livro em sua mão.

— Você está esperando alguém?

— Estou. — Levanto do sofá. — Suba e vista sua roupa de dança. Você tem um show para fazer.

Suas feições se contraem.

— Que show?

Acaricio a parte inferior de seu queixo. Parte de mim está tentada a cancelar tudo ou, pelo menos, dizer algo que a prepare emocionalmente para as coisas que planejei. Mas jurei para mim mesmo que não queria mais mimá-la.

Ela aceitou minha coleira, o que significa que concordou em me servir.

— Você tem suas instruções, pequenina.

Saio da sala para atender a porta com a mão trêmula. Matthew e Dante entram no saguão parecendo muito mais calmos do que eu.

— Obrigado por ter vindo — digo, fazendo um esforço para parecer casual.

— O prazer é nosso — Matthew responde com um sorriso carregado.

— É melhor que seja — Dante comenta —, considerando a quilometragem que acabei de acumular na minha nova Ferrari. Nunca vou entender o que você vê no interior. Não há nada aqui além de vacas.

— Pelo que sei, ninguém nesta vizinhança fode suas vacas. — Faço sinal para que me sigam até a sala. Enquanto eles se acomodam no sofá, eu me ocupo em servir bebidas para todos nós.

— Tenho que ser honesto — Matthew fala. — Quando você nos convidou para compartilhar sua submissa, eu estava convencido de que você tinha enlouquecido. Você tem certeza de que deseja continuar com isso?

— Por que não estaria? — Entrego copos de uísque para os dois homens. — Ela dificilmente seria a primeira que compartilho com qualquer um de vocês.

— Bem, claro. Mas Grace não é qualquer submissa, não é? Ela é sua pupila.

— Isso não é nem a metade — Dante acrescenta. — Ela é a porra da sua sobrinha.

— Ela é uma submissa — digo com firmeza. — Não é diferente das outras. Ela é jovem e insaciável e estou concedendo a ela uma oportunidade para se liberar.

— Ela ou você? — O sorriso astuto de Matthew irrita meus nervos.

— Por que não os dois? — digo com uma honestidade inesperada.

Meu maior erro foi permitir que Grace se tornasse a exceção a todas as regras. Preciso parar de ouvir a voz interior que insiste que ela está de alguma forma acima de tudo e começar a tratá-la como trataria qualquer outra submissa.

No passado, achei gratificante ver as minhas submissas serem fodidas por outras pessoas. É a única maneira pela qual esses acordos tiveram sucesso. Meus amigos gozam e minhas submissas recebem uma dose de prazer misturada com a dor que desejam. Até as memórias servem ao seu propósito. Da próxima vez que sentir vontade de ver os lábios de Grace esticados em volta do meu pau, posso me lembrar da memória de um desses homens fodendo sua boca.

Não faz mal que tal acordo também me permita cumprir a promessa que fiz a mim mesmo há vinte e dois anos.

— Por que você mesmo não transa com ela? — Dante pergunta.

— Meu amigo, não me entenda mal, ficarei mais do que feliz em fazer isso por você. Acabei de me lembrar vividamente de como foi ter minha foda empitada na última vez que coloquei minhas mãos em sua garota.

— Aquilo foi diferente. Ela era menor de idade.

— Engraçado como isso não impediu você de fazer isso — Matthew comenta.

Encontro o olhar do meu amigo por cima da borda do copo. Matthew e eu nos conhecemos há mais de metade de nossas vidas. Mas por mais familiares que sejamos, há páginas de nossas memórias pessoais que mantemos trancadas a sete chaves. Ele não gosta de falar sobre como entrou no BDSM, além de insinuar que era jovem — possivelmente mais jovem que Grace. Suspeito que esta situação o tenha lembrado de coisas que ele preferiria esquecer.

— Como já disse antes — digo a ele —, só bati nela quando ela tinha dezoito anos. Mas que bom que você tocou no assunto, porque é algo que devo mencionar antes de começarmos. Grace é virgem. Então, qualquer um de vocês que transar com ela primeiro, seja gentil.

Já posso ver o canto da boca de Dante se transformando em um sorriso malicioso.

— Só me faça um favor — Dante diz. — Quando você perceber o erro que cometeu, não corte minhas bolas até que eu entre na boca da sua submissa. — Ele acena para a porta. — Falando no diabo...

Olho a tempo de ver Grace espiando a sala antes de voltar para trás do batente da porta.

— Entre, pequenina — digo a ela.

Grace passa pelo arco, vestida com um collant violeta simples e meia-calça branca. Meu raio de sol até colocou suas sapatilhas de ponta. Seu olhar dispara entre nós três, cheio de curiosidade e um toque de medo.

Ela é inteligente por ter medo.

Sinto-me um vilão, sabendo o que estou prestes a pedir a ela, mas tenho que acreditar que é o melhor. Matthew e Dante darão a Grace o que ela precisa, para que possamos continuar como dominador e submissa, sem que o elefante faminto por sexo ocupe metade da sala.

— Tenho alguns amigos que gostaria de apresentar a você — digo. — Este é Matthew Bolton.

— Na verdade — Matthew diz —, já nos conhecemos.

Eu olho em sua direção. Isso é novidade para mim.

— Quando foi isso?

— Na festa da masmorra. Sua pupila não resistiu em passar por aqui para ver meu pau sendo chupado. Achei que ela fosse uma nova submissa.

As bochechas de Grace brilham de vergonha enquanto ele gesticula para ela se aproximar. Ela olha para mim em busca de permissão. Eu concordo.

— Está tudo bem, querida. — Matthew leva os nós dos dedos dela aos lábios. — Deixo a porta aberta por um motivo.

Dante se levanta do sofá para rodeá-la como um tubarão.

— Você lembra de mim, garota? — ele pergunta, seu olhar avaliativo. — Você ainda me deve uma camisa. — Pelo jeito que ele está olhando para os mamilos de Grace, aposto que vai se contentar com o collant dela.

— S-sim, senhor — ela gagueja, girando em suas sapatilhas, em um esforço para manter Dante em seu campo de visão. — Eu lembro.

Grace olha para meus amigos com receio. Eu não contei a ela por que eles estão aqui, mas ela é perspicaz o suficiente para sentir o desejo deles por ela. Mesmo eu não consigo resistir a deixar meu olhar percorrer seu corpo.

— Convidei Matthew e Dante para brincar com você — digo a ela.

Suas sobrancelhas se erguem.

— O que você quer dizer com... *brincar comigo*?

— Você anseia por experiências que não posso lhe proporcionar. Esses dominadores estão aqui para satisfazer esses desejos.

— Que desejos? — Sua ingenuidade é um ardil. Ela sabe exatamente do que estou falando.

Nos últimos dias, Grace tem praticado seus velhos truques, desfilando pela casa com as saias e vestidos mais curtos que possui. Ontem à noite, ela começou a esquecer de colocar roupa íntima.

— Ele quer dizer sexo, querida — Matthew ri.

Ele se levanta do sofá para se aproximar dela, e ela recua, direto no peito de Dante. Ela grita como um ratinho enquanto Dante apoia as mãos grandes em seus ombros.

A vontade de acabar com a festinha deles atinge meu peito como um martelo. Grace está tendo mais dificuldades com isso do que eu pensava. Estou acostumado a brincar com submissas poliamorosas ou em relacionamentos abertos. Grace nunca teve namorado, e aqui estou eu, pedindo para ela foder dois estranhos ao mesmo tempo.

Claro que ela está nervosa. Claro que ela está sobrecarregada.

— Venha aqui, pequenina — aceno para Grace.

Dante a solta com um suspiro relutante. Ela corre para o meu lado.

— Está tudo bem. — Afago a nuca dela. Não vou negar que parte de mim quer levá-la para o meu quarto, onde ninguém possa

tocá-la. Mas convidei estes homens aqui por uma razão.

Grace precisa disso. Nós dois precisamos. Ela pode estar assustada agora, mas suspeito que quando eles começarem a tocá-la de todas as maneiras que me recusei a tocá-la, ela mudará de opinião.

— Quando você colocou essa coleira, você fez uma promessa de me servir. — Eu a viro para poder encará-la. — Você pode usar sua palavra de segurança se quiser, mas estou te dizendo... é isso que preciso de você, pequena.

— Mas — ela diz. — Eles não são você...

— Ela tem razão — Matthew comenta.

— Considere-os uma extensão da minha vontade — digo. — Eles vão tocar você com minha bênção, e eu estarei bem aqui, vendo eles foderem você.

Grace estremece com a palavra “foderem”. Inclino meus lábios sobre os dela e reivindico sua boca, penetrando-a com minha língua para lembrá-la de todas as maneiras pelas quais ela poderia ser penetrada. Sinto o gosto de seu desejo reprimido, de seu poder sexual inexplorado. Tudo misturado com sua necessidade desesperada de libertação.

Grace choraminga baixinho enquanto interrompo o beijo para dizer a ela:

— Eu sei que você está lutando com as limitações que coloquei em você. Estou oferecendo uma alternativa ao seu sofrimento.

Ela olha para meus amigos.

— Você realmente quer que eu faça isso? — ela sussurra.

A palavra “não” ruge profundamente dentro de mim, mas eu a ignoro. Na verdade, minha relutância é um sinal de que esta é a coisa certa a fazer.

Posso possuí-la ou posso transar com ela, mas não posso fazer as duas coisas. Por mais que eu queira reivindicar as partes proibidas de seu corpo, adoro demais o resto dela para desistir delas.

Passo meu polegar sobre sua bochecha.

— Sim.

Ela respira fundo, prende o ar e depois expira, exatamente como eu a ensinei. Seus lábios se curvam na forma de um sorriso.

— Então eu farei isso, senhor. Por você.

Minha garganta se aperta.

— Boa garota.

Eu a viro para encarar Dante e Matthew. Meus amigos dominadores não tiraram os olhos de Grace desde que ela entrou na sala. Conforme ela se aproxima deles, tenho a sensação de que acabei de enviar meu coelhinho fofo para correr com os lobos.

— Vamos dar algo para a bailarina dançar — Matthew fala. Ele toca no telefone e, em segundos, a sala se enche com a melodia suave

da música clássica.

O passo cuidadoso de Grace evolui para passos de dança enquanto se aproxima de Matthew na ponta dos pés. Imagino que ela ache mais fácil transformar a sedução em performance. Ele alcança o braço dela, mas Grace gira fora de alcance no último segundo. Ele ri, divertido com suas travessuras. Ela se aproxima e se afasta mais algumas vezes antes que Dante a pegue pelo pescoço.

Ela grita quando ele puxa o collant de seus ombros, expondo seus seios para a sala.

— Eu disse que cobraria por aquela camisa — Dante rosna. Ele a beija com força na boca e aperta seus mamilos. A irritação se transforma em raiva enquanto a observo lutar para se libertar. Ele a apoia contra a parede, colocando a coxa entre as pernas dela.

Eu me movo em direção a eles por instinto, com a intenção de arrastá-lo para longe dela, até que Matthew entra com uma mão no meu peito. Ele me acalma com um olhar tranquilizador e depois volta sua atenção para Dante.

— Calma, D — Matthew diz, fazendo Dante recuar um passo. — Virgem, lembra?

Dante rosna, sua voz cheia de frustração. Ele permite que Grace se afaste da parede, mas não tanto que ele não consiga alcançar seus mamilos. Ela lança a Matthew um olhar de gratidão, depois arfa quando ele captura sua mão, pressionando a palma em sua protuberância.

— Você já tocou em um pau antes? — Matthew pergunta.

— Na verdade, não. — Ela choraminga enquanto Dante coloca a outra mão em sua ereção.

— Que tal dois de uma vez? — ele pergunta.

Ela balança a cabeça. Minha pequenina não consegue evitar esfregar as coxas enquanto explora os pênis duros sob as palmas das mãos. Meu próprio pau lateja enquanto imagino sua pequena mão deslizando sobre mim, apertando suavemente, tentando envolver minha circunferência.

Matthew e Dante trabalham juntos para tirar o collant dela. Em vez de lutar com sua meia-calça, Dante a rasga, expondo-a.

As bochechas de Grace brilham vermelhas como brasas enquanto nós três olhamos avidamente para sua boceta nua. De todas as noites que ela poderia ter escolhido não usar calcinha...

Matthew solta um longo assobio.

— Dobre-a — diz ele. — Quero ver tudo.

Grace grita enquanto eles a inclinam sobre o braço largo de uma poltrona de couro. Dante agarra as bordas rasgadas de sua meia-calça e as puxa, ampliando o rasgo.

— Os buracos da sua pequenina são tão lindos quanto o resto

dela — Matthew diz, abrindo as bochechas para expor sua boceta e sua entrada traseira. — Mas tenho certeza de que não preciso te contar isso.

Ele não deveria ter que me contar. Mas a verdade é que não me permiti explorar essas partes do corpo de Grace. Nunca a vi tão vulnerável e exposta.

O desejo me invade. Eu quero desesperadamente ser aquele que desliza os dedos pelas dobras de Grace. Ela geme baixinho e se agarra à poltrona, não acostumada a ser tocada por ninguém além dela mesma. Tudo isso é novo para ela. Ser beijada por estranhos, ser agredida, apalpada, tocada...

Dante cospe entre as bochechas de Grace e adiciona seus próprios dedos à mistura, fazendo a área ao redor de seu ânus brilhar. Ela se contorce enquanto ele acaricia sua entrada traseira — outra sensação nova para ela que estou permitindo que outra pessoa apresente.

Procuro seu olhar e descubro que ela já está me observando. Eu não toquei nela desde que toda essa maldita cena começou, e não sou eu quem lhe dá prazer agora. No entanto, ela está olhando para mim como se eu fosse o único homem na sala.

Minhas mãos tremem com o esforço para permanecer na poltrona. Em vez de reivindicar a primeira vez de Grace, estou observando-os à distância, como um voyeur frio e indiferente. Se ela fosse qualquer outra submissa, eu sentaria e apreciaria o show. Mas Matthew, com seu discernimento irritante, estava certo desde o início. Grace não é qualquer outra submissa. Não porque ela é como minha família, ou minha pupila, e não porque ela seja jovem e inocente.

Grace é diferente por causa do que ela significa para mim. Eu respeitava as outras, mas não as amava.

E eu amo Grace, porra.

Meu coração se revolta, encenando um motim em meu peito. Não importa o quanto eu tente, não consigo me lembrar de uma época em que senti isso intensamente por uma namorada ou por uma submissa. Tal como acontece com tudo o mais, Grace provou ser a exceção de todas as minhas regras.

Dante começa a enfiar o dedo no ânus dela. Não estou acostumado com o ciúme aparecendo quando se trata de perversão, mas se esses homens não tirarem as mãos da minha pequenina agora, eles vão se arrepender de ter tocado nela.

— Saiam — eu rosno.

— O quê? — Matthew pergunta, com um sorriso de “eu avisei” no rosto que fico tentado a apagar com o punho.

— Eu disse para darem o fora.

As narinas de Dante se dilatam.

— Você está falando sério, cara? Eu poderia quebrar um vidro com meu pau agora mesmo...

— Eu não dou a mínima.

Matthew afasta Dante de Grace.

— Vamos, D. Você pode acabar em outro lugar. — Ele dá um tapinha em meu ombro enquanto conduz Dante para fora da sala. Não consigo nem olhar para ele, muito focado em ver Grace cair no chão.

— Fiz algo errado, senhor? — ela pergunta, sem fôlego.

O ar foge dos meus pulmões em um único suspiro.

— Não, Grace, você não fez nada de errado.

Em vez de acenar para ela, eu me abaixo no chão. Ela rasteja em minha direção por vontade própria, apoiada nas mãos e nos joelhos, o cabelo formando uma cortina dourada em volta dos ombros.

A sensação de que escapamos por pouco de um desastre causado por mim mesmo ainda está pairando no ar. De alguma forma, eu me convenci de que poderia abrigar um lobo faminto e um coelho na mesma gaiola e esperar que o lobo rejeitasse sua natureza.

Seguro o rosto de Grace em minhas mãos.

— Se alguém vai tomar sua inocência, deve ser alguém que você ama.

Seu lindo e triste rosto fica nublado.

— Mas... e se o homem que amo não me quiser?

— Então ele é um idiota.

Eu a beijo, deslizando minha língua entre seus lábios para saboreá-la. *Reivindique-a. Lembre-a de quem é seu mestre.* Colocando-a de costas, subo em cima dela, me encaixando entre suas pernas.

— Eu deveria ter feito isso há muito tempo — digo, pressionando minha mão em sua boceta. Suas pálpebras tremem enquanto ela se empurra contra minha palma.

— Senhor...

— Não — digo a ela. — Não me chame de senhor. Não posso ser seu dominador agora.

— Então, o que você é?

Provoco a abertura de Grace, molhando meus dedos com sua excitação. Ela choraminga enquanto espalho aquela suavidade sobre seu clitóris.

— Eu sou o homem que está se apaixonando por você desde o primeiro dia.

CAPÍTULO 17



Grace

Aidan me ama. Vejo a verdade de suas palavras na maneira como ele olha para mim, na vulnerabilidade que não estou acostumada a ver nele durante nossas cenas regulares. Estou toda aquecida, como um rubor da cabeça aos pés, mas não estou envergonhada.

Estou mais feliz do que nunca e tudo por causa de Aidan.

Não entendo o que ele quer dizer quando afirma que não pode ser meu dominador agora. Para mim, não há como separar o homem em cima de mim daquele que me algema em sua cama. Eles compartilham uma mente perspicaz, um coração pulsante e um corpo duro e musculoso.

— Eu também te amo — digo a ele. Não consigo identificar o momento exato em que isso aconteceu. A noite em que ele beijou meu pé me vem à mente, mas suspeito que as sementes do amor foram plantadas muito antes de seus lábios tocarem minha pele. Eu sei disso tão bem quanto conheço os passos do meu ballet favorito.

Amo Aidan, meu dominador e meu guardião em todos os sentidos da palavra.

Ele me beija e eu encontro sua língua, golpe por golpe. Meus músculos internos flexionam como se meus quadris estivessem brincando de casinha para alguma criatura insaciável que se alimenta exclusivamente de prazer. Durante meses, ansiava que ele me tocasse. Agora que seus dedos estão no meu clitóris, encantadores gemidos suaves saem dos meus lábios.

— Ver eles colocarem as mãos em você... — Seu olhar escurece. — Eu não aguentei. Eu não poderia ficar parado e deixá-los tomar o que é meu, mesmo sendo eu quem os convidou.

— Que bom que você disse para eles pararem.

Verdade seja dita, eu gostei da maioria das coisas que os amigos de Aidan fizeram comigo. Matthew é muito bom com as mãos, e a aspereza de Dante enviou um arrepio de excitação pelo meu corpo.

Tive prazer com a ideia de estar seguindo as ordens de Aidan e com a emoção de ele ver tudo acontecer. Mas eu queria que fosse Aidan quem me tocasse, me despisse, me inclinasse sobre a poltrona.

— Não quero que minha primeira vez seja com estranhos — digo. — Eu quero que seja com você.

A correção de tudo isso se condensa no centro do meu peito. Ele passa os lábios e os dentes pelo meu maxilar e pescoço. Meus mamilos doem, desesperados por qualquer tipo de contato. Suas mãos ou sua boca ou seu corpo pressionado contra o meu.

Puxo delicadamente os botões de sua camisa, sem saber se devo esperar permissão para despi-lo. O prazer crescente entre minhas pernas me encoraja e começo a trabalhar em seus botões. Ele não me diz para parar. Na verdade, ele me ajuda, tirando completamente a camisa, expondo seu peito e braços poderosos.

Meu Deus, eu poderia ficar olhando para o corpo desse homem para sempre e nunca ficar entediada. Só tenho alguns segundos para admirar seu físico antes que ele esteja novamente em cima de mim, lambendo e beijando meus seios. Sua boca puxa avidamente meu mamilo e sinto o puxão até meu clitóris. Eu flutuo em uma corrente de prazer enquanto ele passa para o meu outro mamilo, mordendo e chupando, provocando e lambendo.

O prazer gira como um redemoinho em meus quadris. Já posso sentir meus músculos se contraírem, meu corpo sucumbindo à vontade implacável de Aidan. Meu clitóris pulsa contra seus dedos enquanto ele me acaricia mais rápido.

— Há meses venho fantasiando em fazer você gozar — ele rosna. — Esta noite, quero ser o motivo de você gemer e tremer. Quero sentir sua boceta escorrendo como um pêssago maduro pelo meu queixo quando eu provar você.

Suas palavras me tocam de dentro para fora. Meus músculos ficam tensos e prendo a respiração enquanto o orgasmo surge através de mim. Eu gemo, vagamente consciente dos lábios de Aidan trilhando beijos pela minha barriga, muito envolvida no meu orgasmo para perceber para onde ele está indo até que seus lábios estejam lá.

Arrepios quentes percorrem minha pele enquanto sua respiração sopra em minhas dobras. Ele enfia a cabeça entre minhas coxas, depois passa a língua pela minha umidade, centralizando-se no meu clitóris.

— Ai, meu Deus... — Fecho os dedos em volta de um punhado do cabelo de Aidan.

Ele olha para cima com um meio sorriso que parece dizer: *“eu sou o seu Deus, pequenina, e não se atreva a esquecer isso.”* Estou tão sensível depois do meu orgasmo que a carícia da sua língua é quase demais para suportar. Aidan parece perceber isso, se a maneira como

ele está prendendo meus quadris servir de indicação.

Ainda assim, isso não o impede de me dar atenção. Aidan pode não querer ser meu dominador agora, mas ainda é um sádico.

Depois de um longo momento de tortura doce e agonizante, ele concede um alívio ao meu clitóris, subindo sobre meu corpo para me beijar ferozmente. O tilintar da fivela de seu cinto faz cócegas em meus ouvidos.

Ele vai fazer isso... O pau dele...

— Espere — digo, colocando minha mão sobre a dele.

O olhar sombrio de Aidan procura o meu.

— O que foi, Grace?

Eu não quero apenas que ele coloque o pau dentro de mim. Quero saborear o momento. Nunca vi Aidan totalmente nu, embora ele tenha tido semanas para memorizar o comprimento das minhas pernas e as curvas modestas dos meus quadris e seios. Quero uma chance de olhar para ele sem nada, nem mesmo a cueca, bloqueando minha visão.

— Quero ver você primeiro — digo a ele. — Você por inteiro.

Com um sorriso malicioso, ele se levanta e fica na minha frente, enquanto eu me ajoelho a seus pés. Ele desabotoa o cinto lentamente e depois abre o zíper da calça.

— Você quer ver meu pau? — ele pergunta.

Meu pulso acelera e eu concordo com a cabeça.

— Quero ver tudo.

Ele tira a calça e a joga em uma poltrona. Um arrepio quente ricocheteia em mim quando ele enfia os polegares no cós da cueca boxer. Ele desliza a cueca para baixo e tira, liberando seu pênis para ficar em posição de sentido como um soldado.

Observo todo o seu corpo, começando pelos dedos dos pés e vou subindo. Não há como negar que Aidan é um homem. Não é um garoto, nem uma ficada, nem um cara com quem estou saindo. Ele é meu guardião. Meu Deus. Maior, mais forte e muito mais velho e experiente do que eu. Olho abertamente para sua ereção, repleta de veias e com uma ligeira curva ascendente.

A visão me faz arder por coisas que nunca senti antes, como se meu corpo soubesse instintivamente para onde seu pau deveria ir.

Eu me pergunto se dói estar tão duro quanto ele. Tão rígido que a cabeça do seu pau quase toca sua barriga. Ele acaricia minha bochecha, passando o polegar pelos meus lábios. Eu o pego entre os dentes, colocando seu polegar em minha boca. Aidan geme.

— Você não tem ideia do que faz comigo, Grace. — Ele parece estar em agonia. — Tentei manter distância. Eu tentei te afastar, te entregar. Mas não posso mais fazer isso. Eu não farei isso.

Que bom, penso comigo mesma. Agora que sei como é ser

tocada e amada por ele, não consigo imaginar voltar a ser como as coisas eram antes. Envolver minha mão em seu pau, e a primeira coisa que noto é o quão grosso ele é. Não tenho certeza de como vou encaixá-lo na boca, mas quero tentar.

Aidan inala profundamente enquanto eu lambo e beijo a cabeça de seu pau. Envolver meus lábios em torno dele, me dedicando ao máximo para lambê-lo e chupá-lo o melhor que posso, sem saber realmente o que estou fazendo. Acabo tomando demais e engasgando com ele. Aidan faz um som que é algo entre um suspiro e um grunhido.

Eu me afasto, com medo de tê-lo machucado acidentalmente.

— Desculpe — digo.

Ele pisca para mim.

— Do que você teria que se desculpar?

— Não sei — digo. — Engasgar com você?

Ele segura o lado do meu rosto.

— É melhor que não seja a última vez que você engasga com meu pau, Grace. — A expressão dele endurece. — Mas agora, eu preciso entrar em você, e foder sua boca não vai resolver isso.

Ele se abaixa no chão e depois me deita, colocando as mãos sob meus joelhos. Ainda estou vestindo minha meia-calça rasgada como se fosse uma polaina, assim como minhas sapatilhas de ponta. Ele se ajoelha entre minhas pernas abertas, descansando seu pau diretamente sobre meu centro.

— Isso vai doer — ele diz. — Serei o mais cuidadoso possível, mas não há como evitar.

— Eu aguento — digo a ele. Aidan desliza através da minha umidade, e cada passagem sobre o meu clitóris acende uma pequena chama de prazer dentro de mim.

— Eu sei que você aguenta.

Sinto a cabeça de seu pênis romper minha entrada e suspiro com a dor que surge.

— Continue respirando, Grace — ele diz. — Assim como eu te ensinei.

Inspiro pelo nariz e expiro pela boca enquanto ele relaxa seu comprimento dentro de mim. Dói quase tanto quanto alongar um músculo tenso, mas respiro através da dor, assim como respiraria durante um recital difícil. Focando no panorama geral, na beleza da performance como um todo.

Aidan me penetra um pouco mais fundo a cada vez até que está enterrado dentro de mim. Depois de mais algumas estocadas, a dor que senti quando ele entrou em mim pela primeira vez se transformou em um sussurro.

— Meu Deus, sua boceta é incrível. — Ele se afasta e depois

avança, e isso é bom pra caramba. — Me diga agora se você quer que eu pare, porque assim que eu começar a te foder, vai me matar parar.

— Não pare — digo a ele. — Me foda com mais força. — Mordo a língua para me impedir de chamá-lo de “senhor”. Parte de mim gostaria que ele me segurasse ou colocasse a mão em volta da minha garganta. Algo para me lembrar que ele ainda está feliz por ser meu dominador. Só posso imaginar como seria bom estar amarrada à cama enquanto ele está dentro de mim. Aidan diz que não é meu dominador agora, mas tem que perceber que me dizer para não chamá-lo de “senhor” é apenas mais um comando.

Cravo minhas unhas em seus ombros enquanto ele estoca mais rápido. Meus quadris se ajustam ao seu ritmo, resistindo a tempo de atender suas estocadas. É estranho e maravilhoso o modo como o alongamento pode ser satisfatório e doloroso ao mesmo tempo.

Ele estende a mão entre nós para acariciar meu clitóris, e meus músculos internos se contraem instantaneamente.

A combinação de pressão interna e externa é esmagadora. Ainda bem que estou deitada porque não tenho como me segurar. Ele se inclina para me beijar, sua boca exigindo minha submissão, ao contrário de suas palavras.

Sinto seu amor por mim nesse beijo, assim como seu desejo. Seus lábios trilham beijos do meu queixo até o pescoço, até o colar. Quando sua língua mergulha no anel central para provar minha pele, eu me desfaço.

Grito quando meus músculos o agarram e o liberam, enviando ondas de choque de prazer através do meu sistema nervoso. Eu ilumino como o nascer do sol, como o amanhecer irrompendo no horizonte.

Aidan enfia seu pau em mim, todo o seu corpo estremece quando ele goza.

Apoiando os cotovelos no tapete, ele relaxa em cima de mim, e eu o seguro, sentindo-me como uma pequena bailarina que vive dentro de uma caixa de lembranças há anos. Então Aidan me abriu, enchendo meu mundo com luz e música.

O que fizemos aqui esta noite vai mudar tudo.

— Eu machuquei você? — ele pergunta baixinho.

— Só um pouco — eu digo. — Mas eu gostei. Da próxima vez, você pode me amarrar. Quero saber como é ter você dentro de mim quando não consigo me mover.

Seu meio sorriso vacila enquanto seu olhar se volta para algum lugar além de mim.

— Senhor? — eu sussurro.

Ele visivelmente estremece com meu deslize accidental.

— Não, Gracie. Eu não vou fazer isso.

— Por que não?

Ele sai de mim para poder deitar de lado.

— Porque vamos manter nossa vida sexual e nossas perversões separadas.

— Mas já quebramos sua regra de proibição de sexo.

— Fizemos isso — ele fala com um suspiro. — Tecnicamente, o que acabamos de fazer foi sexo baunilha.

— Ah... — As coisas que fizemos um ao outro não pareciam baunilha para mim, mas eu era virgem há menos de uma hora, então o que eu sei?

— Ei. — Ele pousa a mão no meu quadril. — Eu ainda sou seu dominador, e você ainda é minha pequenina. Isso não mudou. Mas haverá novas regras básicas sobre quando, onde e como podemos ser sexuais.

Mais regras a seguir; mais regras para ignorar. Meu interior é um emaranhado de alegria e confusão. Estou exultante por ele ter mudado de ideia sobre não fazermos sexo, mas gostaria de entender por que Aidan é tão inflexível em não misturar sexo com perversão. Ele claramente me quer, então por que não quando estou usando suas algemas?

— Você pode pelo menos me dizer por quê? — pergunto.

Ele começa a balançar a cabeça, depois para. A dor em seu olhar me atinge bem no peito. Ele quer me contar; estou certa disso.

— Quando comecei a entrar nesse estilo de vida — diz ele — cometi um erro com uma submissa. Um que me arrependo profundamente.

— Que tipo de erro?

— Do tipo que destrói pessoas. Prefiro morrer a deixar algo assim acontecer com você — a seriedade em seu tom é uma gota de chuva escorrendo pelas minhas costas. Eu tremo.

— Alguém se machucou? — pergunto.

Depois de um longo período de silêncio, ele assente. Seu rosto se fecha.

Meu guardião tem segredos que pesam terrivelmente sobre ele. Eu gostaria que me deixasse dividir o fardo.

CAPÍTULO 18



Grace

Aidan parece diferente quando está dormindo. É a única vez que ele não está no controle. Observo seu peito subir e descer, aproveitando essa rara oportunidade de estudá-lo quando não está ciente do meu olhar.

Normalmente não acordo antes dele, mas fui arrancada do sono há uma hora por um pesadelo em que Aidan estava me colocando à venda em um leilão de escravas. Implorei para que ele não me vendesse, implorei para que me levasse para casa, mas ele não quis ouvir. Acordei com lágrimas no rosto e estou deitada aqui, deixando-as secar no rosto desde então.

Esta noite será minha primeira noite longe de Aidan desde que me formei no internato. Todos os alunos do primeiro ano da Jost Academy são obrigados a passar a noite no campus para orientação do primeiro ano. Parte de mim deseja poder voltar para casa no final do dia, mas estou ansiosa para morar com Jasmine. Nós duas mantivemos contato, mas falar com ela através de uma tela não é a mesma coisa que falar pessoalmente.

Aidan suspira, movendo os pés e arrastando o cobertor para a beirada da cama. Tudo o que existe entre seu corpo e meu olhar é o lençol.

Dormimos na mesma cama agora, embora a cama em que dormiremos dependa das intenções dele durante a noite. Não podemos fazer sexo aqui, na cama dele, aquela projetada especificamente para BDSM. Da mesma forma, quando estamos na minha cama, não somos o senhor e a pequenina. Somos Aidan e Grace.

Mas às vezes esquecemos quem deveríamos ser.

Começaríamos uma cena de surra e, no meio, ele tiraria minhas algemas e me levaria para o meu quarto para poder lamber minha boceta. Ontem mesmo, ele prendeu meus pulsos nas minhas costas enquanto me fodia por trás. A emoção disso me fez gozar com mais força do que nunca, o que Aidan, é claro, percebeu, levando-o a

me soltar imediatamente.

Não gosto de não saber onde estamos a cada momento. Tornou-se um jogo de adivinhação: com qual homem vou dividir a cama esta noite? Aidan, ou meu dominador?

O movimento abaixo do umbigo prende minha atenção; o que quer que ele esteja sonhando faz seu pau se contorcer. Posso distinguir sua posição exata sob o lençol, desde a base grossa até a extremidade da cabeça. Ele se contrai novamente à medida que incha, dobrando de tamanho.

Espero que Aidan esteja sonhando comigo.

Minha boca se enche de água. Vejo seu pau crescer até levantar o lençol. Aqui, na cama de Aidan, não tenho permissão para tocá-lo sem permissão, e definitivamente não devo tocar em seu pau. No entanto, não me lembro de nenhuma regra sobre tocar nos lençóis em volta do seu pau. Considerando todas as violações e quebras de regras que ele já sancionou, não consigo resistir a dar uma espiada.

Apertando o lençol entre meus dedos, eu o levanto lentamente, trazendo seu eixo à vista. Faço uma pausa, esperando para ver se ele se mexe, antes de continuar. Um gemido suave flutua em meus lábios enquanto o vejo em toda a sua glória. Quero afastar as cobertas e acordá-lo com um boquete de bom dia, sentir sua mão na parte de trás da minha cabeça enquanto ele força seu pau na minha garganta. Quero que Aidan amarre meus pulsos com uma longa corda de seda, passe-as pelas barras acima de nós e segure as pontas como rédeas, controlando o quão forte e rápido eu monto em seu pau.

Como não posso tocar em Aidan, me contento em me tocar, tocando meu clitóris enquanto imagino todas as coisas que gostaria que ele me pedisse. As maneiras ilimitadas pelas quais eu o serviria.

— Existem maneiras mais simples de pedir uma surra, pequenina — ele diz.

Meu pulso acelera. Suas mãos estão em mim em menos de um segundo, me puxando para seu colo. Ele bate na minha bunda seis vezes, três de cada lado. Sua ereção empurra minha barriga. Sua mão permanece na minha bunda, passando pela minha carne quente e mergulhando entre as minhas pernas.

Eu suspiro quando ele desliza um dedo pela minha fenda. Aidan não deveria me tocar enquanto estamos na sua cama. Mas não vou impedi-lo. Ele geme baixinho ao encontrar minha umidade, a evidência inegável de que eu o quero dentro de mim neste exato momento.

Seu dedo roça meu clitóris. Eu choramingo.

— Por favor, senhor.

Para minha total decepção, ele afasta a mão.

— Grace... — ele diz. Encontro seu olhar torturado por cima

do meu ombro. Eu não deveria ser Grace na cama dele. Eu deveria ser a pequenina dele, e ele, meu senhor.

Aparentemente, estou enganada.

Eu saio de seu colo e sento na cabeceira da cama, abraçando as pernas contra o peito.

— Não gosto dessas novas regras, Aidan. Nunca sei como devo agir ou como posso chamá-lo, e não consigo abrir a boca sem estragar o momento.

Ele esfrega o ponto entre os olhos.

— Você não está estragando nada, Grace. Sou eu que continuo pressionando os limites. — Seu olhar endurece. — Serei mais consistente daqui para frente.

Como sempre, ele não me culpa por essas transgressões, mas reserva a culpa para si mesmo. Imagino sua culpa crescendo dentro dele, como a água atrás de uma represa que um dia vai estourar e nos afogar.

Ele beija meus joelhos e passa a mão pelo meu antebraço.

— Você está com as malas prontas para a orientação na faculdade?

— Quase. Só me restam algumas coisas para guardar.

— Vá cuidar disso. Encontro você lá embaixo para o café da manhã. — Ele me oferece um sorriso triste que não posso deixar de retribuir.

— Sim, senhor.

Tomamos café da manhã juntos e depois nos amontoamos na traseira do Porsche para a viagem de uma hora até a cidade. Aidan tem trabalho a fazer no escritório de Manhattan, e é por isso que se ofereceu para ir comigo. Há um pouco de trânsito matinal, mas chegamos ao campus da Jost Academy com bastante tempo de sobra antes dos eventos da manhã.

Benjamin estaciona a caminhonete e sai para tirar minhas coisas do porta-malas. Aidan desafivela meu cinto de segurança e segura meu rosto com a mão. Ainda estou me recuperando desta manhã, e ele sabe disso.

— Eu te amo, pequenina — ele diz.

Meu coração dói quando encontro seu olhar perturbado.

— Eu também te amo, senhor.

Ele me beija suavemente nos lábios.

— Venho buscá-la amanhã.

Salto da caminhonete e aceito minha mala de Benjamin, depois sigo as placas até a área de registro no centro do campus. Vejo Jasmine acenando para mim em uma escada de mármore. Ela está com o cabelo preso em longas tranças e óculos de sol com armação azul. Corro no meio da multidão em direção a ela, e ela me abraça

assim que estou ao seu alcance.

— Senti tanto a sua falta — ela fala. — Sei que temos conversado todas as semanas, mas ainda parece que temos muito o que conversar.

Depois de assistir a algumas sessões formais e informais sobre políticas escolares e clubes, nos separamos para nos encontrarmos com nossos conselheiros para nos inscrevermos nas aulas. A reunião de Jasmine ainda não começou quando a minha termina, então resolvi verificar as opções de restaurantes enquanto espero ela terminar.

Estou a caminho de um dos centros estudantis quando ouço alguém dizer meu nome. Giro em círculos até encontrar o olhar profundo pertencente a um rosto que nunca pensei que veria novamente.

— Sam? — eu digo.

— Puta merda. — Ele dá uma tragada no cigarro. Seu cabelo está um pouco mais comprido do que quando ele entrou no quintal de Aidan, e ele está vestido com o que parece ser um uniforme de serviço de alimentação. — Você estuda aqui?

— Sim... ou, estudarei, no outono. O que você está fazendo aqui?

— Eu trabalho no refeitório. Mundo pequeno, hein?

— Microscópico limítrofe — digo.

Parece uma estranha coincidência que o estranho que entrou no quintal de Aidan há um mês esteja agora trabalhando na Jost, mas coisas estranhas aconteceram.

— Você já encontrou a propriedade Fletcher? — pergunto.

— Na verdade, não. Provavelmente é por isso que não estou trabalhando atualmente com paisagismo. — Ele apaga o cigarro na lateral do prédio. — Você vai almoçar?

— Sim, pensei em dar uma olhada nas opções.

— Lamento dizer, provavelmente não é o que você esperaria, considerando quanto eles cobram pelo plano alimentar. Mas ei, eu conheço uma ótima cafeteria a um quarteirão daqui que serve sanduíches. Muito melhor do que a porcaria que servem aqui. Eu poderia te mostrar, se você quiser. Fica a apenas alguns minutos de distância.

Olho para o meu telefone no momento em que uma mensagem de Jasmine ilumina a tela. Sua reunião ainda está atrasada.

— Você não está trabalhando? — pergunto.

— Estou de folga por pelo menos mais meia hora.

Meu estômago se aperta. Seria bom me familiarizar com a localidade antes de me mudar neste outono, mas não é como se eu realmente conhecesse Sam. E certamente não quero que ele tenha uma ideia errada sobre minha disponibilidade.

— Prometo não presumir que seja um encontro, se é isso que te preocupa — ele diz com um sorriso.

Forço uma pequena risada.

— Meu namorado definitivamente preferiria isso.

Ele não parece perturbado pelo comentário do namorado, o que considero um sinal de que ele está falando sério. De qualquer forma, é plena luz do dia. Se ele tentasse algo, haveria gente por perto para ver.

— Ok — eu digo. — Mas se minha amiga me mandar uma mensagem, terei que voltar.

Sam me leva para longe do campus. Está um dia lindo, um pouco abafado, mas não demais. Apenas quente o suficiente para que eu fique grata por ter optado por vestir shorts. Atravessamos um cruzamento e viramos no próximo quarteirão.

— Você é originalmente de Connecticut? — ele pergunta.

— Não, eu só fui para o internato lá. Cresci em Massachusetts. — Verifico a hora no meu telefone. Estamos caminhando há quase cinco minutos. — Quanto falta?

— Não muito. Se você não se importa que eu pergunte, como você foi parar em Connecticut?

Engulo em seco para limpar o aperto na garganta.

— Meus pais morreram em um incêndio em uma casa no início deste ano.

As sobranceiras de Sam se unem.

— Sinto muito em ouvir isso.

— Obrigada — eu digo. — Aidan, o cara em cujo quintal você entrou, é tecnicamente meu único parente vivo. Os tribunais o designaram como meu guardião, embora nunca tivéssemos nos conhecido antes.

— Deve ter sido estranho.

— Foi um pouco, no começo. Mas agora não consigo me imaginar morando em outro lugar.

— Isso é fofo — ele diz.

Sam me leva até uma rua movimentada e atravessa outro cruzamento. Tenho quase certeza de que o escritório de Aidan está localizado em algum lugar por aqui, mas não tive motivo para visitá-lo lá.

Sam para em frente a um prédio muito alto, com expressão arrependida.

— Então... tenho uma confissão a fazer — ele anuncia. — Eu não convidei você apenas para tomar um café.

— Por que você me convidou? — Fico imediatamente em guarda.

— Meu pai trabalha neste prédio e as coisas estão meio tensas

entre nós. Tive que sair do meu apartamento porque meu último colega de quarto ficou completamente maluco comigo.

— Como assim?

— Ele apontou uma arma para mim durante uma discussão — Sam diz, ainda claramente abalado pela experiência. — Estou hospedado em um hotel enquanto procuro um novo lugar, e não tem sido barato. Tive que pedir muito dinheiro ao meu pai.

— O que tudo isso tem a ver comigo?

— Bem, veja... Encontrei um apartamento, mas não tenho condições de alugá-lo sem um colega de quarto, e se eu tiver que parar e procurar um, vou perder o lugar. Preciso que meu pai assine o contrato. Eu deveria tomar café com ele hoje e esperava que você estivesse disposta a deixá-lo pensar que você é minha nova colega de quarto.

— Você quer que eu minta para o seu pai? — Me sinto desconfortável.

— Não explicitamente — Sam diz. — Eu vou falar a maior parte. Tudo que você precisa fazer é sentar lá e parecer apenas uma estudante. O escritório dele sempre oferece almoço grátis, para que possamos tomar café e sanduíches aqui. Por favor?

Verifico a hora novamente.

— Não sei se consigo, Sam.

— Só levará dez minutos, no máximo.

— O que quero dizer é que não sei se deveria. — Todo esse plano parece bastante complicado. Além do fato de que não gosto da ideia de enganar deliberadamente um estranho, e se o pai dele começar a me fazer perguntas? — Parece que isso é algo que vocês dois precisam resolver juntos.

— Certo, claro. — Ele massageia a nuca. — Foi ridículo até pedir isso. É que sinto que falhei muito com ele nos últimos meses. Seria bom deixá-lo orgulhoso, deixá-lo pensar que eu estou andando na linha, sabe?

Por mais irritada que esteja com Sam por me trazer até aqui sob falsos pretextos, meu coração está com ele. Parece que o cara realmente quer a aprovação do pai, e certamente posso me identificar com o desejo dele de deixar os pais orgulhosos.

— Desculpe por ter tentado arrastar você para a minha merda — ele diz. Tendo aperfeiçoado a arte do sorriso falso, posso reconhecer um como a palma da minha mão. — Vou acompanhá-la de volta ao campus.

Ele se vira na direção de onde viemos, com os ombros caídos. Verifico os alertas no meu telefone e vejo que Jasmine ainda não enviou nenhuma mensagem.

— Espere, Sam — digo com um suspiro. Ele vira. — É melhor

que haja uma xícara gigante de café me esperando no final deste arco-íris.

Ele sorri e então corre para abrir a porta para mim.

— Depois de você, Grace Whittaker.

Entramos no grande lobby com ar-condicionado. O design moderno encontra o industrialismo nos pisos de pedra polida e nos ângulos agudos. Sam faz um gesto para que eu me sente na pequena área de espera e depois caminha até a mesa de segurança. Ele aponta para mim enquanto fala com a recepcionista, que faz uma ligação rápida em seu telefone. Um momento depois, Sam faz um gesto para que eu o siga até os elevadores.

— Não consigo expressar o quanto aprecio isso, Grace — ele diz enquanto entramos no elevador.

— Receberei meus agradecimentos em forma de sanduíches — digo. Ele ri. — Você provavelmente deveria me contar um pouco sobre o apartamento, caso seu pai faça perguntas.

— Não se preocupe com isso. — Seu sorriso se alarga. — Ele ficará surpreso demais em ver você para se importar.

“Surpreso” parece ser a palavra errada para usar nesta situação. Só posso presumir que ele pretendia ficar satisfeito ou impressionado.

As portas do elevador se abrem. Sigo Sam até um segundo saguão com grandes janelas que abraçam totalmente o horizonte. Ele se aproxima da recepção.

— Oi, amigo, como vai? — Sam diz para o recepcionista. — Esta é minha amiga, Grace Whittaker. Presumo que a segurança lhe disse que estávamos vindo.

O homem atrás da mesa mal olha para Sam.

— Você pode seguir, sra. Whittaker. Última porta à esquerda. Ele está esperando por você.

— Uhm... obrigada. — Olho para o recepcionista, sem saber por que ele escolheu se dirigir a mim especificamente, quando estamos aqui para ver o pai de Sam.

Sam não perde tempo percorrendo o longo corredor repleto de salas de conferência e escritórios com paredes de vidro.

— Estamos com pressa? — pergunto, trotando para acompanhá-lo.

— Só quero ter certeza de que conseguiremos bons sanduíches.

Finalmente, chegamos ao final e viramos à esquerda para outra pequena área de estar. A mulher na mesa levanta os olhos do laptop.

Meus sapatos escorregam no chão de pedra quando paro.

— Jen? — Pisco repetidamente, confusa sobre por que a assistente pessoal de tempo integral de Aidan estaria trabalhando para o pai de Sam.

— Grace. — Ela fica boquiaberta, atordoada. — O que diabos você está fazendo aqui com... ele?

— Oi, Jen — Sam responde à expressão de choque de Jen com um sorriso calmo. — Ele está?

O olhar dela salta entre nós.

— Sim. Mas não acho que seja uma boa ideia...

— Diga a ele que estamos aqui — Sam diz.

— Espere, Jen — eu digo, incapaz de entender essa bizarra reviravolta nos acontecimentos. — Desde quando você trabalha para o pai do Sam?

— Quem é Sam? — ela pergunta, voltando o olhar para meu companheiro. — Você disse a ela que seu nome era Sam?

Minha garganta fecha. Observo o sorriso agradável no rosto do falso-Sam se transformar em um sorriso de escárnio. Antes que eu possa perguntar a esse estranho quem ele realmente é e como ele conhece Jen, uma porta se abre e Aidan entra na sala.

O alívio toma conta de mim, diluindo minha confusão. Corro para o lado dele.

— Esse é o cara que apareceu na casa — digo a ele. — Ele disse que seu nome era Sam e que queria me mostrar uma cafeteria por aqui...

Demoro um segundo para registrar que Aidan nem está ouvindo. Ele está muito ocupado olhando para o estranho anteriormente conhecido como Sam. Meus pensamentos se emaranham enquanto estudo o rosto pálido e a expressão atordoada de Aidan.

Ele conhece esse cara. Mas como?

— Liam — Aidan rosna. — O que diabos você está fazendo?

— Seu nome é Liam? — pergunto ao estranho.

Sua boca se curva em um sorriso malicioso.

— Grace Whittaker — ele diz —, gostaria que você conhecesse meu pai, Aidan O'Rourke.

CAPÍTULO 19



Aidan

Liam se senta na cadeira em frente da minha mesa enquanto Grace permanece de pé. Cada músculo do meu corpo está gritando para eu tirá-la daqui antes que as paredes seguras e sólidas que construí ao nosso redor desmoronem.

Jen pigarreja, lançando um olhar preocupado para Grace.

— Você gostaria que eu ligasse para Benjamin e pedisse que ele trouxesse o carro?

— Sim — digo a ela. — E segure todas as minhas ligações.

— Ei, podemos pegar dois cafés? — Liam diz. — Prometi a Grace um café em troca de vir até aqui.

Jen olha para Grace, que balança a cabeça.

— Desculpe — Jen responde, carrancuda. — Acabou. — Ela sai, fechando a porta do meu escritório.

— Não acho que Jen gosta de mim — Liam comenta.

Eu olho fixamente para meu filho, meu olhar jogando punhais. Não, não apenas punhais. Espadas. Malditas lanças com pontas venenosas. Quando o recepcionista ligou e disse que Grace e uma amiga estavam lá embaixo, presumi que ela se referia a Jasmine.

Como diabos Liam sabe quem é Grace, e qual é o seu jogo em trazê-la aqui? Ele quer me perturbar, isso é óbvio. E posso dizer que ele está sentindo um prazer doentio com a perplexidade dela.

Maldito seja se vou deixá-lo ter prazer com o sofrimento dela.

Pego Grace pelo braço.

— Você e eu conversaremos sobre isso mais tarde. Agora mesmo, Benjamin vai levar você de volta para...

— Você tem um filho? — ela diz, recusando-se a mover os pés.

O olhar de traição em seu rosto me estripa como uma faca. Tenho lutado para decidir se devo confessar o que aconteceu com a mãe de Liam. Quase contei toda a história a Grace na noite em que a tomei e a reivindiquei, mas decidi não fazer isso no último segundo. Eu queria contar a ela, mas não conseguia suportar a ideia de Grace

me olhar daquele jeito, com a testa franzida em confusão e o rosto contorcido de dor.

Se eu tivesse contado a ela naquele momento, quando éramos só nós dois, essa conversa já teria terminado. Mas me contive porque estava com medo de perdê-la.

Agora isso é praticamente uma realidade.

— É complicado — respondo. — Mas eu lhe devo uma explicação completa, Grace.

— Parece bastante simples para mim — Liam se intromete. — Homem conhece mulher. O esperma encontra o óvulo. Olá, bebê.

Eu combino sua expressão presunçosa com um olhar furioso. Ele está observando nossa conversa com um nível de diversão que estou prestes a estragar com o punho. Tento novamente atrair Grace para a porta, mas ela escapa do meu alcance.

— Preciso me sentar — ela diz. Grace ocupa a outra cadeira em frente à minha mesa e me encara com um olhar de desafio. Ela está faminta por uma explicação e merece uma.

— Eu preferiria discutir isso em particular — digo a ela.

— Eu gostaria de discutir isso agora. — Grace não vai sair do meu escritório a menos que eu literalmente a jogue por cima do ombro e a arraste para fora. É uma noção atraente, mas suspeito que não levará a um resultado melhor. — Você mentiu para mim, Aidan. Você escondeu coisas de mim. Coisas grandes e importantes. Por quê?

— Eu estava tentando proteger você.

— Me proteger do quê?

— Dele mesmo — Liam retruca. — Ele não queria que você soubesse sobre mim, porque então ele teria que lhe contar o que ele fez...

— Você não deveria tê-la arrastado para isso — falo no tom mais comedido que consigo. — Isso é entre você e eu.

— Não era minha intenção arrastá-la para isso. Não no início, de qualquer maneira. Eu nem sabia que você tinha alguém até que fui verificar sua casa. — Ele aponta para o pescoço de Grace. — Então eu notei o colar dela, como parecia muito com uma coleira, e pensei comigo mesmo, *ele poderia realmente ser tão sádico?*

A mão de Grace vai para o colar, enquanto meu aperto aumenta na borda da minha mesa.

— Não fale sobre coisas que você não consegue entender, Liam — digo.

— Eu entendo melhor do que você imagina. — Ele se vira para Grace. — Você sabia que existem apenas oitenta e sete Grace Whittakers no Instagram? Você realmente deveria atualizar suas configurações de privacidade. Quero dizer, todas aquelas fotos suas segurando sua carta de aceitação da Jost Academy estão aí para o

mundo ver.

Faço uma nota mental para que ela defina todos os seus perfis de redes sociais como privados assim que retornar ao campus.

— Meu endereço não está disponível para o mundo ver — eu digo. — Como você descobriu onde eu moro?

— Para isso tive que contratar um detetive — ele responde. — Me custou uma cacetada, mas felizmente você tem sido bastante generoso monetariamente nos últimos meses.

Esse pequeno idiota é ainda mais distorcido do que eu imaginava.

— Você ao menos trabalha na Jost? — Grace pergunta a ele.

— Hoje é meu primeiro dia oficial. Eu deveria estar fazendo sanduíches agora, então duvido que eles me peçam para voltar. — Liam adota um olhar de sobriedade transparente como vidro. — Me desculpe por ter que enganá-la, Grace, mas eu sabia que você seria mais receptiva à verdade se ela estivesse bem na sua cara. É um prazer finalmente conhecê-la, *prima*.

Liam sabe que não há nada remotamente legal nessa palavra. Ele está intencionalmente ateando fogo à única fonte de felicidade no meu mundo e dançando sobre as brasas. Posso tolerar seus caprichos sádicos quando direcionados exclusivamente a mim, mas Grace não merece nada disso.

Preciso afastá-la de Liam e levá-la para algum lugar tranquilo onde eu possa explicar tudo.

— Já nos entregamos ao seu joguinho doentio por tempo suficiente — digo. — Grace e eu estamos indo embora.

— Não vou embora até que você me diga o que mais está escondendo — Grace anuncia.

— Não há mais nada.

— Como vou confiar nisso? Pelo que sei, você poderia ter outros filhos ou uma esposa secreta trancada no sótão.

— Quem quer que ela seja, ela não é minha mãe — Liam retruca. — Minha mãe se matou.

A dor passa como uma sombra no rosto de Grace.

— Sinto muito.

Esse idiota mentiu para fazê-la segui-lo até aqui e, ainda assim, ela lhe oferece simpatia. Grace é a melhor pessoa que já conheci e eu a traí.

— Não há necessidade disso — Liam fala. — Não é como se a culpa fosse sua.

A raiva explode dentro de mim quando ele estende a mão para dar um tapinha na dela. Não quero que ele toque nem um fio de cabelo de sua cabeça dourada.

— É meu pai quem deveria se desculpar — ele diz, virando-se

para mim. — Foi ele quem a estuprou.

Grace respira fundo com dificuldade. Esfrego a mão no rosto enquanto as ondas de culpa que estou sentindo se aproximam da minha cabeça.

— Não é verdade — ela diz a Liam. — Você está tentando me enganar de novo.

Meu filho se recosta na cadeira, zombando.

— Diga a ela que não é verdade, pai.

Seu olhar implora ao meu por misericórdia. Não quero fazer isso na frente de Liam, mas não posso deixar Grace sair daqui sem saber a verdade. É o mínimo que devo a ela pelo que meu silêncio a fez passar. Rezo para que, depois que me ouvir, ela me deixe passar o resto da minha vida compensando-a por isso.

— É verdade — digo a ela. — Mas há muito mais nesta história do que isso. Carolyn era minha ex-parceira de cena. Ela não era minha submissa. Eu a conheci pouco tempo antes de me confessar que havia sido estuprada por seu parceiro anterior. Ela me pediu para interpretar uma cena consensual de não consentimento. Algo que eu nunca tinha feito antes, mas concordei em fazer.

— Bem, isso foi estúpido — Liam murmura.

Ajoelho-me ao lado da cadeira de Grace, desviando sua atenção de Liam. Isso é entre nós. Ela não diz nada, mas posso dizer que está ouvindo com atenção.

— Eu tinha dezenove anos — continuo —, tolo e arrogante. Eu não queria que ela soubesse que eu não tinha experiência. Nós conversamos sobre isso antes. Ela escolheu uma palavra de segurança. Eu interpretei o papel de seu ex e a surpreendi em seu quarto.

As lembranças daquela noite voltam como bile subindo pela minha garganta. Eu poderia perder meu café da manhã lembrando das coisas que fiz com Carolyn, coisas que ela pediu explicitamente e que a levaram a ficar traumatizada novamente.

— Tentei abraçá-la depois — digo. — Ela me empurrou e gritou comigo para dar o fora do apartamento dela. Eu nunca tive ninguém reagindo daquela maneira depois de uma cena. Eu estava com medo de deixá-la, então fiquei na sala do apartamento dela a noite toda e, na manhã seguinte, ela saiu para me dizer que ficou tão paralisada de medo e ansiedade que não conseguiu falar, muito menos dizer sua palavra de segurança.

Lágrimas silenciosas escorrem pelos lados do rosto de Grace. Parece que ela passou pelo Inferno. Eu faria qualquer coisa para recuperar tudo. Moveria o Céu e a Terra para colocar um sorriso de volta em seu lindo rosto. A pena em seu olhar é quase pior que a traição. Eu gostaria que ela gritasse comigo, me chamasse de monstro, qualquer coisa.

É preciso tudo o que tenho em mim para não puxá-la para os meus braços, mas quero dar-lhe espaço para processar o que acabou de ouvir.

— Você deveria ter me contado — ela diz.

Descanso minha mão sobre a dela em sua perna.

— Eu não sabia como.

— Porque você não confia em mim. Você espera que eu confie em você para tudo, mas não poderia me contar sobre esse evento horrível e traumático do seu passado.

— Eu tentei.

Ela desliza a mão debaixo da minha.

— Não o suficiente. — Grace se levanta da cadeira.

Meu coração galopa atrás dela enquanto ela sai do meu escritório. Não posso deixá-la ir embora assim, sem saber o quanto estou arrependido e o quanto estou determinado a compensá-la.

Eu a sigo para fora do escritório, passando pela mesa de Jen, alcançando-a antes que ela entre no elevador.

— Grace, espere. — Estendo a mão para ela, mas ela se afasta. — Pequenina, eu...

— Não me chame assim — ela diz entre dentes. A devastação em seu olhar é como uma bala no peito. Meus próprios olhos ardem de angústia por saber que fiz isso com ela.

Ela entra no elevador vazio e eu me junto a ela, apertando o botão do andar térreo, e começamos a descer.

— Grace, sinto muito que você tenha descoberto assim. Eu deveria ter te contado antes. Eu não queria que Liam soubesse sobre você porque ele tem prazer em ferrar com as pessoas, conduzindo-as através de seus jogos mentais.

— Eu não me importo com Liam — ela diz, se abraçando. — Você deveria ter confiado em mim. Se você tivesse me contado sobre ele e o que aconteceu com a mãe dele no início, eu teria entendido.

— Eu sei. — Seguro o lado do rosto dela. — Eu confio em você. É em mim mesmo em quem não confio. Eu estava com medo de cometer o mesmo erro com você.

Eu a puxo com força contra mim, entrelaçando meus dedos em seu cabelo.

— Me desculpe por ter mentido sobre meu filho e escondido a verdade sobre a mãe dele, mas eu quis dizer cada palavra que disse sobre amar você. Você é o meu sol. Eu murcharia e morreria sem você. Sou seu dominador, mas também sirvo a você e prometo que farei o que for preciso para reconquistar sua confiança.

As portas do elevador abrem para o lobby principal. Ela respira fundo, estremecendo.

— Me solte, Aidan — ela diz com a voz rouca de tanto chorar.

— Eu preciso voltar para o campus. Jasmine provavelmente está pirando, imaginando aonde eu fui.

Não quero deixá-la ir, mas ela está certa. Grace tem coisas em sua vida que precisa fazer e merece um momento para respirar depois de tudo o que passou.

Relutantemente, eu a solto e a sigo até o saguão.

— Benjamin está esperando por você lá na frente — eu digo.

— Eu vou te acompanhar.

— Eu posso andar-

— Não brigue comigo sobre isso, pequenina.

Ela franze os lábios, mas não recusa e nem me lembra de não usar seu apelido. Mesmo que ela fizesse isso, eu continuaria a usá-lo. Ela é minha enquanto estiver usando minha coleira, embora eu tema que decida que não a quer mais.

Coloco-a no banco de trás do Porsche e digo a Benjamin para levá-la ao campus. Quando volto ao meu escritório, Liam ainda está lá, reclinado na minha cadeira de couro com os sapatos imundos sobra a mesa.

— Acho que ela aceitou bem, considerando todas as coisas — ele comenta.

Em um instante, o controle que tenho lutado para manter todo esse tempo escapa do meu alcance e bato as mãos na mesa.

— Me escute bem, seu merdinha. Você e eu, terminamos. Chega de esmolas, chega de sentimento de culpa. Já chega. Quero você fora daquele apartamento até o final da semana.

— Isso não deveria ser um problema. Estou trabalhando para conseguir um lugar melhor — ele zomba.

— Eu não poderia me importar menos onde você se meteu, contanto que você nunca mais chegue perto da minha casa, do meu escritório ou da minha Grace

— Mas ela é? — Liam apoia os cotovelos na mesa. — *Sua* Grace?

Minha fúria sacode as barras de sua jaula.

— Saia do meu escritório, Liam. E enquanto você está fazendo isso, dê o fora da minha vida.

CAPÍTULO 20



Grace

Jasmine raspa a última gota de sorvete de pistache de sua tigela.

— Tem certeza de que está bem, Grace?

Concordo com a cabeça, colocando um bocado de sorvete de brownie na boca para não ter que falar.

Ela me olha em dúvida. Quando nos reencontramos após a revelação devastadora no escritório de Aidan, ela já havia me mandado seis mensagens perguntando onde eu estava e se estava bem. Pedi desculpas por ter saído do campus e disse a ela que tinha ido visitar uma cafeteria com um cara que conheci e que se revelou um canalha.

“Você confia demais nas pessoas, Grace” ela me disse, e não pela primeira vez. *“Eu sei que você provavelmente estava tentando ser educada, mas precisa ter mais cuidado em quem você confia.”*

Ela não tem ideia, e honestamente estou bem em manter as coisas assim por enquanto. Não acho que conseguiria expor todos os detalhes dolorosos.

Nosso primeiro dia de orientação está oficialmente encerrado. Amanhã de manhã teremos uma sessão com o corpo docente do programa de dança e depois uma apresentação de um grupo de alunos do último ano.

O evento social do sorvete desta noite é realizado em um dos maiores refeitórios do campus. Sempre extrovertida, Jasmine já atraiu um pequeno grupo de potenciais amigos e admiradores. Eles parecem legais, o tipo de pessoas com quem eu ficaria feliz em conviver em circunstâncias diferentes.

Eu deveria estar me misturando e conhecendo meus colegas, mas realmente não quero estar perto de pessoas agora. O problema é que sei que se eu voltar para o dormitório, mandarei uma mensagem para Aidan.

Quase implorei para ele me levar para casa esta tarde.

A tentação de deixá-lo me buscar e me levar de volta para o abrigo de sua casa, onde tudo o que tenho a fazer é seguir suas ordens e ser sua pequenina, foi tão forte que precisei sair fisicamente do prédio para não cair em tentação.

Ir para casa com ele seria como colocar um curativo em uma ferida aberta.

Aidan mentiu para mim. Ele escondeu segredos de mim — segredos perturbadores. Coisas que ele não queria que eu soubesse.

Quando Liam disse que Aidan havia estuprado sua mãe, meu corpo se revoltou instantaneamente. Imediatamente pensei em meu pai. Não tenho certeza se ele alguma vez estuprou minha mãe, embora tenha havido momentos em que ela voltou depois de uma surra com hematomas nos pulsos.

Enfio a colher na tigela de sorvete pela metade, enjoada demais para dar outra colherada. Ainda não consigo imaginar Aidan fazendo algo tão monstruoso, mesmo que por engano.

Mas quando ele finalmente expôs toda a história, todo o resto se encaixou. Por que ele se recusava a fazer sexo com suas submissas e por que ele só fazia sexo baunilha com suas parceiras românticas. Ele instituiu essas regras para si mesmo para garantir que nunca mais cometesse o mesmo erro.

Sei que é tolice confiar em um homem que mentiu para mim, mas acredito em Aidan quando ele diz que não teve a intenção de machucar a mãe de Liam. Houve momentos em que a raiva do meu pai me abalou tanto que eu não conseguia me mover e nem falar. Eu sei o que é ficar paralisada de medo, sentir as paredes se fechando e minha garganta fechando junto com elas.

Tento imaginar como seria ficar sem palavras no meio de uma cena intensa de BDSM que eu queria desesperadamente encerrar. Mesmo quando Matthew e Dante estavam me tocando, eu sabia que poderia usar minha palavra de segurança para acabar com tudo.

A experiência deve ter sido horrível para a mãe de Liam — e para Aidan, quando ele percebeu o dano que causou. Liam não via dessa forma. Ele responsabiliza seu pai pelo suicídio de sua mãe, embora, pelo que parece, ela já tivesse passado por muita coisa antes de conhecer Aidan.

Meu coração dói por todos os três.

O grupo ao redor da nossa mesa explode em risadas e gargalhadas. Alguém deve ter dito algo engraçado que eu estava distraída demais para entender. Esboço um sorriso, mas isso não convence minha melhor amiga.

Jasmine aperta meu ombro e sussurra:

— Você não está bem.

Quero ignorar a preocupação dela, mas não consigo fazer isso.

Fingir que está tudo bem não funciona mais. Quero estar enrolada na cama, onde posso pensar, chorar e ouvir mensagens de voz antigas só para ouvir a voz reconfortante de Aidan.

Se eu acabar ligando para ele, que assim seja. Não é como se não tivéssemos mil coisas para conversar.

— Na verdade, não estou me sentindo muito bem — digo a ela.

— Vou voltar para o dormitório.

— Quer que eu vá com você?

Eu balanço minha cabeça.

— Não, fique e se divirta.

— Tudo bem. Me mande uma mensagem quando chegar. — Ela examina a mesa e depois afasta a cadeira para olhar o chão. — Merda, acho que deixei minha bolsa no banheiro.

Nós duas nos levantamos da mesa. Ela me abraça, fala que vai me avisar se chegar depois das onze, e depois vai procurar a bolsa no banheiro. Vou até a lixeira para jogar fora minha tigela e colher. Enquanto me dirijo para a saída, meu olhar se depara com um familiar par de olhos fundos.

Meus sapatos escorregam no piso quando paro. Por que Liam voltaria aqui?

Um grupo de pessoas passa, bloqueando minha visão de seu sorriso. Ele se foi num instante, como se nunca tivesse estado ali.

Talvez ele nem estivesse. Já nem sei mais o que pensar.

Respirando fundo para desacelerar meu pulso, atravesso a porta giratória para a noite quente. O ar gruda na minha pele enquanto atravesso a pequena ponte que atravessa a rua até a entrada do conjunto residencial. Uso minha carteira de estudante novinha em folha para entrar no prédio e, em seguida, pressiono o botão para chamar o elevador. Uma vez lá dentro, tudo em que consigo pensar é na conversa com Aidan no elevador esta tarde.

A suíte onde Jasmine e eu ficaremos esta noite não é aquela em que moraremos no outono, mas são todas muito parecidas. Estou prestes a colocar meu pijama quando meu telefone toca com uma mensagem recebida.

Jasmine: Encontrei minha bolsa e meu telefone, mas minha identidade sumiu. Eu deixei aí em cima?

Faço uma busca rápida no lado de Jasmine no quarto, verificando embaixo dos travesseiros e cobertores e nos bolsos de sua bolsa carteiro.

Eu: não encontrei em lugar nenhum.

Ela responde alguns segundos depois:

Jasmine: Você pode descer e me deixar entrar?

Visto uma camiseta, calço os chinelos e desço até a entrada. Um monte de gente já está entrando pela porta quando chego lá. Não vejo Jasmine entre eles. Talvez ela tenha entrado quando eu estava descendo o elevador?

Eu: Onde você está? Estou na porta de entrada.

Jasmine: No térreo. Entrada da garagem.

Eu: O que você está fazendo aí?

Acho que é possível que Jasmine tenha saído do campus, mas se for esse o caso, eu esperava que ela demorasse um pouco para voltar.

Jasmine: Não sei... Sendo burra? Eu vou te contar sobre isso quando você chegar aqui.

Eu: Espere, estou indo.

Volto para o elevador e vou até o térreo. Há um estacionamento público aqui, além de estacionamento para funcionários da faculdade e do centro de artes cênicas. Me aproximo da porta de vidro que dá para o estacionamento mal iluminado. Há alguém parado à direita, digitando no telefone.

À medida que me aproximo, a pessoa desaparece de vista.

Os pelos dos meus braços se arrepiam. Eu não gosto daqui. É grande, mas está escuro, e embora eu saiba que há duas saídas para a rua em cada extremidade, é difícil lembrar disso quando você está cercada de concreto.

Abro a porta com cautela.

— Jas?

Nenhuma resposta. Grito seu nome, mas ela não responde. Ninguém responde. Não há ninguém aqui.

Mantendo a porta aberta com o pé, puxo seu contato e ligo para ela. O som distinto do toque do seu telefone soa em algum lugar à direita da porta. Entro na garagem e a porta se fecha atrás de mim com um clique metálico.

É quando vejo o telefone dela, piscando com a chamada recebida, vibrando pelo chão.

— Jasmine?

Minha garganta se fecha enquanto o erro da situação percorre meu corpo. Me viro para voltar, esbarrando em um corpo. Ele me gira e passa um braço em volta do meu pescoço.

— Oi, prima — Liam sussurra em meu ouvido.

Agarro seu braço e chuto atrás de mim, acertando um golpe em sua canela que o faz grunhir. Seu braço aperta meu pescoço, comprimindo minha garganta.

— Shh — ele murmura. — Hora de dormir, Grace.

Meu pulso diminui. Dou um tapa no braço dele, mas não adianta. Não sou rápida o suficiente.

CAPÍTULO 21



Grace

Um som baixo e repetitivo enche minha cabeça latejante, junto com o fedor de cigarro e gasolina. Está tão quente que posso sentir o suor na minha pele e minha camiseta molhada grudada no peito e nas costas. Tento esfregar minha testa dolorida e descubro que meus pulsos foram algemados atrás de mim. Sugo o ar pelo nariz porque ofegar pela boca é impossível. Há fita adesiva nos meus lábios.

Minha cabeça gira quando começo a entrar em pânico. Está escuro como breu aqui, onde quer que eu esteja, encolhida de lado em posição fetal.

Em algum lugar pequeno e escuro e... em movimento?

Não, por favor, não... eu choramingo enquanto o medo se insinua em meus músculos. Isso não pode estar acontecendo. É apenas um pesadelo. Uma metáfora subconsciente vívida. Então me lembro do estacionamento e do telefone de Jasmine.

Um braço apertando meu pescoço. A voz de Liam me dizendo para dormir. Meu peito aperta quando percebo que devo estar trancada no porta-malas do carro dele.

Para onde diabos ele está me levando? E, mais importante, quais são os planos dele para mim quando chegarmos lá?

Meus pensamentos disparam e correm. Preciso ficar calma. Se eu entrar em pânico, tudo acaba; nunca escaparei.

Começo uma contagem regressiva a partir de cem. Prendendo a respiração contando até dois e depois expirando por quatro tempos.

Oitenta e seis, oitenta e cinco, oitenta e quatro, oitenta e três. Pausa... Expire. Oitenta...

Lentamente, meu peito relaxa o suficiente para que eu possa respirar mais fundo. Meus pensamentos param de perseguir o próprio rabo.

Examino o porta-malas, apertado e com cheiro de mofo.

Lembro de um dos meus professores de educação física do internato nos dizer que deveríamos tentar apagar as luzes traseiras se

ficarmos presos no porta-malas de um carro. Não tenho ideia de onde estão as luzes traseiras em relação aos meus pés e não há espaço suficiente para colocar força real nos meus golpes. Está tão quente e abafado que fico exausta rapidamente. Tenho que reiniciar minha contagem decrescente para tranquilizar meus pulmões frenéticos de que não estou realmente sufocando.

Liam faz uma curva fechada. Esta nova estrada em que estamos é acidentada. Não conheço nenhuma estrada não pavimentada na cidade e não sei há quanto tempo estou inconsciente. Poderíamos estar a quilômetros de distância de Jost agora. Tento relembrar detalhes do início do dia. Coisas que Aidan disse sobre Liam, coisas que Liam disse sobre si mesmo.

Ele queria nos separar. Ele gosta de fazer jogos mentais. Minha linha de pensamento é interrompida quando paramos. O motor desliga.

Um coro de insetos e sapos cantando substitui o zumbido baixo do motor. Uma porta se abre e se fecha, então outra porta se abre e se fecha, desta vez mais perto. Meu coração bate contra minhas costelas quando reconheço o próximo som. Líquido balançando em torno de um recipiente.

O porta-malas se abre e meu corpo fica tenso.

— Que bom, você está acordada — Liam diz. — Eu realmente não queria ter que carregar você.

As luzes traseiras vermelhas lançavam sombras aterrorizantes em seu rosto sorridente no escuro. Gemo quando ele me empurra para fora do porta-malas, minhas pernas latejando por terem ficado dobradas por sabe-se lá quanto tempo. Desabo sob meu peso quando ele me coloca de pé.

— Caramba, eu pensei que bailarinas deveriam ser graciosas — ele diz, me puxando para cima. Estamos na floresta. Galhos e arbustos secos estalam sob meus chinelos.

A náusea sobe pela minha garganta, biliosa e ácida. Ele me trouxe para a floresta onde ninguém pode ver ou ouvir o que vai fazer. Quando Liam se abaixa para pegar o que agora confirmo ser uma lata de gasolina, aproveito a oportunidade para fugir.

Corro em direção a uma abertura nas árvores.

Meus chinelos ficam presos na vegetação rasteira. Eu tropeço. Galhos arranham meu rosto. Perco meu chinelo direito e imediatamente piso em algo pontiagudo.

Uma luz brilha atrás de mim. Passos estalam no mato. Forço minhas pernas doloridas a correrem mais rápido, apertando os olhos na escuridão para evitar bater nas árvores. Meu pé prende em um arbusto e caio, batendo com força no chão com o ombro.

— Isso foi estúpido pra caralho — Liam fala, apontando uma

luz brilhante para meu rosto.

Eu chuto com toda a minha força enquanto ele me derruba de braços. Ele agarra um punhado do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, pressionando algo frio e duro na minha bochecha.

Meus pensamentos param ao ecoar o tilintar de uma pistola sendo engatilhada.

— Você realmente acha que pode fugir de uma bala?

Meu pulso lateja em minhas têmporas. Ele me levanta e enfia o que percebo ser meu celular no bolso da camisa com a lanterna ainda acesa. Ele pega a lata de gasolina e aponta a arma para mim.

— Comece a andar — exige.

Eu não me mexo. Não sei o que ele está planejando, mas se quisesse me matar, já teria feito isso.

— Eu disse para andar! — ele sibila, pressionando a arma nas minhas costas.

Eu tropeço para frente. Se Liam não vai atirar em mim, provavelmente vale a pena arriscar para prolongar isso. Talvez eu encontre uma oportunidade de fugir em algum lugar entre aqui e onde quer que estejamos indo. Ou talvez não.

Por mais difícil que seja, forço meus pés a se moverem.

Ando por entre as árvores à luz do meu celular. Consigo evitar os arbustos altos e os troncos das árvores, mas perco meu outro chinelo na vegetação rasteira. Depois de caminhar pelo que pareceram uns vinte minutos, chegamos a uma clareira. Gemo de alívio quando minhas solas macias tocam a grama macia.

Uma casa enorme e ampla, brilha como um farol à distância. Eu conheço aquela casa...

— Bem-vinda ao lar, prima.

Olho para Liam, confusa. Ele desativa o aplicativo de lanterna do meu telefone e me empurra para frente.

— Você acredita que meu pai nunca me convidou para vir aqui nenhuma vez? — Liam diz, me perseguindo como uma sombra. — Ele só me encontrou naquela cafeteriazinha de merda.

Não tenho ideia sobre a que cafeteria ele está se referindo.

— Para ser sincero, eu realmente não dei a mínima. Eu sabia que tudo o que ele tinha seria meu algum dia. Contanto que ele não tivesse esposa e filhos, eu ficaria com tudo. Aí você apareceu. Sua sobrinha. Sua pupila. Seu novo e brilhante brinquedinho de foda. Eu vi o que ele deixou aqueles caras fazerem com você.

Meu estômago embrulha. A ideia de Liam se escondendo do lado de fora da casa de Aidan, nos espionando, me faz arrepiar.

— Observei pela janela enquanto eles te despiam e te dobravam sobre a poltrona — ele continua. — Então eu vi meu pai foder você.

Eu estremeço, enojada e furiosa com ele por manchar uma das minhas memórias mais preciosas.

— Não se preocupe — ele diz. — Eu não me masturbei nem nada. Não sou um perverso, como algumas pessoas. Eu estava apenas fazendo pesquisas, vendo o quanto você representava uma ameaça. Veja, não posso arriscar que Aidan te engravide e deixe todos os seus bens para você e seu pirralho. Você é uma complicação, Grace Whittaker. Um problema que pretendo resolver esta noite.

Liam agarra meu ombro, me parando quando chegamos a poucos passos da casa. Um arrepio gelado desliza pelas minhas costas. Examino as janelas em busca de qualquer sinal de movimento e vejo Aidan passando pela sala de estar.

Eu saio em direção a casa. Se eu conseguir chegar até a janela da sala, posso me atirar contra o vidro com força suficiente para fazer um som que Aidan ouvirá.

— Não tão rápido. — Liam pega minha camisa e me joga no chão.

Ele me dá um soco forte no estômago. A dor explode abaixo do meu diafragma. Eu gemo.

— Jesus, você é tão malcomportada assim com meu pai? — Ele monta em minha cintura, empilhando seu peso e o meu em cima dos meus braços.

As algemas apertam ainda mais meus pulsos. Tento afastá-lo, mas congelo quando ele aponta a arma diretamente para meu rosto. Ele pega meu telefone e bate nele com uma mão.

— Isso deve tirá-lo de casa — ele diz.

Um momento depois, meu telefone acende na mão de Liam.

— Lá vamos nós. — Ele sai de cima de mim. — Levante. Temos que nos mover.

Deito no chão como um peixe morto. Liam suspira, depois agarra um punhado do meu cabelo e puxa com força suficiente para me fazer ver estrelas.

— Levante-se, Grace — ele sibila. — Não pense que não vou te arrastar pelos cabelos até o outro lado da casa.

Eu me esforço para ficar de pé. Liam segura a arma no meu ombro enquanto contornamos o perímetro da casa. Ele me empurra para trás de um arbusto alto enquanto a porta da garagem se abre. Aidan acelera pela entrada em sua Mercedes, levando consigo toda a minha esperança de ser resgatada.

Liam me força a entrar na garagem no momento em que a porta automática começa a fechar.

— Tudo bem, prima — Liam diz. — Hora de fazer o grande tour.

CAPÍTULO 22



Aidan

Grace quer voltar para casa. Sua mensagem não especificava por que ela queria deixar o campus, apenas que queria que eu fosse buscá-la.

Estou desesperado para tê-la ao meu alcance. Talvez ela esteja pronta para falar sobre o que aconteceu hoje. Ou talvez só queira dormir em sua própria cama. É possível que ela esteja prestes a me pedir para tirar a coleira e libertá-la do meu controle.

É o resultado mais provável e que pode realmente me matar.

Minhas mãos apertam o volante. Estou repassando tudo isso na minha cabeça desde que a coloquei no carro esta tarde. Coisas que eu deveria ter dito ou feito de forma diferente. Como posso começar a tentar compensá-la, presumindo que ela ainda me queira.

Dirijo à toda pelas sinuosas estradas rurais. Se um policial tentar me parar, é melhor que ele esteja pronto para uma perseguição, porque não pretendo parar por ninguém além de Grace. Estou prestes a pular na rodovia quando meu telefone vibra com outra mensagem do meu filho. Verificando se não há ninguém atrás de mim, desacelero o carro e abro a mensagem.

Aparece uma foto de Grace, algemada e pendurada no que parece ser a cabeceira da minha cama, com fita adesiva cobrindo a boca e lágrimas nos olhos.

Piso no freio, meu olhar se concentra no que parece ser uma lata de gasolina e um isqueiro na cama atrás dela.

O pânico queima através de mim como um incêndio. Toco na tela para ligar para o telefone de Grace enquanto piso no acelerador e corro de volta para casa.

Um. Dois. Três...

— Oi, pai — Liam diz, seu tom é leve. — *Não é do seu feitio ligar tão tarde.*

— Onde está Grace? — eu lato. — E quando diabos você tirou essa foto?

— *Não faz muito tempo* — ele diz casualmente, como se estivéssemos apenas de conversa fiada. — *Mostrei para Grace antes de enviar. Acho que ela não gostou. Não é o seu melhor ângulo.*

— Coloque-a na porra do telefone.

— *Uhhh...* — ele suspira. — *Ela realmente não pode falar agora. Acho que posso colocar no viva-voz.*

— Faça isso.

Há uma breve pausa antes de Liam dizer:

— *Ok, vá em frente.*

— Grace, você está aí? — Escuto um gemido suave e abafado, que mal consigo ouvir. — Espere, pequenina. Estou a caminho.

— *Ah, você a chama de pequenina?* — Liam ri. — *Que fofo.*

A raiva ferve em meu estômago. Eu não dou a mínima se ele é meu filho. Se Liam pulasse na minha frente agora, eu passaria com o carro por cima dele sem nem pensar duas vezes.

— Juro por Deus, Liam, se você tocar nela...

— *Você está com medo de que eu a estupre?*

O pavor aperta seus dedos irregulares em volta da minha traqueia. Não tenho ideia se Liam é capaz de algo tão monstruoso. Ele nunca sequestrou ninguém antes, até onde eu saiba. Quem sabe até onde ele está disposto a ir para defender seu ponto de vista?

— Mantenha suas malditas mãos longe dela — eu rosno.

— *Você machucou minha mãe, Aidan. Parece justo que eu faça o mesmo com a sua pupila.*

Meu coração bate forte como se estivesse tentando sair do meu peito. Dou uma volta em noventa graus e sinto a lateral do carro levantar do chão.

— Eu não queria machucar sua mãe. Foi um acidente. Não puna Grace pelos meus erros.

Liam não responde. Um segundo depois, sou recebido por um coro de gritos agudos e angustiantes. Cada músculo do meu corpo fica tenso com a necessidade de agir. Aperto o volante com força, mantendo o olhar na estrada. Preciso ficar alerta se quiser ajudar Grace.

Prendo a respiração durante um período de silêncio.

— *Honestamente, estupro não é meu estilo* — Liam fala. — *Ainda bem que não faltam outras maneiras mais criativas de quebrar alguém. Você sabe disso melhor do que a maioria.*

Ele encerra a ligação.

— Que merda! — Ligo para o serviço de emergência e digo para irem até minha casa, depois jogo meu telefone no chão do banco do passageiro. Graças a Deus não há quase mais ninguém na estrada esta noite porque estou dirigindo como um maníaco.

Não me preocupo em esperar que a porta da garagem se abra

totalmente quando chego lá. Salto do carro, passo por baixo da porta e corro para dentro de casa.

Meus sapatos batem na madeira. Subo as escadas de dois em dois degraus e corro pelo corredor até meu quarto.

O cheiro forte de gasolina atinge como uma onda quando entro correndo no quarto.

— Calma — Liam fala. — Nenhum movimento brusco, ou ela leva um tiro.

Verifico Grace antes de me preocupar com a arma na mão de Liam. Ela está parada ao pé da minha cama, os pulsos ainda algemados a um dos ganchos da estrutura, vestida com shorts de pijama minúsculos, uma camiseta azul e pés descalços e sujos. Suas roupas e cabelo estão molhados com o que peço a Deus que seja suor e não gasolina.

— Você está bem? — pergunto e ela assente

— Grace é fantástica — Liam diz, brandindo uma arma em uma mão e um isqueiro na outra. — Estamos nos divertindo muito, contando histórias, colocando o papo em dia. Contei a ela tudo sobre como estragou meus planos de herdar todas as suas merdas.

— Grace é minha pupila, não minha filha — digo a ele calmamente, dando um passo mais perto. Não sei se ele já passou da razão, mas quanto mais tempo ele conversa comigo, mais tempo a polícia terá para chegar até aqui. — Ela não herdaria nada a menos que eu deixasse para ela, o que não fiz.

— Não como sua pupila, não... mas como sua esposa? A mãe dos seus filhos? Quero dizer, do jeito que vocês dois estão indo, é apenas uma questão de tempo até formarem uma família novinha em folha.

— Você pode fazer parte dessa família — as palavras têm um gosto tão ruim quanto parecem. Olho nos olhos de Grace, esperando que ela perceba que estou apenas tentando ganhar tempo para nós. Ela olha para a arma na mão de Liam e depois para mim.

O que você está tentando me dizer, pequenina?

— Largue a arma e o isqueiro — digo. — Podemos acabar com isso agora, antes que alguém se machuque.

— Você acha que sou idiota? Depois de tudo que fiz com o seu brinquedinho, você não vai me deixar sair daqui de jeito nenhum.

Ele tem razão. Se eu colocar minhas mãos em Liam antes que a polícia apareça, ele não será capaz de andar nunca mais.

— Você é meu filho, Liam — digo. — Eu quero ajudar você.

— É mesmo? — Ele inclina a cabeça. — Porque não me lembro de você ter tentado me ajudar enquanto eu era criança. Você poderia ter me acolhido como fez com Grace. Me trazer aqui para morar em sua grande e chique mansão.

— Carolyn me disse para ficar longe.

— Ah, sim? Quer saber o que ela me contou na manhã antes de se matar? Ela me disse que você não é meu pai verdadeiro.

Eu olho para ele.

— O quê?

— O homem que minha mãe estava namorando antes de conhecer você. Ele é meu verdadeiro pai. Mas ela também sabia que você se sentia mal pelo que aconteceu. Foi tão ruim que você provavelmente nem exigiria um teste de paternidade.

Carolyn presumiu que estava certa. Eu não queria acrescentar insulto à injúria, forçando-a a provar que o bebê era meu.

— Não importa — digo, dando um passo em direção a ele. — Você ainda é meu filho.

Ele aponta a arma para meu peito. Grace sacode as algemas contra a estrutura de metal da cama, chamando minha atenção. Ela olha atentamente para a arma, depois para mim, e percebo o que ela quer que eu faça.

Em vez de caminhar em direção a Liam, dou um passo para o lado. Ele me segue com sua mira.

— Sinto muito — digo a ele. — Eu não sabia que sua mãe estava passando por dificuldades ou que ela estava descontando em você. — Eu esperava que Carolyn usasse parte do dinheiro que enviei para ela consultar um terapeuta.

— Claro que você não sabia. Você não estava lá. Ela me contou tudo. O que você e meu pai fizeram com ela. De novo e de novo. Ela começou a colocar essa merda na minha cabeça quando eu tinha seis anos. E vou me livrar disso agora.

Ele levanta o isqueiro, o polegar no botão. O quarto está abafado e carregado de gasolina, uma faísca e todos explodiremos.

Eu me movo para o lado e ele gira, trazendo a arma para mais perto de Grace. Em um movimento rápido e fluido, ela pula, chutando a arma da mão de Liam e fazendo-a voar. Ela cai no chão a alguns metros de distância com um baque pesado.

— Sua putinha — ele grita.

Eu avanço, derrubando-o no chão. O isqueiro escorrega de sua mão quando ele a estende para agarrar meu colarinho.

— Vai se foder, seu desgraçado! — Ele dá um soco na lateral da minha cabeça. A dor explode na minha visão como fogos de artifício, e então a raiva a torna vermelha.

Meu punho atinge sua bochecha e depois sua mandíbula. Um golpe final em seu nariz faz com que o sangue jorre sobre nós dois, desorientando-o o suficiente para que eu possa derrubá-lo de bruços.

— Pare — rosno em seu ouvido. — Acabou. Já chega.

Ele geme. Puxo seu braço esquerdo para trás das costas.

Quando estendo a mão para a direita dele, meu aperto escorrega e ele me dá uma cotovelada nas costelas. A dor sobe pelas minhas costas e ricocheteia no peito. Eu perco o controle sobre Liam enquanto ele sai de debaixo de mim.

Vejo a arma na minha visão periférica e a pego, no momento em que Liam agarra o isqueiro. Um sorriso maníaco consome seu rosto enquanto ele aperta o botão.

CAPÍTULO 23



Aidan

Todo o tapete e o ar acima dele explodem em chamas.

Liam deve ter derramado gasolina nele antes de eu aparecer. Recuo diante do inferno e Liam faz o mesmo, mas na direção oposta, em direção à porta. Ele desaparece no corredor. Não há tempo para persegui-lo com o fogo queimando, comendo no tapete cada vez mais perto de Grace.

A fumaça engrossa o ar. Levanto, superando a dor nas costelas, e vou até Grace. Ela pulou na cama, mas isso é o máximo que consegue ir enquanto está presa nas algemas. Enfio a arma na cintura e solto o gancho de metal.

— Vai ficar tudo bem. — Eu a guio para fora da cama e até a janela.

Enquanto ela tira a fita da boca, abro a janela e chuto a tela. Estamos dois andares acima, mas espero poder deixá-la perto o suficiente do chão para que não se machuque gravemente.

— Vou abaixar você — digo a ela.

Grace tosse em seu braço.

— E você?

— Vou pular depois.

Ela olha para o chão, seu olhar incerto, mas assente. Eu gostaria de poder tirar as algemas dela primeiro, mas meu alicate está em uma gaveta de uma cômoda do outro lado do fogo. Eu a ajudo a subir no parapeito da janela.

— Estou com você, Grace.

Eu a beijo com força e rapidez e então agarro seus antebraços com força, fazendo-a descer pela lateral da casa. O fogo arde nas minhas costas. Ela olha para o chão, seus dedos lutando para segurar meus pulsos.

— Grace, olhe para mim — digo a ela. — Continue olhando para mim.

Minhas costelas doem quando me encosto no parapeito da

janela. Luto para manter os pés no chão enquanto estico os braços e a parte superior do corpo para fora da janela.

Os olhos de Grace se arregalam.

— Aidan, cuidado!

A dor explode na parte de trás da minha cabeça como uma bomba. Desorientado, sinto Grace escorregar dos meus dedos. Ela grita. Sua voz soa distante, como se estivesse no fim de um túnel. Eu tropeço para trás no quarto.

— Aonde você pensa que vai, pai? — Liam grita.

O ar está denso de fumaça, mas posso ver que ele está segurando um dos meus chicotes de bambu — assim como a arma que deve ter tirado da minha cintura.

Ele aponta para o meu peito. A raiva que eu estava segurando detona, me dando força. Agarro sua cintura, jogando-o na cama, assim que a arma dispara.

A dor explode na minha coxa. Aperto a mandíbula e me forço a lutar contra ela.

— Me dê a porra da arma — grito —, ou nenhum de nós conseguirá sair daqui.

As chamas lambem a borda inferior do colchão. Eu me esforço para tirar a arma da mão de Liam enquanto a mantenho apontada para longe de mim. Ele me dá uma joelhada no estômago, atingindo minhas costelas com força suficiente para me deixar enjoado. Deixei que ele nos levasse até a cabeceira da cama, longe das chamas, mantendo meu foco na arma.

Liam mostra seus dentes ensanguentados para mim, parecendo uma espécie de demônio.

— Não me importo se eu morrer queimado — ele diz —, contanto que você queime comigo.

O ódio puro e não diluído em seu olhar é afiado o suficiente para atravessar a fumaça cada vez mais densa. Ele pode ter vindo aqui com a impressão de que se tratava de sua herança, mas por trás da amargura mesquinha, há um impulso mais forte e mais sinistro que a ganância.

Liam está em busca de vingança. Um de nós tem que morrer esta noite se o outro quiser viver. E não estou disposto a morrer por ele. Não enquanto houver uma garota por aí que precise de mim.

Enquanto Liam estiver respirando, Grace estará sempre em perigo, porque ele não ficará satisfeito até que destrua tudo que eu amo. Ainda sou o guardião de Grace, seu protetor, seu amante e seu dominador. Preciso dela tanto quanto ela precisa de mim, e não estou disposto a sacrificar sua segurança ou sua felicidade para justificar o filho da puta maluco que pensei ser meu filho.

Reunindo todas as minhas forças restantes, eu levanto Liam

para fora da cama... A arma dispara.

Eu me levanto, pronto para enfrentá-lo em uma luta até a morte. Mas ele não se levanta.

— Liam! — eu grito. Me agachando, pego a arma caso ele esteja blefando e o viro de costas.

Sangue escorre do ferimento em sua testa. Seus olhos mortos olham para o nada. Pressiono minha mão no ferimento, sabendo que isso não vai ajudá-lo. Nada pode ajudá-lo agora.

Meu filho está morto. *Perdido para sempre.*

Se ao menos o mesmo pudesse ser dito sobre o incêndio que ele iniciou...

As chamas subiram pelas cortinas que cercam a janela por onde ajudei Grace a sair. Meus olhos ardem quando puxo a camisa para cobrir o nariz e a boca. Agarro os pulsos de Liam e arrasto seu corpo ao redor do fogo até o corredor. O ar aqui é mais limpo do que o do meu quarto, mas não posso apostar que permanecerá assim por muito tempo.

Minha perna lateja enquanto trabalho para puxar Liam escada abaixo. Logo, minhas costelas ardem e tenho que parar duas vezes para recuperar o fôlego. Assim que o coloco no térreo, arrastá-lo pela porta da frente é bastante fácil. Deixo-o no caminho de pedras e depois corro o mais rápido que minha perna ferida permite até a lateral da casa onde deixei Grace.

Ela não está na grama.

— Grace! — eu chamo. Minha mente dispara. *Para onde diabos ela foi?*

O som das sirenes ecoa ao longe. Examino o quintal em busca da minha pequenina, rezando para que ela não tenha voltado para dentro para tentar me ajudar.

Finalmente, eu a vejo, enrolada na grama ao lado de um arbusto de hortênsias. Corro até ela.

— Grace. — Caio de joelhos e a seguro em meus braços. Ela está tremendo como uma folha. — Você está machucada?

— Meu tornozelo — ela diz. Não parece quebrado para mim; espero que esteja apenas torcido. — Tentei tirar as algemas, mas só apertei mais.

Acaricio suavemente a pele inchada ao redor de seus pulsos.

— A polícia vai tirá-las. — Deito na grama, apertando-a contra mim.

— Onde está Liam? — ela pergunta.

Luzes azuis e vermelhas piscam enquanto veículos de emergência e viaturas policiais chegam à garagem.

— Ele se foi. — Meus pensamentos crescem enquanto observo as chamas saindo pela janela do meu quarto.

— Sinto muito — Grace sussurra. — Eu sei que você tentou ajudá-lo.

Eu tentei. Mas no final, não foi suficiente.

CAPÍTULO 24



Grace

Somos levados de ambulância ao pronto-socorro do hospital mais próximo. Aidan insiste para que nos coloquem um ao lado do outro, a ponto de ameaçar mandar um helicóptero nos levar para outro lugar caso tentem nos separar.

— Você tem muita sorte — o médico me diz. Ele é um homem mais velho, com olhos gentis e penugem cinza crescendo nas orelhas. — A queda poderia facilmente ter quebrado seu tornozelo, mas você saiu com uma torção. Bem, vai sair daqui mancando — ele ri e dá um tapinha no meu pé por cima do cobertor, tentando aliviar meu humor, mas uma sensação de vazio toma conta do meu estômago.

— Quando poderei dançar de novo?

— Eu esperaria alguns meses até que você esteja cem por cento — ele responde. — A fisioterapia irá agilizar o processo.

— Obrigada — digo a ele, um tanto tranquilizada. O médico pisca para mim e sai, fechando a cortina para que eu possa descansar um pouco.

Ouçoo o médico conversando com Aidan sobre o ferimento à bala do outro lado da cortina que compartilhamos. Só percebi que a perna dele estava sangrando quando já estávamos na ambulância e o paramédico estava cortando sua calça com uma tesoura.

Aidan apertou minha mão e me disse que era apenas um arranhão, nada com que se preocupar. Ainda assim, minha garganta apertou quando a realidade do que acabamos de passar tomou conta de mim.

Chorei lágrimas silenciosas durante todo o caminho até o hospital de Greenwich.

O médico me dá alta algumas horas depois com uma receita de analgésicos e instruções explícitas para marcar uma consulta com um cirurgião ortopédico o mais rápido possível. A situação de Aidan é um pouco mais complicada, com a inalação prolongada de fumaça, a costela quebrada e o ferimento a bala.

Jen está na sala de espera quando eles me levam para fora.

— Ah, graças a Deus — ela diz, pegando minhas duas mãos. — Eu estava tão preocupada com você, querida. Reservei uma suíte em um hotel próximo, onde você poderá descansar um pouco.

— Quão ruim está a casa? — pergunto.

Ela segura minha bochecha.

— Podemos conversar sobre tudo isso mais tarde. Agora você precisa dormir.

Eu desmaio assim que minha cabeça bate no travesseiro de penas. Quando abro os olhos novamente, já passa do meio-dia. Aidan chega à suíte em algum momento da noite, junto com a enfermeira particular que Jen contratou para cuidar de nós dois.

Estou descansando na cama quando ouço a porta do quarto do hotel se abrir, seguido por um suspiro e Jen dizendo:

— Meu Deus, você está horrível.

— Obrigado — Aidan ri. — Era exatamente isso que eu precisava ouvir. Onde está a Grace? Ela está bem?

— Ela está dormindo.

— Que bom — ele diz. — Deixe-a descansar.

Volto a dormir. Quando acordo mais tarde naquela noite, Aidan está dormindo ao meu lado com um tubo flexível fornecendo oxigênio debaixo do nariz. Observo seu peito subir e descer. As partes de seu corpo não cobertas pelo cobertor estão salpicadas de hematomas azuis e roxos.

Nós dois já passamos por tanta coisa. Não tenho ideia de como saímos vivos daquela noite terrível. Ver a casa pegar fogo com Aidan dentro era pior que um ataque de pânico. Eu queria desesperadamente voltar correndo e ajudá-lo a afastar Liam, mas toda vez que tentava me levantar, a dor no tornozelo me arrastava de volta ao chão.

Nossa enfermeira enfia a cabeça no quarto para nos ver e, vendo que estou acordada, entra silenciosamente para trocar minha água e me ajudar a ir ao banheiro. Como um pouco de queijo e biscoitos antes de tomar outra dose de analgésico que me deixa inconsciente pelo resto da noite e grande parte do dia seguinte.

Aidan e eu não falamos sobre o que aconteceu. Não até que estejamos vestidos à mesa de jantar, com a barriga cheia da comida do serviço de quarto.

— Como o Liam morreu? — pergunto a ele.

Aidan limpa a boca com um guardanapo e respira longa e profundamente antes de responder.

— Liam estava com a arma. Eu lutei com ele. O fogo estava subindo em direção à cama, e eu sabia que ele não me deixaria sair de lá a menos que eu o obrigasse. Eu o empurrei de cima de mim e o dedo dele devia estar no gatilho porque a arma disparou. Foi um

acidente.

Estendo a mão por cima da mesa para tocar a sua. Ele acaricia a lateral do meu polegar.

— Não me arrependo de como tudo terminou — ele fala, encontrando meu olhar. — Eu sabia que se ele vivesse, você nunca estaria segura. Ele queria vingança e estava pronto para destruir a todos, inclusive a si mesmo e a você, para consegui-la.

Ele leva minha mão ao lado de seu rosto e depois se vira para beijar minha palma.

— Foi preciso lutar pela minha vida para perceber que tenho me punido por coisas que não posso refazer e me responsabilizado por coisas que estão fora do meu controle. Passei vinte anos sentindo pena de algo pelo qual pedi desculpas, mais vezes do que consigo contar. Sou um homem melhor agora do que era antes e um dominador muito melhor. Eu não cometeria o mesmo erro novamente.

— Eu sei que você não faria isso.

Não preciso conhecê-lo naquela época para saber que ele é uma pessoa melhor agora. Não sou a mesma pessoa que era quando coloquei os pés na casa de Aidan seis meses atrás. Vi, ouvi e experimentei coisas que me mudaram para sempre.

O dia em que conheci Aidan; meu mundo preto e branco explodiu em cores.

— Você me apresentou ao homem que me tornei, pequenina — ele diz. — E esse novo homem quer te dar tudo que você merece.

Meu estômago revira.

— Isso significa que você está disposto a quebrar suas regras sobre não fazer sexo com perversão?

O olhar de Aidan arde com uma intensidade que faz meu peito corar.

— Não apenas quebrá-las — ele responde. — Pretendo me comprometer a compensar todos esses dolorosos meses de privação. — Aidan estende a mão para acariciar meu lábio, depois estremece. — Assim que conseguir levantar o braço sem sentir que fui pisoteado por um cavalo.

CAPÍTULO 25



Aidan

Desligo meu notebook e massagueio meus olhos cansados. Foi mais uma maratona de trabalho, com o lançamento do novo aplicativo e a insistência de Matthew para que a equipe de desenvolvimento testasse o software novamente em todas as plataformas antes do lançamento na próxima semana. Minhas costas doem por estar sentado em minha mesa desde o meio-dia. Uma bebida forte ou algo macio e rosa para bater me cairiam bem.

Jen bate na porta aberta do meu escritório.

— A menos que você tenha mais alguma coisa para mim, irei para casa. — Pouco depois do incêndio, finalmente sentamos com ela para uma discussão franca sobre a natureza do meu relacionamento com Grace.

Ela ficou surpresa e insistiu em falar em particular com Grace. O que quer que tenham discutido parece ter aliviado suas preocupações, porque ela não está mais me olhando feio.

— Nada mais, Jen. Vá para casa com Ethan. O resto pode esperar até amanhã.

Levantando da mesa, me preparo para a pontada no peito. Minha costela quebrada e o ferimento da bala em minha coxa pararam de doer meses atrás, mas os ecos daquela noite ainda podem ser sentidos em pontadas fantasmas, como memórias gravadas em meu sistema nervoso.

Mandeí enterrar Liam ao lado de sua mãe no terreno da família dela. Grace e eu éramos os únicos convidados do funeral. Eu disse a Grace que ela não precisava comparecer, mas ela disse que queria — por mim, senão por Liam — e fiquei grato por sua presença. Meu filho era muitas coisas. Egoísta, cruel, vingativo. Ele pode não ter sido meu filho biológico, mas pensei nele todos os dias durante vinte e dois anos.

Desde o funeral, fiz as pazes com o que aconteceu na noite do incêndio e com os acontecimentos anteriores.

Agora, olho para o futuro.

A primeira coisa que fiz foi comprar uma cobertura na cidade para que Grace pudesse morar perto do campus enquanto ainda se recuperava. Construí para ela um novo estúdio de dança na sala que tinha as janelas mais altas. Quando ambos nos recuperamos o suficiente, Grace já havia retornado aos estudos em tempo integral, mergulhando em Literatura Inglesa e História, mas ainda cumprindo tarefas limitadas nas aulas de dança. Conseguimos algumas noites roubadas de fim de semana aqui e ali, e quando seu tornozelo sarou, comecei a treiná-la para valer.

Ela estava certa, não há razão para mantermos nossa vida sexual e nosso jogo BDSM separados. Eles fazem parte de nós, individualmente e juntos.

Acompanho Jen até o elevador, onde Grace está se despedindo de Jasmine. Espero até que ambas tenham ido embora antes de puxá-la contra mim e inclinar minha boca sobre a dela, apreciando o quão prontamente ela se abre para aceitar minha língua.

Como a faculdade de Grace aproveita as férias de inverno para recitais, shows e eventos de arrecadação de fundos, eles permitem uma semana inteira de folga para o Dia de Ação de Graças. Tenho Grace à minha mercê desde que a peguei na primeira sexta-feira, testando e ampliando as tolerâncias que ela vem construindo, vendo-a mergulhar totalmente nas cenas como a campeã que é. Sei que ela está ansiosa para encenar esta noite e prometi a ela que tentaríamos algo mais intenso.

— Você está pronta, pequenina?

Ela abre aquele sorriso maravilhoso do qual não me canso.

— Sim, por favor — ela diz.

Agarro sua cintura com as duas mãos e beijo sua testa.

— Vá para o quarto e tire a roupa. Estarei lá em alguns minutos.

Enquanto ela se despe, vou até o escritório para me servir de um pouco de uísque. Saber que Grace está esperando por mim envia uma onda de calor direto para o meu pau. Aguardo minha hora, bebendo tranquilamente a bebida.

Quanto mais eu a fizer esperar, mais sensível ela ficará ao meu toque.

Grace já está ajoelhada na ponta da cama quando entro no quarto, que é exatamente onde eu a quero.

Desafivel meu cinto e ela molha os lábios. Tirar a roupa para Grace é como desembulhar um presente, cada nova faixa de pele exposta é um presente para o seu olhar ansioso. Afago seu rosto e pescoço, suas bochechas rosadas, depois deslizo meu polegar entre seus lábios.

A sua língua é macia e molhada, e mal posso esperar mais um segundo para sentir os seus lábios ao meu redor.

Tiro minha camisa e depois a calça, liberando meu pau e minhas bolas da cueca. Grace abre a boca obedientemente. Ela está ansiosa para me agradar, e sua seriedade envia uma injeção de adrenalina direto para o meu pau. Esfrego a cabeça sobre seus lábios, cobrindo-os com minha excitação.

Sua língua macia como um anjo desliza para fora para me provar. Eu gemo enquanto minhas bolas apertam.

— Me tome o máximo que puder, pequenina.

Enfio a cabeça em sua boca. Ela é uma coisinha faminta, balançando para frente e para trás ao longo do meu eixo, aceitando mais a cada movimento. Minha mão se fecha em torno de um punhado de cabelos dourados, enquanto observo meu eixo deslizar entre seus lábios.

— Acho que você adora chupar meu pau, pequenina.

Ela envolve meu eixo com a mão e se afasta de mim para dizer:

— Sim, senhor.

— O que você mais gosta nisso? — Afago a lateral do rosto dela. Grace dá um beijo suave na ponta, da mesma forma que beijaria algo delicado. Meu coração incha enquanto meu pau dói, e meu sádico interior jura fazê-la pagar por provocá-lo.

— Adoro agradar você — responde, com a voz cheia de fôlego. Ela acaricia meu eixo. — Adoro fazer você se sentir tão bem que você perde o controle e fode minha boca.

Deslizo meu polegar sobre seu lábio inferior.

— Você quer que eu foda sua boca, pequenina?

Ela assente com a cabeça.

— Por favor.

Gemo baixinho quando ela envolve seus lábios em volta de mim novamente. Com a mão na parte de trás de sua cabeça, empurro em sua boca com tanto controle quanto posso, encorajando-a a me chupar com mais força e mais rápido. A cabeça do meu pau encontra o fundo da garganta dela mais vezes do que posso contar. Grace engasga, baba e vejo minha excitação escorrendo pelo seu queixo.

Eu poderia reivindicar sua boca todos os dias pelo resto da minha vida e nunca me cansar. Mas por mais que eu esteja morrendo de vontade de gozar no fundo da garganta dela, apenas comecei a brincar com minha pequenina.

Grace choraminga enquanto eu a afasto, olhando para mim com olhos lacrimejantes que imploram por mais. Eu me sinto da mesma forma; não há como eu conseguir me fartar dela. Não importa quantas vezes ou de que maneira eu a tenha fodido, sempre desejarei mais de Grace.

Pego seus mamilos entre os dedos, depois dedilho as pontas endurecidas com os polegares. Ela choraminga, pressionando as coxas juntas.

— Você quer que eu faça doer, pequenina?

— Sim, senhor. Por favor.

Belisco seus mamilos com força. Ela arfa, empurrando o peito em minha direção, mesmo quando suas feições se contraem de dor. Eu alterno entre dedilhar e beliscar, depois dou uma bofetada boa e forte em seus peitinhos doces. Eu a empurro para baixo na cama, pairando sobre ela para que eu possa colocar um mamilo duro e inchado em minha boca.

Minha mão desliza por sua coxa para descansar contra seu centro. Ela já está esperando. Eu mergulho entre os lábios de sua boceta e toco a ponta do meu dedo médio em seu clitóris. Ela abre mais as pernas e se balança contra mim. Eu aperto firmemente seu mamilo, com força suficiente para descolorir a pele, enquanto traço pequenos círculos sobre seu clitóris.

É assim que deveria ser: dor e prazer entrelaçados, distribuídos à minha mercê. Achei que a estava protegendo ao tentar manter os dois separados, mas tudo o que fiz foi colocar um limite para ambos. Agora, mais do que nunca, vejo como eles se amplificam e se combinam. O prazer que dou permite que ela lide com mais dor, enquanto a dor intensifica o seu prazer. E o meu.

Torturo seu outro mamilo por um tempo, depois recuo para apreciar meu trabalho. Ela está corando do umbigo ao nariz, e tão excitada que está pingando excitação.

— Seu desespero é lindo. — Passo as mãos por suas coxas, passando por sua barriga e peito, evitando os típicos pontos de prazer em favor de áreas que tantas vezes passam despercebidas. Seus flancos sensíveis, a pele sensível logo abaixo do umbigo, o plano raso entre os seios.

Da próxima vez que estivermos em público e eu passar os dedos pelo seu antebraço, quero que ela se lembre desse momento. Como a fiz delirar com nada além de uma massagem suave.

— Vou algemar você na cama antes de açoitá-la — digo a ela.

Já se passaram meses desde que ela foi sequestrada, mas ainda faço questão de avaliar sua reação ao conceito de ser contida. Minhas algemas são muito mais bonitas do que as que Liam colocou nela, feitas de couro italiano e forradas com pele sintética. Esta não será a primeira vez que a amarro desde o incêndio, mas a ansiedade tem o hábito de ficar à espreita. Você pensa que está fora de perigo e, de repente, ele volta com tudo.

Grace me oferece os pulsos, com as palmas para cima, o olhar resolutivo.

— Estou pronta, senhor.

Prendo as algemas e digo a ela para se deitar de bruços na cama. Grace é perfeitamente capaz de se posicionar sozinha, mas nunca consigo resistir a uma oportunidade de tocá-la. Ela arfa enquanto eu deslizo as pontas dos dedos entre suas coxas, acariciando seu centro e continuando minha subida ao longo da fenda de sua bunda. Prendo as algemas que ela está usando em um conjunto de correntes que já estão presas na cabeceira da cama.

Dando um passo para trás, vou para o lado da cama e tomo um momento para admirar a perfeição apresentada diante de mim.

Meu pau dói por estar dentro dela. Eu me acaricio, sabendo que ela pode me ver e que isso a deixará ainda mais desesperada. Eu tinha planejado alimentar meus impulsos sádicos com alguma negação ao orgasmo, mas agora que a tenho à minha mercê, quero vê-la gozar.

Abro a cômoda que abriga nossa coleção de brinquedos e escolho o chicote que pretendo usar, bem como seu vibrador favorito. De volta à cabeceira, aperto o botão de ligar, enchendo o quarto com um zumbido baixo e ressonante.

Grace mexe a bunda ansiosamente.

— Abra as pernas para mim, pequenina.

Ela faz o que mando. Posiciono o vibrador entre suas coxas, garantindo que a cabeça arredondada toque seu clitóris. Ela rebola e geme.

— Você tem minha permissão para gozar quando estiver pronta — anuncio.

— Obrigada, senhor — diz ela com um suspiro.

Eu sorrio para mim mesmo. Grace acha que está se safando facilmente, mas a vantagem de saber do que ela gosta é que também sei como sobrecarregá-la com muitas coisas boas. Prendo seu cabelo para o lado, expondo suas costas. Ela treme enquanto passo as pontas de couro do chicote ao longo de sua coluna.

Aqueço suas costas com alguns tapas antes de começar a açoitá-la. Me concentrando em um lado de cada vez, desço golpes rítmicos de seus ombros até sua bunda. Em poucos minutos, ela está gemendo e se contorcendo com a força do seu primeiro orgasmo.

— Foi bom, pequenina? — pergunto a ela.

— Sim, senhor. Muito bom. — Ela tenta se afastar do vibrador.

Pressiono sua bunda, colocando-a novamente em contato com o brinquedo pulsante.

— Eu não te dei permissão para parar.

Ela choraminga enquanto eu açoito a parte de trás de suas coxas e sua bunda já avermelhada. Toda a sua metade inferior está tremendo com a tensão de manter seu clitóris no vibrador.

Passo meus dedos delicadamente por sua bunda, rindo sozinho.

Os arrepios que meu toque suave provoca, desencadeiam uma reação em cadeia dentro dela, levando a outro clímax. Posso dizer que este orgasmo é mais intenso que o primeiro. Ela choraminga, e o som é tão puro que não consigo resistir a apertar meu pau.

Eu poderia gozar assim, me masturbando em suas costas recém-açoitadas. Se eu não quisesse tanto estar dentro dela, eu faria isso, só para ver as lágrimas em seus olhos quando ela percebesse que eu a privei do privilégio de me fazer gozar ela mesma.

Depois de alguns minutos, começo a suspeitar que seu clitóris perdeu um pouco da sensibilidade. Eu aumento a velocidade das pulsações.

— É demais... não aguento... — Grace grita.

Seguro o vibrador firmemente no seu clitóris e desço a minha mão com força contra a sua bunda. Ela grita.

— Quem é o dono dessa boceta? — rosno.

— Você, s-senhor — ela gagueja.

— Isso mesmo, pequenina. É minha, não sua. Isso significa que você não decide quando é demais. — Mantenho a cabeça do vibrador pressionada contra seu clitóris, mesmo quando seus quadris balançam. Eu bato nela uma segunda vez e depois uma terceira.

A terceira vez acaba sendo a mágica, pois o orgasmo número três rasga seu corpo. Desligo o vibrador e passo os dedos sobre sua boceta. Grace está pingando. Não é preciso nenhum esforço para deslizar dois e depois três dedos dentro dela. Grace geme enquanto eu a fodo com meus dedos.

— Sua boceta está encharcada, pequenina. Quer meu pau dentro de você?

— Sim, senhor — ela responde.

— Então implore por isso.

— Por favor, me foda, senhor. Eu quero você dentro de mim. Eu amo seu pau. Me encha e foda minha boceta... — palavras sujas saem de sua boca como chuva. Inclino a cabeça dela para trás para poder beijar o canto daquela boca suja.

— Boa garota. — Beijo seu pescoço e ombros. Depois de tudo que esse raio de sol passou, ela ainda é a estrela mais brilhante do meu céu. — Eu te amo, demais.

Ela solta um suspiro suave enquanto eu me afasto.

— Eu também te amo, senhor.

Meu coração incha. Nunca vou me cansar do jeito que ela olha para mim, como se eu fosse algum tipo de herói. Na verdade, foi ela quem me salvou. Grace me deu um motivo para continuar lutando quando a culpa que eu arrastava atrás de mim estava sempre ameaçando me derrubar.

Tiro minha cueca. Meu olhar percorre o corpo de Grace,

marcado pelo meu açoite e pelas minhas próprias mãos firmes. Não posso deixar de dar alguns golpes longos em meu pau enquanto examino meu território. Ela morde o lábio, observando meu punho se mover para frente e para trás.

— De quem é este pau, pequenina?

Ela sorri.

— É meu, senhor, porque *você* é meu.

— Isso mesmo — digo a ela. — E eu vou dar para você.

Subo na cama e me posiciono entre suas pernas. Ela geme enquanto eu não perco tempo deslizando para dentro dela, até as bolas. Descanso meu corpo em cima do seu. Quero que Grace sinta meu peso pressionando-a, mantendo-a no lugar.

— Ah, meu Deus... — ela arfa. — É tão bom, senhor.

Sua pele ainda está quente por causa da surra e, sem dúvida, muito sensível.

— Você é tão gostosa, pequenina.

Eu me apoio nos cotovelos e começo a estocar, movendo meu pau para dentro e para fora de sua boceta apertada e molhada. Grace é boa demais para ser verdade, perfeita demais para este mundo, pura e brilhante demais para a escuridão que suportamos. Mesmo assim, ela prontamente aceita o coquetel de prazer e dor que ofereço, seu corpo rebolando de encontro ao meu. Ela é meu par em todos os sentidos. Minha redentora, minha pupila. No dia em que nos conhecemos, tornei-me seu guardião, seu protetor e guardião, no verdadeiro sentido do termo.

Colocando minhas mãos entre seu corpo e a cama, aperto e seguro seus seios enquanto a fodo. A julgar pela forma como seus músculos internos se flexionam ao meu redor, devo estar pressionando seu clitóris no colchão com cada impulso. O som das correntes batendo na cabeceira da cama faz minhas bolas apertarem. Grace está inteiramente à minha mercê, indefesa, mas não sem ajuda, porque estou determinado a ajudá-la a arrancar outro orgasmo de sua boceta insaciável.

Mudo meu ritmo de lento e profundo para forte e rápido, beijando e mordendo sua nuca e ombro. Seu suor tem um gosto doce e salgado e eu o absorvo, engolindo-o como se fosse uma bebida. Estou bêbado com o som dos seus gemidos e com a sensação do seu corpo à minha volta.

Grace choraminga enquanto eu me afasto de sua boceta. Eu a guio sobre os cotovelos e joelhos, em seguida, alcanço entre suas coxas para provocar seu clitóris. Ela rebola contra meus dedos. Abro suas dobras e levo minha boca até sua boceta, balançando minha língua em seu clitóris.

— Senhor... — Ela arqueia as costas para me conceder melhor

acesso ao seu clitóris. — Quero voltar. Posso? Por favor?

— É melhor que você goze, pequenina — eu rosno. — Não vou te foder de novo até que você faça isso.

Como sua boceta por trás, lambendo e chupando até que ela fique uma bagunça trêmula. Grace quer gozar, mas sua boceta precisa de algo mais para ajudá-la a ultrapassar o limite. Procuro o vibrador ao redor da cama, ligo-o e toco em seu clitóris.

— Ah, meu Deus... senhor... — Ela fica em silêncio total por um momento, depois geme como uma sereia, apertando o vibrador e soltando um suspiro longo e rouco.

Não lhe dou tempo para recuperar do seu orgasmo antes de entrar nela novamente. Seus músculos continuam a flexionar ao meu redor enquanto eu estoco nela. Duro, rápido e profundo. Grace atende aos meus impulsos. Estou tão perto que consigo sentir meu orgasmo a crescer, surgindo das bolas para a minha virilha, subindo e saindo do meu pau, para a minha pequenina. Minha Grace. Meu amor.

Eu caio sobre ela, pulsando e gozando, enchendo-a até que ela transborde. Reivindicando e marcando ela como minha.

Esta não é a primeira vez que gozo dentro de Grace, e certamente não será a última, mas algo nela parece diferente. De repente, me ocorre: integrei o sexo em uma cena com Grace sem parar para adivinhar meus instintos.

Meu gozo desce entre suas coxas enquanto me retiro de seu corpo. Solto as correntes das algemas em seus pulsos e a puxo para meu colo.

Dou um beijo em sua testa.

— Obrigado, pequenina — digo com voz rouca.

— Pelo quê, senhor? — ela sussurra.

— Por confiar em mim seu precioso ser esta noite.

Ela sorri e se aconchega em meu peito.

— Obrigada, senhor, por confiar em mim.

EPÍLOGO



Grace

Dois anos depois...

Meu telefone ilumina a escuridão na traseira da Mercedes. Desbloqueio a tela e leio a mensagem de Jasmine, perguntando se tenho certeza de que não poderei ir à festa desta noite. Mando uma mensagem de volta para ela e digo que tenho certeza de que não poderei ir, mas que espero que ela se divirta e tome uma dose para mim. Ela responde com um emoji de berinjela e três salpicos de água.

Falta apenas uma semana para o início do nosso ano letivo, mas parece que estou longe de Aidan há muito mais tempo. Estou ansiosa para voltar para casa desde que ele me deu um beijo de despedida no domingo passado.

Guardo o telefone na minha bolsa no momento em que Benjamin para em frente ao nosso prédio. A propriedade dos meus pais, bem como a antiga propriedade de Aidan, foram vendidas por um valor bem acima do preço pedido no ano passado. Em vez de procurar uma nova casa imediatamente, decidimos esperar até eu terminar a faculdade para procurar uma casa. Vou me inscrever para dançar em companhias de ballet em todo o país, além de algumas no exterior. Onde criaremos raízes dependerá de onde eu for aceita, embora meu sonho seja dançar no New York City Ballet.

Benjamin salta para abrir a porta para mim. Agradeço pela carona e entro no prédio, pegando o elevador privativo que sobe setenta e seis andares até a cobertura.

Gosto de morar na cidade. Sempre há um ballet ou uma peça sendo exibida em algum lugar, e você pode comer o que quiser a qualquer hora do dia ou da noite. Ao entrar no grande hall de entrada, ouço Aidan falando ao telefone em seu escritório. Desde que Jen e Ethan se casaram no ano passado, ela vai para casa mais cedo nas noites de sexta-feira. Não poderei vê-la até amanhã, mas conhecendo Jen, ela chegará bem cedo.

Vou para o quarto para deixar minha bolsa e me despir, depois caminho pelo amplo apartamento completamente nua até meu estúdio. É aqui que espero por Aidan nas noites em que volto da faculdade.

De joelhos no centro da minha linda pista de dança, de frente para o espelho, observando a porta. Não preciso esperar muito para que Aidan se mostre.

Ele me observa da porta por um momento antes de entrar na sala. Meu coração bate mais rápido quando ele vem atrás de mim.

— Levante-se, pequenina — ele diz, e eu levanto.

Aidan passa os dedos pelo meu cabelo, depois passa os nós dos dedos pelo meu braço e peito, descendo pela lateral até o umbigo.

Eu suspiro quando ele passa a ponta dos dedos sobre meu centro.

— Você foi muito gentil em não me mandar mensagens esta semana — ele diz. Depois de passarmos o verão juntos, Aidan estava preocupado com a possibilidade de eu voltar ao ritmo das coisas na faculdade. Ele introduziu a regra de que eu não tinha permissão para enviar mensagens para ele mais de duas vezes por dia, com seis horas de intervalo.

Se eu conseguisse cumprir essa nova regra, ele me recompensaria com uma selfie. Se eu passasse doze horas inteiras sem mandar mensagens para ele, ele mandaria um nude.

Aidan captura meu mamilo entre os dedos, beliscando suavemente. Suspiro quando o prazer percorre meu corpo como eletricidade. Ele tira um alicate do bolso e fica atrás de mim.

Observo seu reflexo com curiosidade.

— Para que serve isso, senhor?

— Para tirar a coleira — ele responde.

Meu coração salta para a garganta. A única razão pela qual removo a coleira é para uma atuação. Engulo minha apreensão para poder perguntar a ele:

— Eu... fiz algo errado?

— De jeito nenhum.

Eu o sinto mexer no mecanismo de trava na parte de trás do meu colar.

— Então por que você está tirando isso?

Meu estômago se contrai quando a corrente se afrouxa e depois cai. Eu a pego enquanto desce, embalando-a como um tesouro entre as palmas das mãos.

— Seria estranho usar duas ao mesmo tempo, não acha? — ele pergunta.

— Sim — eu digo. — Espera, o quê?

Aidan enfia a mão no outro bolso. Um brilho desconhecido em

seu olhar me faz olhar para seu reflexo. Ele passa meu cabelo por cima do ombro e depois esfrega o queixo. Percebo de repente que meu dominador está... nervoso.

Ele coloca as duas mãos sobre meus ombros para colocar algo em meu pescoço. É outro colar com um anel — só que este anel é forrado de diamantes.

Meus olhos se arregalam.

— Senhor...

Aidan encontra meu olhar no espelho.

— Pequenina, esses últimos dois anos com você foram os anos mais felizes da minha vida. Amar você me tornou um homem e um dominador melhor. Mas isso não é suficiente. Quero lhe dar uma vida tão abundante e extraordinária quanto você. Eu quero ser seu marido. Você não precisa responder esta noite...

— Sim — digo a ele. — Sim, me caso com você, senhor. Mil vezes sim.

Meu corpo inteiro fica vermelho enquanto a felicidade explode em meu peito. Aidan quer que eu seja sua esposa. Sinto como se estivesse girando na grama recém-cortada com os braços bem abertos e o sol ao rosto.

Seu olhar se estreita. Ele bate na minha bunda, sua boca se inclinando em um meio sorriso.

— Eu não terminei — diz com firmeza. — Não preciso de uma resposta esta noite porque não vamos nos casar até que você termine a faculdade. — Ele prende o mecanismo de trava na minha nuca, guarda o alicate no bolso e apoia as mãos nos meus ombros. — Embora eu agradeça seu entusiasmo.

Aidan vira meu rosto para me beijar nos lábios. Fecho os olhos e me derreto contra seu corpo, consciente de sua mão descendo entre minhas pernas. Ele massageia meu clitóris em círculos pequenos e tentadores. Eu choramingo em sua boca, me rendendo ao toque do homem que conhece meu corpo tão bem quanto eu.

— Não se atreva a gozar até que eu mande, pequenina.

Vou esperar para gozar. Eu esperaria para sempre, se Aidan me pedisse, assim como esperarei para usar seu anel. Porque sei que, no final, a recompensa valerá a pena esperar, pelo prazer de ser submissa de Aidan.

Sua pequenina. Seu amor. *Sua*.



Aidan

Seis anos depois...

Amelia, minha filha de dois anos, suspira durante o sono.

Acaricio seu cabelo sedoso, do mesmo tom de loiro da juba dourada de sua mãe.

— Boa noite, docinho — eu sussurro. — Mamãe e eu veremos você pela manhã.

Beijo sua testa e acaricio sua bochecha rechonchuda. Me afastando do berço de Amelia, vejo minha assistente na porta, olhando para mim com a expressão muito familiar de “ahhh”.

— Pare com isso — eu digo.

Jen ri, afastando-se para que eu possa entrar no corredor.

— Não posso evitar — ela fala. — Ver você adorar aquela garotinha sempre me deixa emocionada.

Olho de volta para o quarto de Amelia. Por muito tempo depois da morte de Liam, eu não tinha certeza se conseguiria ser pai pela segunda vez. Não que eu tivesse tido a chance de ser pai de Liam até que fosse tarde demais. Eu sabia que Grace queria um filho. Eu nunca teria pedido a ela em casamento se não achasse que poderia dar a vida que ela merecia. Mas o medo de que eu estragasse tudo de novo era uma presença constante em minha mente.

Descobrir que Grace estava grávida me forçou a fazer um exame de consciência. Tenho o prazer de dizer que assim que Amelia veio ao mundo, todas as minhas dúvidas se dissolveram, sendo substituídas por um fluxo inabalável de amor incondicional.

Não há dúvida de que desta vez vou acertar. Eu preciso. Simples assim.

— Grace ainda está no banho? — pergunto.

— Acredito que sim — Jen responde.

Minha esposa e eu temos planos de ir à festa de Matthew hoje à noite. Entre Amelia e os nossos exigentes horários de trabalho, há semanas que não temos a oportunidade de assumir os nossos papéis de “senhor” e “pequenina”.

Agradeço a Jen por se oferecer para cuidar de Amelia esta noite e vou para o quarto principal para ver minha esposa. O chuveiro em nosso banheiro é essencialmente uma câmara separada de pedra e azulejo anexada ao banheiro. Posso ficar na entrada sem ser borrifado por água e observar minha mulher enxaguar a espuma do corpo — *e que corpo*. Absorvo seu corpo longo e magro, suas pernas tonificadas de bailarina. Não pensei que fosse possível, mas ela está em melhor forma agora do que quando nos conhecemos.

Depois de se formar na Jost Academy, Grace conseguiu uma posição principal no New York City Ballet, seu emprego dos sonhos desde criança. Mas a vida aparentemente achou por bem realizar todos os seus sonhos de uma vez, porque menos de um ano depois soubemos que ela estava grávida.

No início, Grace ficou preocupada que a gravidez significasse o fim de sua carreira no ballet. Porém, com tempo, paciência e ajuda de uma fisioterapeuta, ela voltou para a companhia como uma dançarina ainda mais forte e mais sintonizada com as habilidades de seu corpo.

Recentemente, ela assumiu a imensa tarefa de curadoria e protagonista de um programa que apresentará mais de uma dezena de peças performáticas, que vão do ballet clássico a rotinas modernas combinando ballet com hip-hop e sapateado. É uma quantidade impressionante de trabalho, mas ela adora, e eu adoro a sensação de confiança que toda essa responsabilidade infunde nela.

Grace olha para cima e me pega olhando, então sorri.

— Amelia está dormindo?

Concordo com a cabeça.

— Capotada.

Ela esguicha um punhado de creme de barbear na palma da mão e espalha entre as pernas. Eu a instruí a se depilar em preparação para a cena desta noite. O calor percorre meu corpo enquanto vejo minha esposa passar a navalha em suas partes íntimas, preparando-as para mim.

Enquanto Grace está ocupada se vestindo, arrumo uma bolsa com minha calça de moletom e alguns de nossos chicotes favoritos.

O caminho até o apartamento de Matthew é curto e tenso de ansiedade. Posso sentir a excitação de Grace na maneira como ela aperta minha mão quando nos aproximamos do prédio.

— Pronta, pequenina? — pergunto.

— Sim, senhor — ela sorri. Minha pequenina esteve ansiosa por esta festa durante toda a semana, ansiosa pela chance de entregar o controle, mesmo que apenas por algumas horas.

Engancho dois dedos em sua coleira e dou um beijo possessivo em seus lábios. Olhando para trás, é uma loucura pensar que houve um tempo em que eu não beijava minhas submissas. Mas ver minha coleira no pescoço de Grace pela primeira vez, tantos anos atrás, acendeu um fogo dentro de mim. Uma necessidade implacável de reivindicar uma pequena parte dela — e sua boca carnuda e rosada estava implorando para ser provada.

Paramos na entrada do prédio de Matthew. Entrego minhas chaves ao manobrista e coloco a mão na parte inferior das costas de Grace enquanto entramos no saguão e pegamos o elevador até a cobertura.

Uma jovem submissa chamada Ari nos dá as boas-vindas à festa assim que saímos do elevador. O vestido curto e sem costas de Grace, combinado com sua longa trança loira, atrai olhares tanto de dominadores quanto de submissas. Fazemos nossas rondas, cumprimentando velhos amigos e vendo o que todos estão fazendo.

Matthew finalmente nos encontra na sala de estar.

— Que bom que vocês conseguiram vir — ele diz. — É sempre um prazer ver sua pequenina.

Grace inclina a cabeça respeitosamente.

— Você a verá muito mais em breve — digo a ele. — Supondo que nossa cena esteja pronta.

Embora Grace e eu gostemos de encenar em nosso próprio quarto, nós dois passamos a apreciar a emoção de fazer isso diante de um público. Eu nunca compartilharia minha pequenina com outro dominador — aprendi essa lição da maneira mais difícil. Mas a ideia de outro dominador querer o que é meu e não poder tê-la é combustível para o meu sádico interior.

Matthew estala os dedos, convocando uma das ajudantes da masmorra ao seu lado.

— Leve Mestre Aidan à sala de jantar.

— Sim, senhor — a jovem diz.

Meu amigo me lança um sorriso significativo.

— Divirtam-se. Isso é uma ordem.

Grace e eu seguimos a ajudante da masmorra até a sala de jantar, que foi isolada especificamente para nosso uso. Tenho o prazer de encontrar a mesa arrumada de acordo com minhas especificações, coberta com uma toalha preta e com uma variedade de velas de parafina e frascos de óleo de massagem.

— Tire o vestido e os sapatos, pequenina.

Enquanto coloco uma calça de moletom preta, Grace tira o vestido, deixando a calcinha rendada bege no lugar. Ela está diante de mim com as mãos cruzadas atrás de si e a cabeça baixa, do jeito que eu a treinei para esperar. Grace é linda, uma tela perfeita para a cera com a qual pretendo pintá-la.

Deslizo minhas mãos ao longo de seus lados antes de levantá-la sobre a mesa de jantar.

— Deite-se — digo a ela.

Grace se abaixa até a mesa, deixando as panturrilhas penduradas na borda.

Acendo um fósforo e encosto a chama no pavio de uma vela longa e cônica. É o tipo errado de vela para brincar de cera, mas pretendo usá-la apenas como fonte de chama contínua. Abro uma garrafa de óleo de amêndoa doce, enquanto vários convidados entram silenciosamente na sala para assistir.

A respiração da minha pequenina fica arfante. É hora da apresentação começar.

Derramo óleo no centro de seu peito, parando alguns centímetros acima de sua calcinha. Ela cantarola baixinho enquanto passo o óleo em sua barriga e em seu peito. Seus seios parecem

deliciosos, brilhando com óleo, e a sinto suave como seda sob minhas mãos. A última vez que encenamos para uma multidão, eu a açoitiei até que brilhasse em um rosa ao pôr do sol.

Esta noite, pretendo pintá-la de todas as cores do arco-íris.

Grace choraminga enquanto passo óleo de massagem em seus mamilos, suas pálpebras pesadas de excitação. Minha virilha aperta. Aliso minhas palmas por seu torso, até suas coxas, espalhando óleo entre suas pernas.

Minha pequenina cantarola de prazer. Já posso ver uma pequena mancha molhada se formando em sua calcinha.

Escolho uma vela de parafina vermelha, encostando o pavio na chama cônica da vela. Giro a vela para que a cera derreta uniformemente, criando uma tigela de cera derretida ao redor do pavio. Descansando a mão no joelho de Grace, espero até que haja uma boa quantidade de cera acumulada no centro.

— Me diga se estiver muito quente — aviso. Quanto mais alto eu seguro a vela, mais fria a cera ficará quando atingir sua pele. Esta não é a primeira vez que brincamos com cera, mas já faz um tempo desde a nossa última vez.

Virando a vela, deixo algumas gotas caírem em sua barriga. Grace inspira profundamente.

— Muito quente? — pergunto.

— Não, senhor — ela responde. — Apenas... surpreendente.

Deixo gotas entre seus seios, na parte superior do peito e, finalmente, sobre os mamilos. Ela morde o lábio inferior e geme. Meu pau lateja; tenho certeza de que não é o único na sala a reagir ao som. Abaixo a vela alguns centímetros, deixando uma gota de cera mais quente atingir seu peito.

Ela choraminga.

— Isso foi intenso.

— Dor ou prazer?

Sua boca se inclina em um sorriso.

— Ambos, senhor.

Deslizo minha mão pela parte interna de sua coxa, deslizando meus dedos sobre sua calcinha. Ela está quase encharcada através do tecido. Acho impossível desviar os olhos da faixa de pano que separa meu olhar daquilo que me pertence.

Grace treme enquanto coloco cera em seu abdômen. Eu valorizo as reações de seu corpo, desde seus gritos ofegantes até a forma como sua pele fica vermelha ao longo das bordas da cera. Troco a vela vermelha por uma roxa que queima um pouco mais quente, e deixo cair em suas coxas. Ela choraminga quando uma gota de parafina quente desliza pela dobra de sua coxa. Minha atenção segue a trilha roxa. Estamos encenando há pouco tempo, mas estou mais do

que pronto para reivindicá-la.

Segurando a vela a uma curta distância, deixo cair uma pequena poça de cera em sua calcinha.

— Ah, meu Deus... senhor... — Ela rebola no ar, flexionando os dedos ao lado do corpo. Aposto que Grace está morrendo de vontade de tocar seu clitóris.

Uma onda de desejo percorre meu corpo. Eu poderia gozar apenas observando seu corpo implorar por alívio. Pego uma vela azul e acendo o pavio com a vela roxa ainda acesa na mão.

Suas pernas tremem enquanto eu pingo mais cera quente em sua calcinha, aquecendo sua boceta através do pano.

Gotas de suor surgem em sua testa. O tamanho da multidão ao longo do perímetro da sala quase dobrou. Homens e mulheres, dominadores e submissas, observando atentamente enquanto atormento minha pequenina.

Apago as velas e as coloco de lado.

— Levante a bunda, pequenina.

Ela examina a sala, observando os olhares da multidão extasiada.

— Não me faça ordenar de novo — rosno.

Ela levanta os quadris da mesa para que eu possa deslizar sua calcinha para baixo e tirá-la. Molho os lábios ao ver suas dobras suaves, brilhando como um fruto maduro e proibido.

Minha boca se enche de água. Derramo muito óleo na palma da mão.

Grace geme enquanto passo o óleo de amêndoa em todo seu centro, deslizando meus dedos por suas dobras. Apenas essa leve pressão é suficiente para fazer seus quadris balançarem, perseguindo meu toque mesmo quando ele a deixa. Ela observa atentamente enquanto eu reacendo as velas azuis e vermelhas e começo a pingar cera nas áreas que acabei de massagear.

— Abra mais as pernas, pequenina — digo com voz rouca. Grace se abre para mim. Solto um gemido que lembra algo que passa a maior parte do tempo em uma caverna.

Uma gota de cera cai em seu clitóris.

Sua cabeça inclina para trás.

— Ah... Por favor, senhor. Eu preciso...

Eu sei exatamente o que ela precisa. É a mesma coisa que estou morrendo de vontade de vê-la fazer.

— Toque-se — comando.

Sua mão quase se teletransporta para sua boceta.

Pingo cera em seus seios, segurando a vela perto de sua pele. Ela arfa. É mais quente nesta curta distância, mas Grace aguenta o calor como a masoquista nata que é. Tento pintar estrelas e corações

em seus seios e barriga, mas acabo desistindo de desenhar qualquer coisa coerente.

O resto da sala e todos nela desaparecem, enquanto observo os dedos delicados de Grace dançarem sobre seu clitóris. Sua boceta brilha com todo o óleo, assim como com sua própria umidade. O fluxo da sua respiração pesada enche minha cabeça.

Meu pau dói como se tivesse sido machucado, e minhas bolas não poderiam estar mais apertadas. Não aguento mais a porra da pressão.

Apago as velas, coloco-as de lado e liberto meu pau. Os olhos de corça da minha pequenina se fixam no meu pau duro. Seus próprios movimentos ficam lentos enquanto ela me observa segurar meu pau a centímetros de seu clitóris.

— Não se atreva a parar, pequenina. Você vai tocar essa preciosidade até gozar para mim. Entendeu?

— Sim, senhor.

Enganchando minha mão atrás de seu joelho, mantenho suas coxas abertas e continuo acariciando meu pau diretamente sobre sua boceta. O óleo de massagem me permite ser rude comigo mesmo. Fodo meu próprio punho como se fosse o corpo de Grace, que é onde eu quero estar. Enterrado dentro dela, com meu polegar em seu clitóris, profundamente em êxtase.

Grace geme, longo e alto, enquanto estremece, rosto e pescoço ficando vermelhos. Peitos balançando. Quadris balançando para encontrar seus próprios dedos.

Ela está gozando e é mais linda do que qualquer coisa que minha imaginação possa fantasiar.

No fundo, lembro que ainda temos público. Vou açoitar minha pequenina por horas na frente de curiosos, mas só fodo minha esposa em particular. No entanto, passei do ponto sem volta em algum lugar entre arrancar sua calcinha e agarrar meu pau.

Deslizo dois dedos dentro dela no momento em que os ecos finais de seu orgasmo fazem seus músculos se contraírem. Eu sugo o ar através dos meus dentes enquanto meu eixo lateja e fica tenso.

Grace arqueja quando o primeiro jato branco translúcido poussa em sua barriga. O resto logo segue em riachos e jatos que se misturam com as gotas refrescantes de cera. Acaricio até minhas bolas ficarem vazias, até não ter mais nada para dar.

Apoiando-me acima da minha pequenina, seguro a parte de trás de sua cabeça e reivindico sua boca em um beijo que exige a submissão de sua língua. Sua abertura e vontade de me oferecer sua boca são todas as evidências de que preciso para saber que ela está satisfeita.

A coleira no pescoço de Grace. Estas noites imersas em dor e

prazer. A liberdade de entrar no espaço de submissão sem ter que se preocupar em ser chamado repentinamente. É assim que ela se lembra de quem ela é, além de dançarina e mãe.

Observo os riachos secos de cera em seu corpo, os salpicos de cor cobertos com a marca de minha propriedade.

— Você nunca esteve mais linda do que agora, pequenina.

Ela suspira contentemente.

— Obrigada, senhor.

Eu acaricio a lateral do rosto dela. Nossa vida juntos mudou irrevogavelmente quando nos tornamos pais, mas isso não significa que temos que mudar quem e o que somos um para o outro. Podemos nos comprometer a reservar momentos para deixar de lado os títulos que recebemos — papai, mamãe, chefe, bailarina — em favor dos títulos que escolhemos para nós mesmos há muito tempo.



Mais tarde, no escuro, em nossa cama, coloco as mãos de Grace acima de sua cabeça e enterro meu pau profundamente dentro dela. Não fico surpreso quando ela goza novamente, logo após o último orgasmo que minha língua exigiu de seu clitóris.

— Você é minha, pequenina — digo roucamente, pontuando cada afirmação com um impulso. — E você sempre será minha. Diga.

Ela arfa enquanto eu estoco mais fundo, seus músculos flexionando ao meu redor e sua astúcia me estimulando a fodê-la mais rápido.

— Sempre serei sua pequenina, Aidan — ela responde. — Para sempre.

Beijo seus doces lábios, ainda inchados de tanto chupar meu pau como uma boa garota. Depois de quatro anos de casamento e quase nove anos juntos ao todo, ainda quero minha Grace tanto quanto a desejei na noite em que ela se ajoelhou aos meus pés em uma festa para a qual não foi convidada.

Para mim, ela ainda é aquela garota tenaz de olhos arregalados, com um sorriso radiante e uma proposta que eu não pude recusar. Nunca desejarei ou amarei alguém mais do que desejo e amo essa garota. Minha esposa. Minha pupila. Minha pequenina.

SOBRE A AUTORA



A autora best-seller do USA Today, Margot Scott, gosta de leituras curtas e sensuais, sorvete de baunilha com granulados coloridos e dias chuvosos passados na cama com seus filhotes peludos. Quando não está escrevendo histórias de amor proibidas sobre homens mais velhos barbudos, você pode encontrá-la navegando no Pinterest em busca de fotos de coisas cor de rosa.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/margotscottauthor

www.facebook.com/margotscottauthor

www.pinterest.com/margotscottauthor

www.margotscott.com



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

Table of contents

1. [Início](#)
2. [Aviso de gatilhos](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [Capítulo 13](#)
16. [Capítulo 14](#)
17. [Capítulo 15](#)
18. [Capítulo 16](#)
19. [Capítulo 17](#)
20. [Capítulo 18](#)
21. [Capítulo 19](#)
22. [Capítulo 20](#)
23. [Capítulo 21](#)
24. [Capítulo 22](#)
25. [Capítulo 23](#)
26. [Capítulo 24](#)
27. [Capítulo 25](#)
28. [Epílogo](#)
29. [Sobre a autora](#)
30. [Sobre a Five](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)

3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)

47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)

91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)

135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)

179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)

223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)